

Sediana Rizzo Czrnorski

Chics, elegantes e distintas: a moda na Seção Jornal das  
Famílias da Revista da Semana (1915-1918)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História, sob a orientação da Profa. Dra. Marlise Regina Meyrer.

Passo Fundo

2015

Dedico este trabalho, primeiramente, à minha filha, Isadora Rizzo Czrnorski.

Ao meu marido, Cristiano Czrnorski, pela paciência e pela compreensão.

À minha mãe, Ana Laura Rizzo, pelo apoio. Ao meu pai, Sedi Rizzo (*in memoriam*).

Ao meu irmão, Giovani Rizzo. Enfim, agradeço a toda a minha família por compartilhar os momentos de angústia, de tristeza e de felicidade.

## RESUMO

O trabalho pretende, a partir da análise da seção *Jornal das Famílias*, veiculada pela *Revista da Semana* no período de 1915 a 1918, investigar de que modo a distinção social ligada ao gênero feminino é construída e difundida no periódico. O recorte temporal delimitado para esta investigação parte de uma modificação na própria *Revista da Semana*, que, até o ano de 1914, se autodefinia como sendo de variedades e, em 1915, passou a se identificar como uma revista feminina. O recorte final define-se pelo término da Primeira Guerra Mundial, evento que marcou e influenciou as transformações na moda. No Brasil, o período é marcado pelo advento da Primeira República e pelas reformas urbanas, no contexto da emergência da modernidade, sob inspiração europeia. A análise proposta parte do entendimento de que a moda possui uma função comunicadora, atuando como sistema de signos que informam acerca dos papéis e/ou das identidades assumidas pelos sujeitos no seu estar no mundo. Utilizou-se como principal fonte e objeto de estudo a seção *Jornal das Famílias* da *Revista da Semana*. A revista era, na época, uma das mais importantes publicações do gênero, sendo a pioneira na utilização da fotografia para ilustrar suas reportagens e, ainda, o primeiro grande projeto de uma revista em moldes empresariais no Brasil. Para entender de que forma as imagens e os textos, relacionadas à moda no periódico, constroem e reproduzem marcadores de classe e de gênero, orientou-se por Bourdieu (1989), que entende a moda como elemento simbólico de distinção social. Partiu-se do pressuposto de que a moda não inclui apenas o vestuário, mas, igualmente, todos os objetos que se relacionam à composição da aparência, bem como as condutas, os gestos, os valores e os comportamentos, componentes que serão analisados enquanto signos de distinção social e de gênero.

Palavras-chave: Moda. Distinção social. Gênero. Revista ilustrada.

## ABSTRACT

The research aims, based on the analysis of the Journal of Family section, published by Week Magazine from 1915 to 1918, investigate how social distinction concerning the female gender is constructed and spread in the journal. The defined time cutting for this investigation parts based on a modification in the magazine itself, that, up to the 1914, defined itself as a varieties magazine, and, in 1915, began to identify itself as a women's magazine. The final cut is defined by the end of the First World War, event that marked and influenced transformations in fashion. In Brazil, period is marked by the advent of First Republic, and urban reforms, in the context of the emergence of modernity, under European inspiration. The proposed analysis starts from the understanding that fashion has a communicator function, acting as sign system that inform about the roles and / or identities assumed by individuals in their being in the world. It was used as the main source and object of study section Journal of Families of the Week Magazine. The magazine was, at that time, one of the most important publications in that genre, being the pioneer in the use of photography to illustrate their stories and, still, the first major project of a magazine in business lines in Brazil. To understand how images and texts related to fashion in the magazine We are guided by Bourdieu (1989), who understands fashion as a symbolic element of social distinction. We started with the assumption that fashion not only includes clothing, but, likewise, all objects which are related to the composition of appearance, as well as conducts, gestures, values and behaviors, components that will be analyzed as signs of social distinction and gender.

Keywords: Fashion. Social distinction. Genre. Illustrated magazine.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: <i>Revista da Semana</i> n. 39 - Ano XVI, seção <i>Chronica da Moda</i> de 06 de novembro de 1915. ....	26
Figura 2: Segunda página do primeiro exemplar da <i>Revista da Semana</i> . ....	29
Figura 3: <i>Revista da Semana</i> n. 2, Anno XIX- 16 de Fevereiro de 1918. Condições de assinatura da <i>Revista da Semana</i> . ....	32
Figura 4: <i>Revista da Semana</i> n. 01, Anno XV – 14 de fevereiro 1914. Instantâneos da Avenida na cidade do Rio de Janeiro. ....	33
Figura 5: <i>Revista da Semana</i> n. 43, Anno XVII. Primeira página da seção <i>Jornal das Famílias</i> n. 66 de 02 de dezembro 1916. ....	37
Figura 6: <i>Revista da Semana</i> n. 32, Anno XVI. Segunda página da seção <i>Jornal das Famílias</i> n. 03 de 18 de setembro 1915. ....	38
Figura 7: <i>Revista da Semana</i> n. 43, Anno XVI. Terceira página da seção <i>Jornal das Famílias</i> n. 66 de 02 de dezembro de 1916. ....	40
Figura 8: <i>Revista da Semana</i> n. 49. Quarta página da seção <i>Jornal das Famílias</i> n. 20 de 15 de janeiro de 1916. ....	42
Figura 9: <i>Revista da Semana</i> n. 51, Anno XVI – 29 de Janeiro de 1916. Primeiro modelo de cabeçalho da seção <i>Jornal das Famílias</i> . ....	43
Figura 10: <i>Revista da Semana</i> n. 08, Anno XIX – 30 de março de 1918. Segundo modelo de cabeçalho da seção <i>Jornal das Famílias</i> . ....	45
Figura 11: <i>Revistada Semana</i> n. 45, Anno XIX – 14 de Dezembro de 1918. Terceiro modelo de cabeçalho da seção <i>Jornal das Famílias</i> . ....	46
Figura 12: <i>Revista da Semana</i> n. 45, Anno XL – 14 de outubro de 1939. Um dos últimos exemplares da seção <i>Jornal das Famílias</i> de 1939. ....	47
Figura 13: <i>Revista da Semana</i> n. 01, Anno XLI – 06 de Janeiro de 1940. Seção <i>O que está na moda</i> de 1940 da <i>Revista da Semana</i> . ....	47
Figura 14: Avenida Central, 1906. Foto de Augusto Malta. ....	53
Figura 15: Modelo de traje feminino de Paul Poiret – casaco Kimono. ....	66
Figura 16: Trajes em jérsei de Gabrielle Coco Chanel. ....	67
Figura 17: Trajes femininos e infantis desenvolvidos por Jeanne Lanvin em 1916. ....	68
Figura 18: <i>Revista da Semana</i> n. 2, Anno XVII, 19 de fevereiro de 1916. Primeira página da seção <i>Jornal das Famílias</i> apresenta um modelo de traje feminino com “ <i>a ultima criação da casa Paquim de Paris</i> ” ....	69
Figura 19: <i>Revista da Semana</i> n. 46, Anno XVI, 18 de dezembro de 1915. Primeira página da seção <i>Jornal das Famílias</i> com modelos de trajes femininos. ....	70
Figura 20: <i>Revista da Semana</i> n. 39, Anno XVIII, 3 de novembro de 1917. Modelos de trajes femininos na seção <i>Jornal das Famílias</i> com uma silhueta mais afunilada na barra das saias. ....	71

Figura 21: <i>Revista da Semana</i> n. 47, Anno XIX, 28 de dezembro de 1918. Modelos de trajes femininos na seção <i>Jornal das Famílias</i> .....	72
Figura 22: <i>Semanário Ilustrado Fon-Fon</i> n. 23, Anno IX – 05 de junho 1915. <i>Mobília Estylo Maiple</i> .....	89
Figura 23: <i>Revista da Semana</i> n. 40, <i>Jornal das Famílias</i> n. 11, <i>Modas</i> , 13 de novembro de 1915. Modelos de trajes femininos com combinações entre diversos tecidos representados na seção <i>Jornal das Famílias</i> .....	90
Figura 24: <i>Revista da Semana</i> n.21, <i>Chapeus e Vestidos – Ultimos Modelos</i> , 29 de junho de 1918. Modelos de chapéus e trajes femininos na seção <i>Jornal das Famílias</i> .....	92
Figura 25: <i>Revista da Semana</i> n. 26, <i>Jornal das Famílias</i> n. 96, <i>Modas</i> , 04 de agosto 1917. Ilustração com modelos de trajes e acessórios para o público feminino.....	96
Figura 26: <i>Revista da Semana</i> n. 44, <i>Jornal das Famílias</i> , n. 15, <i>Costuras e Bordados</i> , 11 de dezembro 1915. Trajes de dormir feminino bordados à mão.....	99
Figura 27: <i>Revista da Semana</i> n. 34, <i>Jornal das Famílias</i> , n. 05, <i>A Moda</i> , 02 de outubro 1915. Ilustração com modelos de blusas e golas.....	101
Figura 28: <i>Revista da Semana</i> n. 33, Anno XVI, seção <i>Jornal das Famílias</i> , <i>Costuras e Bordados</i> , 25 de setembro 1915. Acessórios e artigos de decoração para o lar bordados. ....	102
Figura 29: <i>Revista da Semana</i> n. 42, Anno XVI, seção <i>Jornal das Famílias</i> n. 13, <i>Costuras e Bordados</i> , 27 de novembro 1915. Leque de tule.....	104
Figura 30: <i>Revista da Semana</i> n. 44, <i>Jornal das Famílias</i> n. 36, <i>Os novos espartilhos</i> , 09 de dezembro 1916. Ilustração de modelos de espartilhos.....	113

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Relação dos exemplares da <i>Revista da Semana</i> e da seção <i>Jornal das Famílias</i> com relação ao recorte de 1915 a 1918. ....	83
Tabela 2: Relação das reportagens que são predominantes na seção <i>Jornal das Famílias</i> entre 1915 a 1918 com o seu percentual.....	84
Tabela 3: Resultados da análise baseados nas categorias de investigação. ....	85

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>1 AS REVISTAS ILUSTRADAS NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Revista da Semana .....</b>	<b>27</b>
<b>1.2 Jornal das Famílias .....</b>	<b>35</b>
<b>2 A MODA E OS PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX.....</b>	<b>49</b>
<b>3 MODA, DISTINÇÃO SOCIAL E DE GÊNERO NA SEÇÃO <i>JORNAL DAS FAMÍLIAS – REVISTA DA SEMANA</i> (1915-1918).....</b>	<b>75</b>
<b>3.1 Definição das categorias .....</b>	<b>86</b>
3.1.1 Tecidos .....	86
3.1.2 Indumentária e ornamentos .....	93
3.1.3 Detalhes .....	98
3.1.4 Corpo e beleza.....	104
3.1.5 Sociabilidade, educação e comportamento social.....	108
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>117</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

A moda vem ocupando um espaço cada vez maior na produção historiográfica recente, especialmente, naquelas sob a perspectiva da história cultural, constituindo-se em uma temática de pesquisa que vem, na contemporaneidade, despertando interesse de profissionais da área do vestuário, das ciências humanas e sociais.

No campo da História, em especial a partir da Escola dos Annales, a moda tornou-se um tema de relevância, através do qual é possível reconhecer as preferências e os valores estéticos de um tempo. Portanto, o estudo da indumentária de uma sociedade pode desvelar costumes, valores e práticas sociais de uma determinada cultura.

O presente trabalho objetiva identificar a maneira como a Moda é utilizada na diferenciação entre classes sociais e gêneros, sob a ótica da seção<sup>1</sup> *Jornal das Famílias* inserida na *Revista da Semana*, ou seja, de que forma a seção difundia e reforçava componentes identitários de classe e de gênero no que concerne à moda do vestuário, aos ornamentos e aos costumes<sup>2</sup> cultivados no período de 1915 a 1918.

Em outras palavras, tendo como objeto de pesquisa a seção de moda *Jornal das Famílias*, investiga-se a influência desse periódico na construção e na difusão da distinção social pertinente à moda para um público específico, as mulheres das classes mais abastadas do Rio de Janeiro<sup>3</sup> e as de outros centros em que a revista circulava.

O recorte temporal parte de uma modificação na própria revista, que passou de um periódico de variedades, em 1914, para um periódico feminino, em 1915, e encerra no ano de 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial, evento que influenciou as linhas da moda na história.

De início, pesquisou-se nos periódicos do acervo do Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo, que dispõe dos exemplares de 1914 a 1917. Depois, investigou-se no acervo digital da Biblioteca Nacional, que dispõe dos exemplares de 1900 a 1959, porém incompletos, pois os anos de 1919 e 1920 não estavam disponíveis no momento. Então, buscou-se no acervo do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, em Porto Alegre/RS, que

---

<sup>1</sup> Na *Revista da Semana*, o *Jornal das Famílias* é designado como “seção”, e as reportagens no seu interior como matérias, crônicas ou mesmo seções.

<sup>2</sup> Aqui entendido como hábito ou prática observada em relação à moda.

<sup>3</sup> Esse era o público-alvo pretendido pela revista. Entretanto, tem-se consciência de que sua difusão e seu consumo era muito mais amplo, o que se evidencia pelo fato da existência de um acervo da revista na cidade de Passo Fundo - RS.

apresenta exemplares incompletos de anos variados, analisando-se o ano de 1918 e alguns de 1920 e 1921, relevantes para a análise.

Para entender os aspectos da vida cotidiana das mulheres da elite<sup>4</sup> do Rio de Janeiro e do Brasil, e compreender de que forma a moda é usada como fator de distinção social e de gênero nesse período, recorre-se às produções bibliográficas que, de alguma forma, remetem a essa problemática.

Para melhor entendimento sobre o contexto histórico da circulação da *Revista da Semana* e do cenário no qual os sujeitos estudados se representam e são representados enquanto grupo distinto, baseia-se em autores que tratam do processo de modernização e de urbanização do Brasil no início do período republicano. Da mesma forma, busca-se situar e caracterizar a *Revista da Semana* a partir da historiografia sobre a imprensa no Brasil.

A *Revista da Semana* foi um periódico semanal que circulou de 1900 a 1959, a primeira revista brasileira que utilizou a fotografia para ilustrar reportagens. Seu público-alvo eram as moças e as senhoras das classes mais abastadas da cidade do Rio de Janeiro e de outros centros de alcance, que frequentavam os eventos sociais destinados para esse segmento.

Embora existam vários estudos sobre a *Revista da Semana*, não se identificou nenhum que tenha estudado a seção *Jornal das Famílias* como objeto central de pesquisa. No decorrer da análise, foram encontradas algumas bibliografias em que a seção *Jornal das Famílias* é mencionada apenas como parte de algum outro enfoque dado à revista. Esse fato torna pertinente este estudo, pois possibilita outro olhar sobre a revista, até então desconsiderado pela historiografia.

Apesar de a História utilizar a imprensa como fonte há muito tempo, no que se refere às revistas ilustradas, os trabalhos são mais recentes. Em parte, devido à dificuldade e/ou certa restrição ao conteúdo imagético desses periódicos. Por outro lado, as próprias características das revistas, relacionadas a assuntos considerados, muitas vezes, fúteis, não sérios afastou por muito tempo os intelectuais de suas possibilidades de uso acadêmico.

Nos últimos anos, entretanto, com as novas perspectivas advindas da história cultural que contribuíram para a abertura da história para além do campo exclusivamente historiográfico, alguns trabalhos que utilizam esses periódicos como fonte e objeto de pesquisa têm-se destacado na produção da História contemporânea.

---

<sup>4</sup> Tem-se ciência das controvérsias acerca da utilização do termo elite. Entretanto, aqui, ele será utilizado para se referir, de um modo geral, aos estratos dominantes da sociedade, ou seja, indivíduos que se destacam dos demais, sendo detentores de diferentes tipos de capital: econômico, político, cultural, social e simbólico. Entende-se a elite, também, como um grupo pertencente às camadas superiores da sociedade que partilha dos mesmos valores, comportamentos e estilos de vida.

Como referência nessa área, pode-se citar Ana Maria Mauad e sua obra *Sob o signo da imagem: A Produção da Fotografia e o Controle dos Códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na Primeira Metade do Século XX* (1990), na qual analisa a produção da representação da sociedade carioca nas fotografias de revistas ilustradas, e Ana Luiza Martins, que, no livro *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)* (2001), propõe-se a construir a História das revistas ilustradas no Brasil, entre outros.

O termo *indumentária* é amplo, conferindo para si inúmeras atribuições, referindo-se a toda a composição no corpo, visto que, além das roupas, os ornamentos e as maquiagens também fazem parte do contexto do traje. A vestimenta é considerada uma das formas de “classificação de indivíduos”, na medida em que a sociedade moderna, cada vez, mais passou a identificar os sujeitos pela sua imagem exterior, pela classe social na qual se situam e pelos costumes sociais. No caso específico deste trabalho, a moda estudada é a moda das roupas, dos sapatos, das joias, dos comportamentos e de todos os demais adornos que compõem o visual das mulheres das camadas altas da sociedade.

A moda envolve vários conceitos, dependendo da abordagem que se pretende seguir. Para esta análise, optou-se por algumas referências definidoras da Moda, como norteadores centrais da pesquisa. Nesse sentido, parte-se das definições que compreendem a Moda como *comunicação*, pois entendem que a moda pode ser utilizada para comunicar algo, como, por exemplo, o pertencimento a uma determinada classe, gênero, família ou profissão.

A moda também pode assumir diferentes papéis em uma sociedade e em períodos de tempo. Uma das interpretações sobre seu papel é ser ela uma forma de linguagem, uma vez que o vestuário usado define os seres humanos como individuais, classifica-os como membros de um grupo, ou seja, como adeptos das tendências de moda que se difundiram pelos centros de referência.

Ela une o prazer de ver e de ser visto. Manifesta-se individualmente e cede às intervenções do meio coletivo, de acordo com as aspirações do emitente. Essa relação configura-se na necessidade de pertencimento, sendo a moda, segundo Simmel (2008), um fenômeno cultural apoiado nos parâmetros de inclusão, de necessidade de diferenciação e de autoafirmação, como um produto de divisão de classes, formando um círculo social fechado, “isolado” dos outros membros da sociedade. Para o autor, a moda teria a função de unir e de diferenciar.

As condições vitais da moda como uma manifestação constante na história da nossa espécie podem assim descrever-se. Ela é imitação de um modelo dado e satisfaz assim a necessidade de apoio social, conduz o indivíduo ao trilho que todos percorrem, fornecem um universal [...]. E satisfaz igualmente a necessidade de distinção, a tendência para a diferenciação, para mudar e se separar. E este último aspecto consegue-o, por um lado, pela mudança dos conteúdos, que marca individualmente a moda de hoje em face da de ontem e da de amanhã [...], consegue-o ainda de modo mais enérgico, já que as modas são sempre modas de classe, porque as modas da classe superior se distinguem das da inferior e são abandonadas no instante em que esta última delas se começa a apropriar. Por isso, a moda nada mais é do que uma forma particular entre muitas formas de vida, graças à qual a tendência para a igualização social se une à tendência para a diferença e a diversidade individuais (SIMMEL, 2008, p. 24).

A moda é um fenômeno social e não meramente concebida como objeto. Logo, seu estudo não permite que ela seja desmembrada da compreensão dinâmica da vida cotidiana. É uma força que paira na atmosfera social, que reflete, que cria, dinamiza distinções sociais substanciais entre grupos de indivíduos e entre gêneros.

Se analisada sob vários ângulos e aspectos, a moda assume perspectivas diferenciadas, como trabalhar em prol da identidade, sinônimo de linguagem e comunicação, *status*, comportamento e distinção social. Considerando-se que essas são algumas das facetas da moda, é pertinente referenciar a reflexão de Barnard acerca do *status* social e das críticas da sociedade: “Indumentária e moda são frequentemente usadas para indicar importância ou status, e as pessoas emitem comumente julgamentos a respeito da importância e do status das outras com base no que estão vestindo” (2003, p. 94).

No campo da representatividade social, os indivíduos comunicam-se por linguagem verbal quando emitem sons. Porém, a comunicação poderá ser efetuada de outras maneiras como, por exemplo, códigos, sinais ou até mesmo pela indumentária, visto que os sujeitos vestem-se, por vezes, baseados em referências sociais ou mesmo como forma de pertencimento a um grupo social e tal ação torna-se uma forma de comunicar esse “querer pertencer” para a sociedade em que se vive. Conforme Diaz Bordenave,

[...] quando um homem e uma mulher se casam, colocam anéis, se possível de ouro, em certos dedos das mãos. O nome dos anéis é ‘aliança’, pois eles comunicam aos demais que estas pessoas já não estão mais livres e sem compromisso. Na mesa onde a família faz suas refeições, o pai sempre ocupa a cabeceira. Seu lugar na mesa comunica sua posição de autoridade (2002, p. 54).

O estudo da moda vai muito além, podendo ser pensada dentro do conjunto das representações sociais de um grupo, gênero, país, etnia etc. As percepções das representações



sociais podem ser traduzidas na maneira como a sociedade brasileira foi pensada e construída em todos os âmbitos da vida social como religião, sexualidade, moral e economia.

Nesse sentido, utiliza-se também o conceito de representação proposto por Chartier (2002): “As práticas sociais são produzidas por representações pelas quais os sujeitos e os grupos dão sentido ao seu mundo”. Salienta-se que, na formação das representações sociais, não existem discursos neutros, pois esses são produzidos para legitimar e impor as vontades, as percepções sociais daqueles que as divulgaram. Assim, as representações são resultado da leitura que os sujeitos fazem do mundo e, ao mesmo tempo, praticam ações pautadas por essas leituras que, por sua vez, constroem representações.

Ainda, para o autor, as representações proporcionam um caráter performático à vivência dos sujeitos, levando os indivíduos a viverem nelas e por elas. Sendo assim, a representação assinala a maneira como, em distintos espaços e períodos, uma certa realidade é construída e refletida por diferentes grupos sociais.

Assim construído, o conceito de representação foi e é um precioso apoio para que se pudessem assinalar e articular, sem dúvida, melhor do que nos permitia a noção de mentalidade, as diversas relações que os indivíduos ou os grupos mantêm com o mundo social: em primeiro lugar, as operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um status, uma categoria social, um poder; por último, as formas institucionalizadas pelas quais uns ‘representantes’ (indivíduos singulares ou instâncias coletivas) encarnam de maneira visível, ‘pressentiriam’ a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou a permanência de um poder. A noção de representação, assim, modificou profundamente a compreensão do mundo social. (CHARTIER, 2011, p. 20).

A partir desse entendimento, a moda é parte da representação social que, no presente estudo, era difundida na *Revista da Semana*, consumida e reelaborada pelo seu público leitor, aqui definido como sendo, principalmente, feminino e pertencente às camadas sociais mais abastadas.

Para tal representação, a moda do início do século XX relacionava-se a uma demanda para a construção de “capitais simbólicos” pelas classes mais abastadas da sociedade para adquirirem mais prestígio entre os indivíduos e classes em um cenário de modernização urbana. Da mesma maneira “[...] que as camadas burguesas na França e na Inglaterra pareciam ter encontrado através de uma ideologia moral do bom gosto, do bom-tom, da decência, da higiene, da respeitabilidade e do controle próprio” (FEIJÃO, 2011, p. 18-19).

O período em que se estuda a produção e a reprodução dessas representações é marcado, no Brasil, pelo advento da Primeira República e das reformas urbanas. O início do período republicano foi desencadeador de novas formas de pensar o mundo entre os indivíduos daquela sociedade. Já as reformas urbanas, acredita-se que foram, em parte, uma consequência da Primeira República, pois, a partir dela, os sujeitos passaram a investir em cidades mais modernas e avançadas sob os moldes europeus, considerados exemplo de modernidade.

No Brasil, nas duas primeiras décadas do século XX, a moda era reconhecida como um fenômeno social de diferenciação de classes. Nesse período, reinava a alta costura, a produção de luxo e a sob medida. As transformações ocorridas no fim do século anterior e no início do século XX propiciaram o advento da era industrial, com a produção em série dos artigos do vestuário.

Apenas pelo alto custo dos materiais e das vestimentas já havia uma separação de classes entre os que dispunham de poder aquisitivo e aqueles das classes baixas. A moda como *status* social intensificou-se com o crescimento das cidades. A difusão comercial e a promoção das elites formaram um novo grupo possuidor de condições para obter uma vestimenta que antes era adotada apenas pelos nobres.

O início do século XX foi, também, um período profícuo para a imprensa ilustrada no Brasil, o que é justificado pela introdução da fotorreportagem nos periódicos, sendo a *Revista da Semana* a pioneira na utilização da fotografia para ilustrar as matérias, contribuindo para o fortalecimento do periódico que durou de 1900 até 1959. Como muitas revistas do período, a *Revista da Semana* iniciou seus trabalhos como uma publicação de “variedades”, que durou até 1914 com essa característica, e, a partir de 1915, tornou-se uma revista feminina.

As revistas ilustradas, durante o século XIX, na sua maioria, tinham um público leitor masculino. Contudo, já no final desse mesmo século e no início do século XX, esse tipo de periódico começou a abranger assuntos destinados às mulheres que participavam não somente como leitoras e consumidoras das revistas, mas como colaboradoras das seções. Portanto, a mulher passa a fazer parte do mundo da cultura impressa com seções destinadas a elas e muitas vezes elaboradas por elas.

No que se refere especificamente à história das mulheres na Primeira República, em especial aquelas pertencentes às camadas mais abastadas da sociedade, pode-se afirmar que o período é marcado pela ideia do lar como espaço essencialmente feminino, tendo a mulher o papel de geradora e de mantenedora da família. Mas, esse é o momento, também, de emergência dos movimentos feministas que influenciam diretamente o comportamento das mulheres. É

nesse sentido que o feminismo torna-se relevante neste estudo, afinal, contribui para que o público feminino ganhe espaço na imprensa, seja como consumidor ou colaborador.

Com a chegada da Primeira Guerra Mundial, na Europa, muitas mulheres tiveram que assumir os postos de trabalho no lugar dos homens, contribuindo para a emergência de mais uma etapa do movimento feminista que atravessou várias décadas, por meio de muitas lutas para a ampliação dos direitos da mulher.

O Feminismo surge e se organiza como movimento estruturado, a partir do fenômeno da modernidade, acompanhando o percurso de sua evolução desde o século XVIII, tomando corpo no século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, transformando-se, também, em instrumento de críticas da sociedade moderna. E, apesar da diversidade de sua atuação, tanto nos aspectos teóricos, quanto nos aspectos práticos, o Feminismo vem conservando uma de suas principais características que é a reflexão crítica sobre as contradições da modernidade, principalmente, no que tange a libertação das mulheres (SILVA, 2008, p. 1-2).

Além dos fatores Guerra e feminismo, as transformações decorrem também dos avanços da medicina em relação aos cuidados com o corpo e higiene, quando houve o remodelamento nas estruturas dos espalhões visando a facilitar os movimentos. Todas essas mudanças aparecem em evidência nas matérias sobre moda na seção *Jornal das Famílias* na *Revista da Semana*.

Ao tratar do universo feminino, o estudo orienta-se, também pela historiografia sobre as mulheres. A “história das mulheres”, mesmo tardia, conta com uma significativa produção que vem sendo constantemente atualizada com novos problemas e novas abordagens. Segundo Perrot,

[...] partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas, culturais (2007, p. 15-16).

Ainda, conforme Perrot, a “História das mulheres” só pôde ser escrita na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos a partir do ano de 1960, e na França, no ano de 1970, levando em conta fatores “[...] científicos, sociológicos, políticos [...]” que “[...] concorreram para a emergência do objeto ‘mulher’, nas ciências humanas em geral e na história em particular” (2007, p. 19).

Essa questão justifica-se pelo “silêncio das fontes”, que Michelle Perrot explica no livro *Minha história das mulheres*, pois, para construir uma “história”, são necessárias fontes,

documentos, relatos e vestígios que avalizem a história do sexo feminino, e essas formas de “comprovação” de uma história feminina eram frequentemente “apagadas”.

Por muito tempo, a mulher permaneceu atuando na família, dentro de casa, sendo pouco vista nos espaços públicos, já que essa “invisibilidade”, definida pela autora como o “silêncio das fontes”, fazia “[...] parte da ordem das coisas. É garantia de uma cidade tranquila” (2007, p. 17). Além de serem pouco vistas nos espaços públicos, a autora enfatiza que “pouco se falava delas”, deixando insuficientes “vestígios diretos, escritos ou materiais” (2007, p. 17).

Em contrapartida, se há poucos relatos e documentos com relação ao discurso feminino, Perrot explica que há uma enorme quantidade “[...] de imagens, literárias ou plásticas, na maioria das vezes obra dos homens [...]” (2007, p. 22), sendo os pensamentos femininos ignorados, na maioria das vezes. Contudo, nas primeiras décadas do século XX, a história modificou-se quando “[...] as mulheres ingressaram no domínio público” (PERROT, 2007, p. 28).

Os estudos mais recentes trabalham com o conceito de gênero, no qual está incluída a categoria mulheres, porém numa perspectiva relacional, ou seja, entendem o gênero como uma construção social. A frase *não se nasce mulher, torna-se mulher*, de Simone de Beauvoir (1949), traduz essa concepção. A importância da adoção desse conceito está na sua contestação ao determinismo biológico, que naturaliza a desigualdade entre os sexos.

Entendido como uma construção social e não natural, o conceito gênero é aqui utilizado na medida em que o “tornar-se mulher” diz respeito aos componentes simbólicos na construção de cada gênero, dentre os quais, a vestimenta e os acessórios, ligados à moda.

A partir desses pressupostos, o estudo objetiva identificar a relação moda e distinção social e de gênero. A moda como fenômeno social associa-se à diferença social, demonstrando ser essa a função que o vestuário conferiu para quem constantemente o utilizou como indumentária.

Nesse contexto, Pitombo (1997) acrescenta que, a partir da descoberta da magia do vestuário sob a égide da distinção, classes sociais usam e abusam desse artifício para se sobreporem umas às outras. Para sustentar tal distância social, são impelidas à inovação. A busca pelo novo assume, assim, papel relevante de um movimento circular interminável, característico da própria dinâmica do fenômeno moda.

Em vista disso, as classes sociais usam da diferenciação do vestuário como um meio de distinguirem-se das classes menos favorecidas, que, por conseguinte, veem as elites como um ideal de “moda”. Essas classes mais abastadas se veem coagidas a buscar novas modas para garantir a distância social. Lipovetsky articula essa relação: “As classes inferiores correm para

imitar os outros que lhes são superiores, e estes, por sua vez, partem em busca de algo novo que os diferencie” (1989, p. 34).

Na seção *Jornal das Famílias* da *Revista da Semana*, observam-se as mulheres da elite e sua postura. Partindo do exposto, reflete-se sobre a relação da moda com a distinção social, apontando os meios pelos quais ela usufrui de tal atribuição. Objetiva-se, desse modo, com base na investigação da seção nos períodos de 1915 a 1918, analisar a relação da moda com a distinção social, levando em consideração a mulher caracterizada na seção.

Para o estudo, foram analisadas 174 edições da *Revista da Semana*, iniciando com o exemplar n. 30, de 04 de setembro 1915, data em que iniciou a seção *Jornal das Famílias*, seguindo até o exemplar n. 47, de 28 de dezembro 1918.

A seção apresenta três ou quatro páginas por periódico, de acordo com os anos de análise (1915-1918). O público-alvo da *Revista da Semana* eram moças e senhoras das classes mais abastadas da sociedade que frequentavam os eventos sociais, como festas de caridade, saraus, bailes e teatros.

Com relação à estrutura da revista, é um periódico que contém muita publicidade de produtos para saúde, beleza e modas, também apresenta contos, crônicas e charges, seções e reportagens sobre política. Além disso, há matérias sobre a guerra, artigos especificamente direcionados às mulheres como *Cartas de mulher*, *A Semana Elegante*, *Consultorio da Mulher* e *Chronica da Moda*.

Há, ainda, notícias e imagens da sociedade paulista em eventos sociais, instantâneos em passeios e eventos da sociedade carioca, sorteios e concursos (os leitores concorriam a produtos como colares de brilhantes, automóveis etc.), *Pequenos anúncios e informações úteis*<sup>5</sup> e, no fim da revista, localizava-se a seção *Jornal das Famílias*.

A dissertação apresenta-se estruturada em três capítulos. No primeiro, apresenta-se um panorama do Brasil no início do período republicano, enfatizando o processo de urbanização e de modernização, para inserir o surgimento das revistas ilustradas e de um novo grupo de leitores aptos a consumi-las. O capítulo apresenta dois subtítulos destinados a apresentar a *Revista da Semana* e o *Jornal das Famílias*.

No segundo capítulo, aborda-se sobre moda e gênero e seus papéis sociais na sociedade, ressaltando a história das mulheres, essencialmente as das classes abastadas da sociedade na Primeira República. Analisam-se, também, as influências da Primeira Guerra Mundial na moda feminina por meio da seção *Jornal das Famílias*.

---

<sup>5</sup> Pequenos anúncios, como de locação de prédios, compra de móveis, propaganda de estabelecimentos comerciais, medicamentos etc.

A moda, sob o viés da distinção de classe e de gênero, é o conteúdo do terceiro capítulo, no qual se explicita a metodologia adotada, as etapas da investigação, a categorização das matérias e os resultados obtidos através da análise.

## 1 AS REVISTAS ILUSTRADAS NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX

O período de transição entre o século XIX e o século XX, no Brasil, foi uma era de inovações, de melhorias urbanas, de transformações comportamentais, visto que a ideia de desenvolvimento, defendida, em parte, pelo novo governo republicano, não se baseava somente no remodelamento das cidades, mas também na ordenação das condutas sociais tanto das classes mais abastadas como das mais humildes, pois a modernidade, para as elites governantes, era sinônimo de progresso.

Nesse momento, ocorreram intensas transformações que foram incentivadas por novas concepções econômicas do exterior. Essas modificações reformularam as noções de tempo e de espaço dos indivíduos, as formas de percepções das coisas. Desse modo, em nenhum outro período anterior uma quantidade de sujeitos foi envolvida de uma maneira tão rápida em processos de transformação de hábitos, modos de vida, conceitos e ideais como essa.

Tal situação não ocorreu somente no Brasil como também no mundo (SEVCENKO, 1998). Carvalho menciona sobre a circulação de ideias e de mentalidades em decorrência da Primeira República, entretanto, ela “[...] não produziu correntes ideológicas próprias ou novas visões estéticas. Contudo, por um momento, houve um abrir de janelas, por onde circularam mais livremente ideias que antes se continham no recatado mundo imperial” (1991, p. 24). Siqueira (2008) afirma que, com a Proclamação da República (1889), a urbanização deixa de ser apenas um processo de agrupamento de indivíduos em determinadas cidades para tornar-se uma intervenção mais abrangente, definida como “modernização”. Essa interferência na contextualização das transformações

[...] econômicas e sociais que passaram a ocorrer nas cidades brasileiras, promoveu alterações nos costumes e hábitos das populações urbanas, ao introduzirem novas ideologias e novos valores que veiculavam práticas tidas como “civilizadas”, cujas origens eram europeias (SIQUEIRA, 2008, p. 1).

Logo, a Primeira República no Brasil sofreu influências das ideias de modernidade, principalmente vindas da Europa, onde tal processo já se encontrava em amplo desenvolvimento. Segundo Le Goff (2003), no fim do século XIX, as nações julgadas retrógradas passaram por processos de modernização e de ocidentalização, pois o conceito de “ser moderno” compreendia entrar no ritmo de aceleração desenfreado nomeado de modernidade (LE GOFF, 2003). Com as transformações urbanas incorporadas às necessidades

das indústrias e o crescimento populacional, as cidades tiveram de sofrer alterações no perímetro urbano, com a implantação de infraestrutura urbanística adequada, seguindo as ideias modernas. Segundo Siqueira (2008), a urbanização tornou-se um procedimento

[...] mais complexo, trazendo, para as cidades, a necessidade da implantação de infraestrutura urbana e dos meios de informação, por onde as influências inovadoras penetram, tendo como exemplos os teatros, jornais, revistas, bibliotecas, agremiações, partidos políticos, entre outros, diversificando a vida urbana, antes centrada em atividades sociais de caráter religioso (SIQUEIRA, 2008, p. 1).

Hobsbawm afirma que grande parte do século XX resultou em formas de tentativas de sociedades anteriores para assemelharem-se a um modelo ocidental, tido como “[...] sociedades que geram progresso [...], poder e cultura da riqueza, com o ‘desenvolvimento’ técnico-científico [...]. Não havia outro modelo operacional além da ‘ocidentalização’ ou ‘modernização’, ou o que se queira chamá-lo” (1995, p. 198-199).

Eram inúmeras as novidades que surgiram com a Segunda Revolução Industrial como, por exemplo, novos materiais: petróleo, aço, eletricidade, e novas descobertas na indústria química e farmácia.

O ideal de modernidade no Brasil toma por base as “tendências europeias” aplicadas em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, que, no final do século XIX e no início do século XX, eram consideradas como centros de economia, cultura e política do Brasil. Oliven caracteriza a modernidade de duas maneiras: “ao nível de sociedades e ao nível de indivíduos” (2010, p. 24-25).

No primeiro caso, diversas sociedades são confrontadas e comparadas de acordo com determinados referenciais; já, no segundo caso, os indivíduos são o eixo central, em que são avaliados quanto às condutas e atitudes “mais ou menos modernas” (OLIVEN, 2010). Ainda, segundo o autor, a ideia de modernidade foi apontada como “[...] algo que vem de fora e que deve ou ser admirado e adotado, ou, ao contrário, considerado com cautela tanto pelas elites como pelo povo” (OLIVEN, 2001, p. 3).

Algumas das características atribuídas às sociedades modernas incluem urbanização, industrialização, mais altos graus de instrução e maior mobilidade social. Quando a modernidade dedica-se a sujeitos, compreende a um coletivo de comportamentos, de valores e de percepções e formas de agir, é uma sociedade considerada moderna, uma vez que esses são os requisitos para classificá-la como tal (OLIVEN, 2010).

Nos primeiros anos da República no Brasil, estabeleceu-se um “modelo de gestão pública” que foi referência para outras cidades, servindo para a distinção de um Brasil



considerado “ultrapassado” para “atualizado”. O método utilizado era baseado na higiene, na estética e na circularidade, que seriam planejados e aplicados por reformadores como médicos, higienistas e também por engenheiros sanitaristas.

Um fator em comum entre as reformas urbanas no Brasil na Primeira República foi a privação do espaço público das classes menos favorecidas da sociedade, que acarretou o afastamento das áreas nobres da cidade, ou seja, a ideia era de planejar uma cidade “para inglês ver”.

A imprensa, como fonte de informação e de entretenimento, desenvolveu-se junto com as cidades, disseminando a cultura impressa dos periódicos. Por sua vez, os periódicos são capazes de registrar as narrativas da sociedade em determinada época sob diversas perspectivas e contribuem ainda, para desvelar traços culturais.

A imprensa da Primeira República (1889-1930) diversificou as possibilidades (jornais e revistas ilustradas) em decorrência do crescimento urbano propício para a circulação de notícias e também pelas novas tecnologias com a euforia futurista da revolução tecnológica que apareceram nas primeiras décadas do século XX, como, por exemplo, o cinematógrafo, o gramofone, o fonógrafo, a linotipo, os daguerreótipos, o telefone e o telégrafo<sup>6</sup>. Esses dois últimos começaram a ser utilizados pelas empresas como instrumentos do cotidiano. Nesse momento de transformações,

[...] a imprensa conheceu múltiplos processos de inovação tecnológica que permitiram o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia -, assim como aumento de tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo do impresso, propiciando o ensaio da comunicação de massa (ELEUTÉRIO, 2008, p. 83).

No início do século XX, a imprensa, fortalecida e desenvolvida pelos avanços tecnológicos, tornava-se uma “grande empresa”, pois na sua forma segmentada (comércio, indústria, esportes, educação), o conteúdo das publicações influenciava tais setores de diversas formas (MARTINS, 2001). Com as novas tecnologias estimulando e transformando a imprensa, surgiu um novo mercado de leitores.

Para Marcondes Filho, nos fins do século XIX, a notícia passou a ser vista como “mercadoria” e adentrou o século XX “[...] recebendo cada vez mais investimento para melhorar sua aparência e sua vendabilidade: criam-se as manchetes, os destaques, as

---

<sup>6</sup> “Campos faz referência a um mundo que se torna mais compactado, mais próximo e publicizado a partir de uma nova máquina que transforma também as publicações diárias: o telégrafo” (BARBOSA, 2007, p. 21).

reportagens, trabalha-se e investe-se muito mais na capa, no logotipo, nas chamadas de primeira página” (2000, p. 24).

Feyel relaciona alguns dos fatores que seriam responsáveis pelo desenvolvimento do jornalismo de informação no final do século XIX e início do século XX: “a queda do preço do papel, obtido a partir da madeira, a melhoria constante da rotativas, a difusão da composição mecânica por linotipos depois de 1890, o progresso do telégrafo e do telefone, o desenvolvimento da agência Havas” (FEYEL, 1993, p. 967).

Em um período de constantes transformações e de avanços tecnológicos, os veículos de informação seguem o ritmo do mercado em expansão, acompanhando o desenvolvimento das cidades. Logo, o mercado dos impressos cresceria consideravelmente. Não apenas os distintos modelos de jornais, mas também as revistas passaram a ganhar mais espaço no final do século XIX ao início do século XX. As diversas revistas ilustradas que surgiram no período apresentavam “maior variedade de conteúdo, principalmente ficção, poesia, relatos de viagens e outras matérias de entretenimento, enquanto nos jornais, predominavam os textos de opinião, com discussão de ideias, polêmicas [...]” (BUITONI, 1990, p. 17).

No decorrer do século XIX e no início do século XX, as revistas tornaram-se moda, ditaram modas e foram um veículo de difusão de modas, comportamentos e hábitos como referência do exterior. Com o desenvolvimento técnico das gráficas, o crescimento do público leitor e o custo excessivo dos livros, as revistas foram beneficiadas por tais fatores e conseguiram envolver em um único exemplar vários assuntos para agradar o maior número de leitores.

Com os recursos da ilustração e da fotografia, as revistas tornaram-se mais atraentes para os leitores, enriquecendo as publicações, “nada mais oportuno para celebração das solenidades oficiais que a cobertura jornalística por meio de reportagens que, impossibilitadas de se estamparem através da imagem pelos jornais, encontravam na revista a possibilidade de reprodução ideal” (MARTINS, 2001, p. 158).

A definição da palavra “revista”, no fim do século XIX, assume o significado de publicação, em que são publicados artigos críticos ou analíticos de certas temáticas, que propiciam ao leitor uma leitura seccionada, ou seja, o leitor pode selecionar o que lhe é interessante. Em comparação aos livros, as revistas são efêmeras pelo seu caráter material, isto é, as capas de revistas são, geralmente, mais frágeis do que as dos livros que, na sua maioria, apresentam capas mais resistentes (ROCHA, 1985).

De acordo com Scalzo,

[...] as revistas nasceram, por um lado, sob o signo da mais pura diversão – quando traziam gravuras e fotos que serviam para distrair seus leitores e transportá-los a lugares aonde jamais iriam. Por outro, ajudaram na formação e na educação de grandes parcelas da população que precisavam de informações específicas, mas que não queriam – ou não podiam – dedicar-se aos livros (2011, p. 13-14).

Scalzo prossegue discutindo a respeito do pioneirismo das revistas ilustradas, que pareciam livros e surgiram em 1842 em Londres com o título de *The Illustrated London News*. Esse modelo serviu de referência para muitas revistas surgidas no século XIX, as quais foram aperfeiçoadas no fim do mesmo século, com o advento da fotografia e da impressão com meiotom (2011, p. 21) E continua:

[...] uma publicação que revolucionaria a maneira de conceber e editar revistas. Era a primeira revista ilustrada – e que continua a ser editada até hoje -, a *Illustrated London News*. Tinha 16 páginas de texto e 32 de gravuras, que reproduziam os acontecimentos da época na forma de desenhos (SCALZO, 2011, p. 21).

O final do século XIX e a primeira década do século XX marcaram um período em que a fotografia passou a contribuir positivamente na composição e na publicação das crônicas dos jornais e das revistas, ação que coincidiu com a queda do folhetim<sup>7</sup>, o qual ia sendo substituído pelo columnismo, cedendo lugar à informação. Com o implemento de temas políticos, esportivos e policiais, as contribuições literárias passaram a ser separadas na paginação dos jornais, tornando-se matérias à parte. Foi em parte por conta dessas reformas que as revistas ilustradas se reproduziram.

Tais publicações, inicialmente, tinham a charge como principal manifestação imagética, o que se modificaria, em seguida, nos principais vetores de disseminação das imagens fotográficas. Entre os periódicos do período estão *O tico-tico* (1905) que era uma revista infantil de história em quadrinhos; *A Cigarra* (1914-1917) que circulou em São Paulo; *O Malho* (1902) que apresentava características da atualidade dispondo de comentários e reflexões a respeito dos acontecimentos relevantes da semana ou do mês; A revista *Fon-Fon* (1907), *Kosmos* (1904-1909), *Careta* (1908), dentre outras, com características semelhantes aos jornais. Essas revistas foram ganhando espaço e tornando-se fonte de informação, instrução e cultura.

<sup>7</sup> Le feuilleton, ou folhetim, no início do século XIX, era, antes de tudo, uma seção de jornal: “[...] o res-de-chaussée – rés-do-chão, rodapé -, geralmente o da primeira página. Tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento. [...] Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e de monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém-saídos [...]. Com o tempo, o apelativo abrangente passa a se diferenciar, alguns conteúdos se rotinizam e o espaço do folhetim, oferece abrigo semanal a cada espécie: é o ‘feuilleton dramatique’ (crítica de teatro); ‘littéraire’ (resenha de livros); ‘variétés’ e ‘cosi via’” (MEYER, 1996, p. 57-58).

Nos primeiros anos do século XX, com o surgimento e a ascensão da classe média e da vida urbana, novos espaços e eventos sociais surgiram para atender às demandas desses novos grupos: eventos, recepções, óperas, teatros, dentre outros (MARTINS, 2001). A movimentação das lojas luxuosas e o comércio, de uma forma geral, eram retratados nas revistas, que se tornavam, cada vez mais, um espaço de representação das camadas mais abastadas da sociedade, afinal, “a busca dos sinais de distinção estava na ordem do dia, traduzidos por práticas também estimuladas e assimiladas via periodismo. A começar pela vestimenta, seguida das relações de sociabilidade, a ida ao Prado, aos recitais [...]” (MARTINS, 2001, p. 382).

Inicialmente, as revistas não tinham um público-alvo definido, sendo seu conteúdo variado e destinado a homens e a mulheres. Posteriormente, muitas revistas ilustradas foram-se segmentando, dedicando-se, muitas delas, ao público feminino. Em se tratando dos impressos de uma forma geral, na passagem do século XIX para o XX, não havia distinção de público, visto que, no século XIX, os homens é que prevaleciam. De acordo com Buitoni,

Não existia uma imprensa masculina. Aliás, não havia ainda a ideia de público da forma como hoje se entende. Não nos esqueçamos de que público é uma conceituação deste século, e ligada quase sempre a várias camadas sociais. Enquanto a imprensa feminina teve em vista desde logo a mulher, a imprensa masculina, dirigida ao homem, só veio a constituir-se bem depois, em função da segmentação de mercado (1990, p. 7-8).

No caso das revistas, as características que definem a imprensa feminina, conforme Buitoni, estariam no seu conteúdo e na mulher como produtora do impresso. Porém, “a circunstância de alguns veículos serem redigidos por mulheres não é uma condição necessária para que os qualifiquemos de femininos. O grande elemento definidor ainda é o sexo de suas consumidoras” (1990, p. 8). Culinária, moda, decoração, beleza, educação dos filhos, literatura, anedotas, dentre outros, são assuntos abordados nas revistas femininas no início do século XX, sendo tais temáticas voltadas à mulher e aos cuidados da sua família.

A primeira revista feminina de assuntos variados de que se tem notícia, segundo Scalzo, teria surgido na França em 1693, chamada *Mercúrio das Senhoras* (2011, p. 22). Mais tarde, ao longo do século XIX, essas publicações ganham espaço e se multiplicam, dedicando às mulheres temas voltados aos afazeres domésticos e às novidades da moda.

De uma forma geral, no Brasil, segundo Dulcília Buitoni (1990), em seu livro *Mulheres de papel*, a imprensa feminina surgiu tardiamente, no início do século XIX, com impressos voltados para as mulheres. Afinal era uma época em que o percentual de analfabetismo desse segmento era expressivo e, tal evento, portanto, tornar-se-ia ousado.

A autora especula sobre a questão do “provável” periódico que deu início à imprensa feminina no Brasil: *O Espelho Diamantino*, na cidade do Rio de Janeiro, em 1827, que apresentava como assuntos literatura, política, modas e belas-artes (BUITONI, 1990). Surgiram também outros periódicos na capital Federal, como o jornal semanal *Correio das Modas* (1839), que abrangia literatura, “[...] crônica de bailes e teatros e figurinos pintados à mão, vindos da Europa” (BUITONI, 1990, p. 38). Surgiu, em Recife e São Paulo, *O Espelho das Brasileiras*, jornal para mulheres que circulou nessas localidades em 1831, dentre outros.

A imprensa feminina “[...] nasceu sob o signo da literatura, logo depois acompanhado pelo da moda. Nos primeiros tempos, moda e literatura dividiam as atenções” (BUITONI, 1990, p. 22). Com o passar do tempo, outros assuntos foram ganhando espaço, em função da utilidade, como economia doméstica, trabalhos manuais e conselhos de saúde. A imprensa feita por mulheres e para mulheres, fonte das mais relevantes da historiografia, torna-se, na contemporaneidade, objeto de análise, revelando, lentamente, proporções indiscutíveis do âmbito feminino e mostrando-se ainda mais reveladoras quando reforçadas pelos estudos de gênero, que orientam as pesquisas nesse campo.

[...] a mulher leitora, desde o Império, fora presença assídua no contexto do impresso. Certo que em número limitado e circunscrita a grupos sociais elevados mas, confirmando a leitura como prática feminina recorrente, interessada efetiva naquela produção, sua consumidora em potencial (MARTINS, 2001, p. 371).

A *Revista da Semana*, objeto deste estudo, apresentava diversas seções e reportagens em que a mulher participava na produção escrita, como, por exemplo, nos artigos *A Vingança do amor* (REVISTA DA SEMANA, 1915, AHR-UPF), assinada por *Frederica Schumann*; *Chronica da Moda* (REVISTA DA SEMANA, 1915, ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL) por *Jocelyne* (Figura 1); *Um Jardim dentro de casa* (REVISTA DA SEMANA, 1916, AHR-UPF), assinado por *Sylvia Ney*; *Consultório da Mulher* (REVISTA DA SEMANA, 1917, AHR-UPF), assinado por *Selda Potocka*, dentre outros. Essas são algumas das seções de que a mulher participava ativamente, período no qual era “costume” usar pseudônimos entre os colaboradores das revistas.



*Revista da Semana*

**Chronica da Moda**  
Por *Jocelyne*




**D**ISTITUIDA de interesse para a Moda, foi a semana passada. Por toda a parte notava-se um desanimo que a muitos fez lembrar a crise de que tanto se fallava sem no entanto se lhe sentir os effeitos. Os nossos *magasins* e a nossa *haute couture* foram certamente desquas mais sentiram os effeitos d'esta bius

Quem nos diz que dentro de quinze dias não surgirão novos modelos e mais elegantes? Porque pois precipita-se a fazer compras com uma antecedencia que poderia resultar n'um grande erro? Disto se conclue que a pouca animação que se verificou a semana passada nos dominios da Moda, foi devida unicamente á expectativa em que estão as nossas elegantes, ante a proxima mudança de estação.

E' o que se poderia chamar uma crise por motivo de transição. Felizmente para a chronista, os jornaes de Paris, cheios de ideias novas, vieram supprir esta falta observada nos nossos meios elegantes.

Para a proxima estação estival, devemos ir buscar as ideias na encantadora praia de *Deauville*, onde, apesar da tristeza que vem do Casino, transformado em hospital, se reunit o elemento elegante de Paris.

Das originalidades vistas, a que mais encantou, apesar do flagrante absurdo que semelhante combinação representava, foi a da *foufure* empregada como enfeite de vestidos de verão!

Quasi todos tinham na gola uma volta de *foufure grise* ou *chicouette-renard* azul ou *chinchilla*.

Nada de *zibeline* nem de *renard sauve*. A nuance *grise* pela sua plidez, provavelmente, foi considerada a mais agradável á vista e elevada á categoria de... *foufure* estival!

Mesmo nos vestidos inteiros, muitas parisienses guameciam a heirada da tunica com uma ordem da mesm *foufure* o que aliás deve ser de lindissimo effeito sobre vestidos inteiramente brancos.

Algumas golas de forma quadrada foram vistas guamecidas de duas ordens de *foufure*; quer-me parecer porem preferivel uma só ordem junto a nuca.

A' noite, para jantar, seja no hotel, seja na casa de amigos, o vestido de cotado foi abolido, mas as carioacas que nada tem com a guerra, continuarão a usal-o como sempre, para beleza e encanto dos nossos salões.

Ainda no sabbado passado, no restaurant do Jockey-Club, que seria aquella sala sem a meza d'aquelle admiravel *causeur* que é o distincto subdito de S. M. Britannica, Mr. F. W.?

Que tinha de extraordinario esta mesa? perguntará minha gentil leitora. Que tinha ella que tanto alterasse a feição da sempre bella sala do Jockey-Club?

Tres, sómente tres admiraveis *toilettes* decotadas, leitora amiga, mas o sufficiente para lhe dar uma outra feição e uma nota profundamente fina e elegante.

Verdade é que apresentavam-n'as




ca paralyzação de negocios para a qual encontramos uma explicação que nos parece sei a mais accetavel: a mudança de estação.

Esta alternativa de dias ora muito quentes, ora tão frios como os mais frios dos meses de Julho-Agosto, indicam claramente uma proxima mudança de estação.

N'essa expectativa as nossas elegantes hesitam sobre o que devam adquirir, nada mais natural.

Se o tempo frio convida ao *tailleur* ou ao vestido de sarja de lã, a perspectiva de proximos dias quentes junto ao espirito pratico e economico de que começam a ser dotadas, indica-lhes que adquiram novos modelos, importaria n'uma despeza superflua por quanto os que no seu armario guardam da estação passada, ainda podem perfeitamente servir.

Por outro lado, adquirir desde já *toilettes* de verão quando o tempo se mantem tão fresco e agradável, é imprudente.

Mesdames M. R. e A. B. e Mademoiselle V. B. que, na elegante sociedade carioca, representam o que ella tem de mais distincto.

Querias agora, leitora amiga, saber como eram feitas estas tres *toilettes*?

A tanto não chegará a minha indiscreção, pelo menos n'esta chronica.

JOCELYNE.

Figura 1: Revista da Semana n. 39 - Ano XVI, seção Chronica da Moda de 06 de novembro de 1915.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

É no início do século XX, com a chegada de diversos periódicos como a *Revista da Semana*, *A Cigarra* e *Fon-Fon*, que as revistas conquistam um caráter mais informativo e uma vida mais contínua. Embora essas revistas estivessem designadas ao coletivo em geral, a moda era um dos principais assuntos que constituíam as suas páginas. Nas seções que tratavam de moda, os colaboradores traziam assuntos de comportamento, detalhes da vida cotidiana,

prendas domésticas, decoração para o lar, cuidados com a beleza, além da moda que era “referência” de distinção e elegância, personificando o modelo europeu como de prestígio.

As modas nas revistas ilustradas traziam páginas com imagens de modelos de roupas, penteados, acessórios, com instruções de uso, combinações de modelos e ornamentos, evidenciando em qual ocasião utilizá-los. Buitoni analisa os primórdios das revistas femininas e avalia a vinculação destas com a publicação de modelos de trajes femininos inspirados nos da Europa, e de que forma a “necessidade” da moda se criava:

Dentro desse contexto a moda assumiu grande importância para a mulher que morava nas cidades, ainda mais se fosse na Corte. As tendências europeias eram copiadas e aí entra o fator imprensa, primeiro com a importação de figurinos vindos de fora e depois com a publicação, aqui de jornais e revistas que reproduziam gravuras de moda. A necessidade estava criada; havia, portanto, um mercado. Foi por isso que as primeiras publicações dirigidas à mulher, no Brasil, traziam moda. Jornalismo feminino, nessa época significava basicamente moda e literatura (1981, p. 12).

Na *Revista da Semana*, é possível observar que a moda preenchia um papel bem característico nas publicações: dispunha de um dos princípios centrais mediadores do padrão de modernidade que as revistas brasileiras da época buscavam produzir.

## 1.1 Revista da Semana

As revistas ilustradas marcaram época e, dentre elas, está a *Revista da Semana*, cuja existência foi uma das mais longas entre as revistas impressas do início do século XX. Andrade refere-se à revista como um periódico “[...] que representa, por excelência, a transição do século XIX para o século XX, da imprensa artesanal para a imprensa industrial” (2004, p. 234).

Com relação ao seu surgimento, encontram-se algumas divergências. Eleutério (2008) data o nascimento da *Revista da Semana* em 1906 e seu término em 1962, Buitoni (1990) afirma que a sua fundação foi em 1901, porém Scalzo (2011), Barbosa (2007), Andrade (2004) e Taboada, Nery e Marinho (2004) consideram que a revista tenha surgido em 1900, mas nenhum estudioso data o término desse periódico.

Foram encontrados alguns trabalhos acadêmicos a respeito da *Revista da Semana* que sugerem que a revista tenha nascido no ano de 1900 como *A Revista da Semana em Perspectiva*, de Taboada, Nery e Marinho (2004), também *A Literatura na Revista da Semana*, de Silva e

Nery (2007), e a bibliografia de título *Crônicas efêmeras: João do Rio na Revista da Semana*, de Paulo Barreto (2001). No primeiro exemplar, com oito páginas da *Revista da Semana*, há um trecho em que a própria revista autentica aquele periódico como sendo o primeiro, datado 20 de maio 1900 (Figura 2), conforme transcrito abaixo.

A revista, cujo primeiro numero hoje publicamos, tem o desejo de ser um orgam de informação, illustrado e popular. Não cogita de política, sob qualquer fórmula que se possa entender essa designação. Não tem empenho algum em ver triumphar tal ou qual escola litterária.

Feita para o povo – desde as ínfimas ás mais altas camadas sociaes – a REVISTA DA SEMANA empenhar-se-há sómente em fornecer a todos illustrações e artigos interessantes. De tudo quanto se passa durante a semana e que mereça attenção procurará dar, em excellentes gravuras, copiadas de photographias, o que deva excitar a curiosidade publica. Quando o caso assim exigir, juntar-se-há a isso o texto necessario para a boa comprehensão dos factos, embora, em regra, nos empenhemos em multiplicar de tal modo as estampas, escolhendo-as tão bem que dispensem commentarios (REVISTA DA SEMANA n. 1, 1900, p. 2 - ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL).





Figura 2: Segunda página do primeiro exemplar da *Revista da Semana*.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

De acordo com Martins (2001), a *Revista da Semana* estava entre as melhores revistas ilustradas do País. Lançada como suplemento do *Jornal do Brasil*, esse periódico foi o primeiro grande projeto de uma revista em moldes empresariais no Brasil que, na sua primeira edição, teve o número de exemplares esgotados nas bancas. Álvaro Teffé, mais conhecido como Barão de Tefé, foi seu fundador, tendo tal periódico proposta de circular, inicialmente, no Rio de Janeiro, com “[...] sua primeira edição em 20 de maio de 1900 [...]” (BARRETO, 2001, p. 12) e se prolongado até 1959.

A revista procurou acompanhar e introduzir as novidades tecnológicas. Do mesmo modo, “descobriu” e vulgarizou as técnicas de fotorreportagem, modificando o visual, colocando em evidência a imagem e reunindo um qualificado corpo de colaboradores. Outra

propriedade da revista foi o seu pioneirismo no que diz respeito à utilização da fotografia para ilustrar suas reportagens. Andrade afirma que, nos primeiros números, poderiam ser identificadas as características “[...] que viriam marcar, décadas mais tarde, o advento da fotorreportagem na imprensa carioca e – por que não dizê-lo – na imprensa brasileira” (2004, p. 234).

Tefé percebe que uma revista semanal não necessitava ser uma publicação da alta sociedade. Durante quatro meses, investiu e prosseguiu nesse conceito, inclusive recorrendo ao sensacionalismo. No entanto, a política pesou mais e, possivelmente com dívidas, o Barão vendeu a revista, a qual foi comprada pelo *Jornal do Brasil* (CADENA, 2011).

Muitos pesquisadores, ainda hoje, referem-se à *Revista da Semana* como um produto do *Jornal do Brasil*, entretanto, em 1915, ela foi adquirida pela *Companhia Editora Americana*, mesmo ano da sua reestruturação, em que ganhou, para sua nova fase, maquinários atualizados vindos dos Estados Unidos, possibilitando sua impressão com cores novas. Segundo Andrade, nos primeiros exemplares da revista

[...] não há qualquer menção ao *Jornal do Brasil*, o que só vai ocorrer a partir do número 15, quando ocorre a transformação radical em suas páginas. [...] A partir de então, a *Revista da Semana* vai substituir o *Jornal do Brasil Ilustrado*, que havia sido criado em 1898 e era responsável pela publicação das caricaturas (2004, p. 234-235).

Logo após a desvinculação do *Jornal do Brasil*, os assuntos abordados na revista passaram a compreender atualidades sociais, políticas e policiais, tornando-se, a partir de 1915, uma revista feminina. No período analisado (1915-1918), é possível perceber nas páginas da *Revista da Semana* a influência da *art nouveau*, conferindo às gravuras um estilo elegante. Paulo Barreto, no livro *Crônicas efêmeras*, corrobora com essa informação, ao afirmar que seriam “[...] criações artísticas de alto nível” (BARRETO, 2001, p. 12), o que coloca em evidência “certo elitismo cultural” na *Revista da Semana*.

A revista acompanhou a tecnologia como outras revistas ilustradas do período, ao mesmo tempo em que seguiu as melhorias da fotografia na passagem do século XX, tendo adotado expressivamente esse formato de comunicação, contendo reportagens com inúmeras fotos. Algumas apresentavam muito mais fotografias do que textos escritos. Nelson W. Sodré, a respeito desse assunto, enfatiza que, na visão da técnica, as revistas ilustradas marcam a abertura da fase da fotografia, e também da emancipação da ilustração, colocando de lado as barreiras da litografia e da xilogravura.

A *Revista da Semana* (Rio de Janeiro, 1900), de Álvaro Teffé, é unanimemente apontada como marco do surto – que se prolongaria por décadas – das chamadas revistas ilustradas ou de variedades. Com apresentação cuidadosa, de leitura fácil e agradável, diagramação que reservava amplo espaço para as imagens e conteúdo diversificado, que poderia incluir acontecimentos sociais, crônicas, poesias, fatos curiosos do país e do mundo, instantâneos da vida urbana, humor, conselhos médicos, moda e regras de etiqueta, notas policiais, jogos, charadas e literatura para crianças, tais publicações forneciam um lauto cardápio que procurava agradar a diferentes leitores, justificando o termo variedades. Pode-se supor que tal uso cumpria função estratégica: diante do relativamente minguado público leitor/consumidor, o sucesso do negócio revista dependia de se conseguir ampliar ao máximo os possíveis interessados, daí o recurso a uma rubrica ampla, que permitia incluir de tudo um pouco (LUCA, 2006, p. 121).

Segundo Martins, praticamente “todas” as revistas do período eram de *variedades*, mesmo que designadas como esportivas, femininas, agrícolas, religiosas, operárias, entre outras, pois no interior dos periódicos os assuntos e as seções eram diversificados para agradar ao público-alvo e àqueles que ainda poderiam alcançar (MARTINS, 2001).

No recorte estudado (1915-1918), a *Revista da Semana* teve como diretor Carlos Malheiro Dias e, até o exemplar de 03 de agosto 1918 (REVISTA DA SEMANA n. 26, 1918 - ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL), o periódico apresentava a correspondência dirigida ao diretor-gerente Arthur Brandão, passando o cargo para Aureliano Machado no exemplar seguinte (REVISTA DA SEMANA n. 27, 1918 - ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL).

Martins aponta que se tornava “indispensável” o módulo de assinatura para os jornais e as revistas para a sobrevivência desses periódicos. Porém, “no caso da revista, [...], a alternativa de venda em locais físicos e/ou pontos geográficos da cidade reforçava sua colocação, sobretudo em se tratando de publicações menores, cujo possível consumidor desconhecia o hábito de assinar, ou não dispunha de condições para fazê-lo” (MARTINS, 2001, p. 232).

A aquisição da *Revista da Semana*, conforme o próprio periódico divulgava internamente nos exemplares, propunha as “condições de assinatura” que poderiam ser por cada 52 números que equivaliam a uma assinatura de um ano, fixando um valor para os brasileiros e outro para estrangeiros, e também poderia ser adquirida unitariamente com um custo específico para “avulso capital” e “estados”, como pode ser visto na figura de um exemplar de 1918 (Figura 3).

Ao longo dos anos, as “condições de assinatura” modificaram-se. Em 1930, além de poder ser assinada por um ano, também apresentava a opção de seis meses. Segundo Martins, no final do século XIX “o valor da assinatura anual e/ou semestral oscilava em função do acabamento gráfico da publicação, periodicidade, retaguarda de anunciantes e custo do papel.



[...]. Os preços eram elevados, pela novidade e custos dos experimentos técnicos, proporcionando ilustrações em cores [...]” (2001, p. 230).

Entretanto, nos primeiros anos do século XX, essa realidade se modifica, com o aumento de anunciantes nas revistas, que a perceberam como uma oportunidade eficaz de publicidade (MARTINS, 2001). As revistas de valor mais acessível, nos primeiros anos do século XX, custavam entre 4\$000 e 16\$000 (mil contos de *réis*) a anuidade. Já uma revista luxuosa, com aprimorado acabamento e direcionado para as classes mais abastadas, custava em torno de 24\$000 (mil contos de *réis*) por ano.

Vários periódicos nesse período custavam 20\$000 (mil contos de *réis*) anual fabricados em papel *cuchê* (MARTINS, 2001). A *Revista da Semana*, nos fins de 1915 (REVISTA DA SEMANA n. 44, 1915 – AHR-UPF), apresentava um custo anual de 18\$000 (mil contos de *réis*), avulso 400 *Réis* e estrangeiro 50 *francos*. Porém, no fim de 1916 (REVISTA DA SEMANA n. 32, 1916 - AHR-UPF), a revista passou a custar 20\$000 (mil contos de *réis*) anuais mantendo os outros dois valores. No exemplar n. 38 da *Revista da Semana* de 1916, consta que o periódico dividiu a opção *Avulso* para *Capital*: 400 *Réis* e *Estado*: 500 *Réis*.

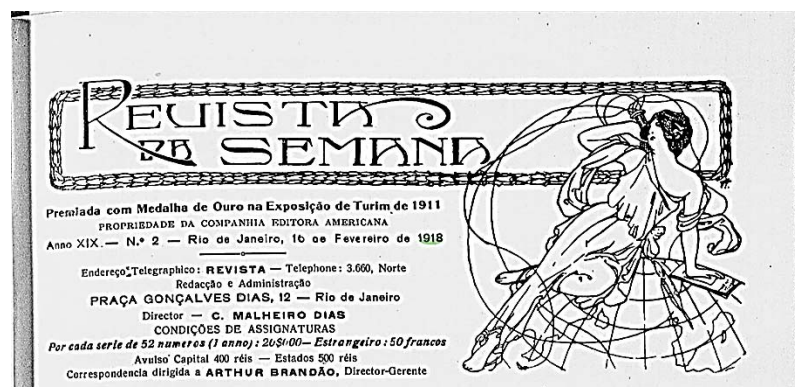


Figura 3: *Revista da Semana* n. 2, Anno XIX- 16 de Fevereiro de 1918. Condições de assinatura da *Revista da Semana*.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

A revista, desfrutando do recurso da fotografia, fazia seções em estúdio, onde eram fotografadas simulações de crimes para elucidar as reportagens a serem divulgadas. Segundo Scalzo, a revista “[...] é pioneira na utilização sistemática de fotos, especializando-se em fazer reconstituições de crimes, em estúdios fotográficos” (2011, p. 29). Isso pode ser visto no exemplar de n. 669 da *Revista da Semana* com o título *O ultimo crime* (REVISTA DA SEMANA n. 669, 1913 – ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL), que expõe

um homicídio acontecido em 1913 em que um ladrão havia sido morto, segundo informações da reportagem.

Outra forma de reportagem que também era recorrente na revista eram as constituídas por fotografias legendadas, sem colunas de textos para contextualização ou explanação das imagens. Acredita-se na ideia de que “[...] aquelas reportagens fotográficas primordiais estavam completando, visualmente, o que já havia sido relatado verbalmente pela imprensa diária” (ANDRADE, 2004, p. 241). Contudo, os “instantâneos de rua” apresentavam, por vezes, apenas a descrição da imagem a ser vista, ocupando lugar nas páginas da *Revista da Semana* (Figura 4).

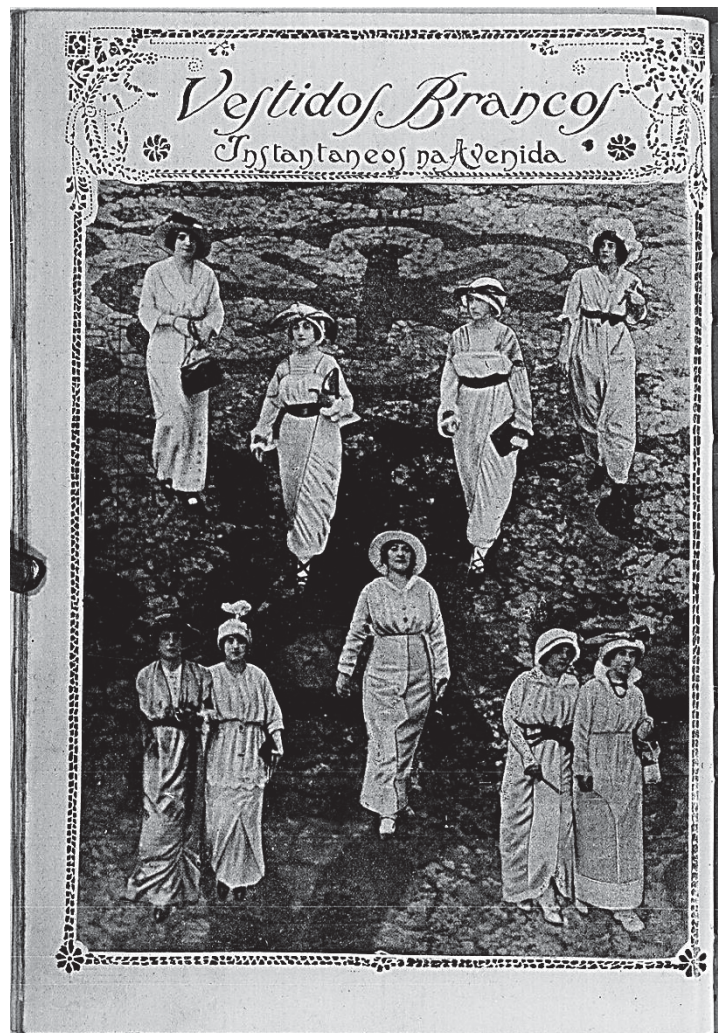


Figura 4: *Revista da Semana* n. 01, Anno XV – 14 de fevereiro 1914. Instantâneos da Avenida na cidade do Rio de Janeiro.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Outra questão relevante que Andrade aponta refere-se à forma com que são inseridos os textos e as imagens na revista, afirmando ser um “estranho casamento entre texto e imagem”, e que essas imagens seriam pobres em “[...] atributos estéticos e de legibilidade insatisfatória, chama a atenção o fato de muitas vezes as fotografias de um mesmo assunto estarem dispersas de maneira aleatória, em meio a diferentes textos, ao longo das páginas da revista” (2004, p. 235).

A *Revista da Semana* é referência na história da imprensa em diversos aspectos, tais como a fotografia, a diagramação, a propriedade editorial, as suas ilustrações etc. A revista, mais do que um meio de informação – papel igualmente desempenhado de forma objetiva ou de forma expositiva e opinativa –, traz ao leitor um leque de temáticas que lhe chamam a atenção pela coincidência da linguagem e pela vigência do assunto, ou por propiciar um momento de lazer aliado à informação.

Lazer e um certo luxo foram-se associando à ideia de revista no século XX. E a imprensa feminina elegeu a revista como seu veículo por excelência. Revista é ilustração, é cor, é jogo, prazer, é linguagem mais pessoal, é variedade: a imprensa feminina usa tudo isso (BUIIONI, 1990, p. 18).

Ao observar algumas das características físicas da revista com relação ao recorte analisado, percebe-se que há, em média, de 40 a 50 páginas por exemplar, e que não havia sumário ou paginação, razão pela qual se supõe que o desejo era de que o leitor precisasse folheá-la por inteiro à procura das matérias.

Outro item é a capa, tema que, na contemporaneidade, tem caráter fundamental, entretanto, na *Revista da Semana*, não havia uma preocupação em manter um padrão com relação à capa, nem no que diz respeito à forma da escrita e a sequência das seções internamente que variavam de lugar. Após tornar-se uma revista feminina, a *Revista da Semana*, aos poucos, foi trazendo capas ilustradas cada vez mais voltadas para o público feminino, demonstrando uma mulher bem informada, em situações do cotidiano, elegante, maternal, mostrando-a em passeios e também com animais domésticos.

Entre tantas seções existentes na *Revista da Semana*, as de modas, destinadas para o público feminino das camadas sociais mais abastadas, passaram a ganhar espaço no início do século XX. Dentre essas, destaca-se o *Jornal das Famílias*, uma seção de moda que orientava e informava as “últimas tendências” vindas do exterior, como de *Paris*, por exemplo.

## 1.2 Jornal das Famílias

O *Jornal das Famílias* era considerado uma seção dentro da *Revista da Semana*. Tal informação pode ser confirmada no primeiro exemplar: “A *Revista da Semana* inaugura hoje, com o título de *Jornal das Famílias*, uma seção que muitas das suas leitoras lhe pediam e na qual serão incluídos com desenvolvimento crescente os assumptos que mais particularmente interessam a vida domestica e a dona de casa” (REVISTA DA SEMANA n. 30, 1915 – AHR-UPF).

Nela, observam-se as mulheres das elites, que frequentam salões, teatros, dentre outros espaços de sociabilidade destinados a esse grupo social e que, como costume do período, deveriam apresentar-se bonitas e bem-vestidas, adotando as tendências da moda e de comportamento ditadas, sobretudo, pelos meios de comunicação da época, especialmente as revistas.

As mulheres da época analisada (1915-1918), para as quais a seção é direcionada, eram as moças e as senhoras da elite, que desfrutavam de um alto poder aquisitivo, eram escolarizadas e apreciavam a leitura como forma de instrução das novidades sobre moda e vestuários do seu tempo. A mulher leitora da época encontrou nas revistas outra forma de desfrutar do impresso.

[...] Não aquele da leitura compenetrada, dependente de ambiência própria, de autor consagrado, da dificultosa aquisição do livro. Mas, da leitura folhetinesca, em pedaços, quase aleatória, conduzida pela variedade de seções e ilustrações, que ao fim e ao cabo, definiu dois códigos de consumo do impresso: aquele do texto e o outro, da imagem (MARTINS, 2001, p. 377).

O “pequeno jornal”, como era conhecido o *Jornal das Famílias*, lançou-se no ramo dos editoriais femininos no dia 04 de setembro de 1915, com matérias sobre moda, conselhos sobre valores e comportamentos, dicas de higiene e saúde e assuntos sobre a vida doméstica para as senhoras e para as moças da época. Seu último exemplar foi em 04 de novembro de 1939. Portanto, a seção permaneceu em circulação por vinte e quatro anos.

A seção possuía um espaço para o exercício do jornalismo de moda, que abrangia em torno de três a quatro páginas da revista. Era considerada uma das seções mais longas da revista, que envolvia desde dicas de moda até regras de higiene e sugestões de saúde e de zelo com a família. Além disso, fornecia conselhos sobre valores e comportamentos considerados adequados para as mulheres da época. Geralmente, a seção se encontrava nas últimas páginas



da *Revista da Semana*, exceto em duas situações: em uma delas ela estava localizada logo nas primeiras páginas da revista e em outra não se obteve acesso.

A seção não dava ênfase somente à moda feminina, mas, também, à decoração do lar, visto que, em muitas reportagens, falava-se da moda para toalhas de mesa, para almofadas e para móveis, por exemplo. No livro *O olhar decorativo* de Marize Malta, a autora cita a seção *Jornal das Famílias* da *Revista da Semana* “[...] que trazia dicas sobre decoração dos lares” e informa que, através da seção, se pode estabelecer “[...] as principais motivações para preferências de compra e de que modo os artigos para decoração eram apresentados”. A autora cita a “Casa Nunes”, que oferecia relevantes anúncios relacionados à decoração, e “[...] cujas imagens e jargões traziam sugestões para se ler a decoração” (2014, p. [s. p.]). O termo “Moda” não apenas era designado para “o vestir”, para as questões de comportamento e para os lugares em que se frequentava, mas se falava na moda da decoração.

Esta foi, certamente, a mais ‘feminina’ de todas as colunas publicadas pela *Revista da Semana* e, como tal, espelhava os assuntos considerados importantes à cultura feminina da sociedade da época. O status quo daquele período indicava ser importante para a mulher um bom casamento e a demonstração de dons para os afazeres domésticos e cuidados para com a família. A revista incluiu temas e abordagens que alimentavam essa realidade (TABOADA; NERY; MARINHO, 2004, p. 27).

Ao que concerne à padronização, nem a *Revista da Semana* nem a própria seção investigada apresentavam um padrão, pois era recorrente, por exemplo, a troca de títulos de matérias ou a troca de página de reportagens. Observa-se, nesse sentido, que, na primeira página (Figura 5) do *Jornal das Famílias*, era destinado um espaço para a moda feminina com vogas da época, que recebia o nome de *A Moda* nos primeiros exemplares, depois *Modas*, e, em seguida, passou a se chamar *Ultimos Modelos*.

Nesse espaço, além das ilustrações de roupas e de ornamentos femininos, uma característica peculiar era o detalhamento em que o vestuário e os acessórios eram descritos. Em tais seções, apresentavam-se combinações de tecidos, aviamentos, padronagens, acessórios, dicas de moda e etiqueta, formas de uso dos mais variados adornos em voga e até o que cada biótipo “deve” usar para “não cair no campo do ridículo”, expressão muito usada na época.



*Revista da Semana*



**Jornal das Famílias**

N.º	Modas, Costumes e bordados. A vida no Lar, Recetas e Conselhos práticos, Economia	2
66	Doméstica, Higiene de Beleza, Alimentação	10
		1916

**MODAS**

As senhoras que fazem as suas blusas e vestidos, e que não se encontram embaraçadas para executar uma *solette* de jantar, mesmo uma capa da noite, hesitam enormemente só à ida de terem que costar um *tailleur*.

Ao seu espirito apresenta-se lhes chato d'inaumeras dificuldades. Ouviram repetir tantas vezes que só o alfaiate é que tem a mão sufficientemente segura para lhe dar a elegancia desejada, que essas palavras constituiram como que um dogma.

ma. Mas esses receios, essas duvidas não ha direito a existirem actualmente. Os modas tendo progredido, certos pontos outr'ora inintelligiveis menos para os profissionaes, estão hoje em plena luz.

Não nos deteremos em descrever a vantagem das senhoras em fazer as suas *solettes*, bastando acrescentar que para aquellas que tem um orçamento limitado, é a unica maneira de poderem andar elegantes accentuando mesmo a sua individualidade.

Cada qual pôde assim favorecer o seu gosto pessoal não só sob a relação da côr, mas procurar o tom exacto que lhe convem e mesmo dizer:

— Escolher este modelo, mas quero-o em azul zibelina em vez de verde, porque esta côr não me fica bem, e a blusa deve ser um pouco comprida, e mesmo a saia curta não me é procria. Quanto ao cinto, não me decidi ainda, veres quando provar, e talvez o escolha mais estreito do que largo.

A apparencia distincta que tomou ultimamente a blusa é devido ás suas linhas simples, e os cambões altos são tambem muito elegantes.

O cinto largo vulgarizou-se, porque torna a cintura muito comprida. Mas o estreito adequa-se mais a certas esbeltas.

Uma inovação graciosa e elegante, consiste em praticar aberturas na blusa em volta do cinto, por onde se faz passar uma fita estreita de seda.

Afinal, o segredo d'andar bem vestida é pôr o que nos realça sem nos importar com o que usam as nossas amigas cujo genero de beleza pôde differir absolutamente da nossa. Estude-se a silhueta, as exigencias do corpo. Se o cinto alto vos fizer parecer mais cheias substitua'n'o por um estreito, logo que tenham a certeza que se tornam mais delgadas, mais novas. É uma regra a que se devem conservar fiéis, a escolha das vestimentas, por ser muito restricto o numero de pessoas a quem tudo fica bem. O essencial é fazer uma combinação do genero que se deve adoptar.



*Tollat: em gaze, tunicas de Chastilly, com grynaldas de rosas bordadas, cinto de seda, tambem côr de rosa.*



*Vestido chamado Espoit em tafetas azul celeste bordado a laille Champagne e draperie bordada a ouro.*

Figura 5: Revista da Semana n. 43, Anno XVII. Primeira página da seção *Jornal das Famílias* n. 66 de 02 de dezembro 1916.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Na segunda página (Figura 6), o espaço era dividido entre *Moda – Infantil* e reportagens variadas. Na primeira matéria, eram mostrados modelos de trajes infantis da tendência do período e conselhos para as senhoras na educação dos filhos. Essa parte, a exemplo da moda feminina na primeira página, apresentava a descrição dos modelos infantis, em roupas e acessórios também.

A seção trazia peças delicadas e destacava a importância do bordado à mão, tanto na indumentária infantil quanto na feminina, e na primeira, eram apresentados modelos delicados e defendia-se a ideia de conforto para esse público, mas sem perder o refinamento.

*Revista da Semana*

## Moda - Infantil



Continuam as crianças usando vestidos d'estylo inglês com blusa azul, collarinho da mesma fazenda ou em preto, enfeitados com tres galões-nhos e calça e boina de qualquer d'essas cores, o que é sempre elegante. Muito em especial recommendamos estes dois vestidinhos, um em linho, outro em forma de túnica.

O primeiro é bastante simples, e faz-se em branco sendo a saia pontuada, podendo usalo as meninas de 10 a 12 annos, sendo a quantidade de fazenda precisa 3 metros.

Este *taillet* tambem se faz em sarja ou tussor.

A túnica do outro figurino cabe a direito sobre um vestido de linho branco e azul pallido. A gola e as mangas são de batista finissima. Para uma menina de 6 a 8 annos bastam 2 1/2 metros para o vestido, para a túnica 1 1/2 e para os folhos 90 centímetros.

Um avental para uma menina de 5 annos.

Executa-se com 1,55 metro de folho bordado com a largura de 56



centímetros e 1,25 d'entremeio bordado e 3,75 de renda, e no caso de ser d'um só panno 1,30 por 88 cent, ou 115 centímetros de largura.

## Moda Practica



Embora haja vestidos de casa que se se- melham bastante com os elegantes trajes de passeio, o robe de chambre, que as se- nhoras põem de manhã, deve ser sempre de côrte e de forma simples, por mais custo- sa que seja a fazenda. O typo ainda escolhido é o kimono, com algumas variantes, se se quiser evitar a banalidade. Em certas lojas encontram-se kimonos de crepe d'algodão estampado, de *ponçé* ou crepe da China bordado, e as suas côres berrantes talvez attraiam, mas muitas senhoras preferem encontrar tons mais suaves e apagados, para melhor se harmonisar com a côr do tapete ou o papel da alouva. Podem fazer-se facilmente em casa, ou então entregal-os a uma costureira, mesmo que não seja muito perfesta. No fim d'esta- ção vendem-se nos estabelecimen- tos retalhos de seda por preço di- minutos. Mas não o querendo tão luxuosos, escolham-o em percal, em lã, ou crepon de lã e seda.



Muito elegante é o que foi feito em crepe da Chi- na côr de tango; cortase como o kimono, poden- do separar-se a saia do robe de chambre, unidos por uma costu- ra occulta sob um cinto de *ap- pr*. Este cinto de- ve ser o prolon- gamento do robe de chambre, for- mando *ficha*, atando atraz.

É a unica man- eira como fecha o robe de *cham- bre*, tendo o cui- dado de o costar bastante largo afim de poder cruzar bem. Cortando a fazenda envesada *lira* melhor, mas precisa-se maior quantidade. Uma *ruela* de fã de *psoc*, côr d'orchidea muito pallida, ou, quando, do in- cmo tom do kimono, é de uma requi- tada elegancia.

É.

Éis uma maneira pratica de tirar as medidas do peito, para os corpos de vestidos, blusas, *camisetas*, *capas* e *sapeteis*. Possuem o metro em volta do busto, comprehendendo as es- costas, debaixo dos braços e na parte mais saliente do peito.

Para tirar a medida da cintura, para as saias e *tailleuz*, passa-se o metro em volta da cintura, como



indica a figura. É na medida das ancas, para vesti- dos e con- fecções de todos os generos passe-te o metro em volta do corpo, 15 centímetros abaixo da linha de cintura normal.

É' suffi- ciente para saias a me- dida das ancas, etc., mas, se es- tas forem pequenas em relação á cintura, n'esse caso a medida que serve é a da cintura.

Deve-se ter sempre o cuidado de não apertar muito as medidas.

Um pae muito severo encontra a filha a fallar da janella com o aumo- rado. Cego pela toiera, dá a'este duas ou tres bengaladas. E o homem palpando as costellas, fugindo: Fui com azas de Cupido e volto com azas de pan.

Figura 6: *Revista da Semana* n. 32, Anno XVI. Segunda página da seção *Jornal das Famílias* n. 03 de 18 de setembro 1915.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Ainda na segunda página, eram publicadas reportagens variadas, como, por exemplo, "A mulher da moda (REVISTA DA SEMANA n. 45, 1915 – AHR-UPF); A origem das meias: da meia de velludo a' meia de seda (REVISTA DA SEMANA n. 33, 1915 - AHR-UPF); O espartilho e a silhueta ideal (REVISTA DA SEMANA n. 35, 1915 - AHR-UPF); etc."



Nesta última matéria citada, o cronista articula sobre o prestígio de se ter uma silhueta esbelta e bem espartilhada, de acordo com a linha “exigida” pela moda. *Conselhos sobre o casamento* (REVISTA DA SEMANA n. 31, 1916 - AHR-UPF) foi uma das matérias que teve continuidade por alguns exemplares e que aconselhava as moças sobre a escolha do marido:

Não se deve olhar apenas o caracter do homem com quem vae casar, mas tambem a sua profissão. Vamos passar em revista as principaes carreiras e apontar cada uma das suas vantagens e inconvenientes matrimoniaes. O marido negociante [...]. O marido banqueiro [...]. O marido industrial [...]. O marido proprietario [...]. O marido artista [...]. O marido escritor [...] (REVISTA DA SEMANA n. 31, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Na terceira página (Figura 7), o espaço, na maioria das vezes, era reservado para *Costuras e Bordados*, entretanto, como uma característica da revista, a seção não apresentava um padrão de continuidade, então, em alguns casos, havia matérias como *A Nova Esthetica - o espartilho da moda* (REVISTA DA SEMANA n. 45, 1915 - AHR-UPF); *Os saltos à Luiz XV as pantufas de salto baixo* (REVISTA DA SEMANA n. 29, 1916 - AHR-UPF); *Como se póde mobiliar a casa* (REVISTA DA SEMANA n. 50, 1916 - AHR-UPF), etc.

A seção de *Costuras e bordados* apresentava uma variedade de tipos de bordados, tanto de produtos para o lar como de toalhas, almofadas e decoração em geral, quanto para as roupas e acessórios. Uma das peculiaridades era que apenas o bordado à mão era considerado de valor e distinto, o que não era válido para o feito à máquina. Também nesse espaço, registrava-se a classificação dos bordados (bordado para almofadas e para toalhas de mesa, por exemplo), os quais eram bem detalhados, com explicações de “passoapasso”.

Além disso, eram publicadas histórias de bordados, no intuito de mostrar o prestígio que se conferia a esse artesanato, tanto na indumentária infantil e feminina quanto na decoração do lar, demonstrando que era considerada uma ocupação “digna” do tempo de lazer para as mulheres.

*Revista da Semana*

## Costuras e Bordado

**Combinações de calça e corpete.**— A moda das combinações está cada vez mais em voga; o que não é de admirar, visto que esta prenda é útil e pratica. O modelo aqui apresentado é muito *coquetto*, embora extraordinariamente simples. Compõe-se de quatro partes: costas, frente e pernas. A frente é em motivos a bordado inferior, e em baixo de cada perna também se borda o mesmo motivo, alterando com entremeios incrustados. Juntam as duas partes das pernas pelas costuras dos lados unidas com um *ajovar*. As costuras devem ter dez centímetros, pouco mais ou menos. Frente-se a parte alta da calça assim como a parte baixa do *cache-correr* a que se fazem algumas pregas, ficando assim a medida da cintura, e unam-se as duas partes com *trou-trou*. A combinação fecha atrás, passa-se uma fita de seda à roda e põe-se um laço no fim de cada perna. Os aviaamentos necessários são: cambraia, 2 metro com 1,20 de largura; *trou-trou*, 80 cm, renda larga e pequena, 2,50 de cada; entremeio, 4 metros.

**Corpete-*thière*.**— Para este trabalho a ponto de Rhodés são precisos dois pedaços de linho antigo de 35 cm de comprimento por 25 d'altura. O fundo é bordado n'esse ponto em

res mais pallidas emprega-se ouro velho e no centro amarelo mais claro e para as outras rosa mais escuro.

Os escudos d'armas com que se adornavam outrora bandeiras e auri-flamas, bordavam-se pelos dois lados. Os *broados* principiam a usarse muito nos trajes, e também nas en-

cadernações dos livros, empregava-se para bordar tecido d'ouro ou prata, e fez-se bastante uso, como enfeite, de perolas e coral. O celebre livro dos *Offícios* de Boleau, presente dos mercadores de 1258 a 1268, enumera, entre outros, as corporações que havia em Paris de *madefras* de seda, *tapecetores*, *bordadores*, e *bordadoras*, que se reuniram em confraria sob o patrocínio de Santa Clara. Devia ganhar pouco a *maestria*, segundo se deduz da divisão que d'ellas se fez até final do seculo passado, entre *meistras* e *rdá*, dando este nome a entender que com o seu pouco ganho só podiam beber agua.

Na mesma obra fala-se de casulas, de confeccionadoras de saccos sarraçenos que, vulgarmente eram adornados com brades e cutase mesmo uma tal Margarida que devia ser muito habil na sua profissão. Esses saccos ou escarcelas eram de seda e as vezes de couro; conservam-se exemplares muito curiosos dos seculos XIII ao XVII, sendo os de maior fama nos denominados *fascas*, que se fabricavam em Caen, porque a rua onde moravam as bordadoras se chamava das *Taqueras*. Produziam-se também ornamentos eclesiasticos, frontaes d'altar, ricos e sumptuosos que se võem ainda hoje muitos na igrejas de França. Os sarraçenos que tinham levado para a Sicilia a industria dos tecidos, trabalhavam em seda e ouro e por sua influencia, em Hespanha e na Italia appareceram obras preciosas. E relando as velhas chronicas adquire-se uma idéa cabal da magnificencia desenvolvida nos bordados feitos na França, Inglaterra e em Flandres, pois alli se fala em tapearias para revestir paredes intizas, formando compartimentos em castellos e palacios. Por outro lado eram também bordadas as toucas, luvas, calçado e outros accesorios do traje, pois este, completamente bordado, só se usou desde o seculo XV, e nessa epocha não havia casa importante que não tivesse o seu bordado. A preocupação tecnica que então tinham os bordadores, era que os tecidos fossem bem tintos para o que havia maravilhosas receitas que custava muito a adquirir.



Combinação de calça e corpete.



Um meta-borrão artistico.

quanto os motivos são contornados em ponto de haste com *caton perlé*. Os dois lados do *couvre-thière* levam exactamente a mesma decoração executada d'identica maneira. São remidos pelo lado redondo por um entremeio de renda de linho bastante aberta para poder enfiar uma fita de seda cujas lapadas estão na parte superior, terminando na inferior com uma rendinha de linho. O forro é de setim verde pallido e o interior do *osoy* algodoado e forrado de flanella branca.

**Um meta-borrão artistico.**— Este trabalho é muito bonito, sendo o setim azul electrico, sobre o qual se bordam alguns grupos de flores, arte nova de diferentes tons. As petalas são a matiz contornado com um fio bordado a pé de fioz, em castanho e de *lilres* de diferentes verdes bordam-se igualmente a matiz com alguns pontos de seda cor de madeira. As compidas bastes que unem compidas são a ponto d'hoite, umas verdes, outras cor de madeira. O calce das rosas está marcado com pequenos pontinhos d'arria cruzados em tolas as *di-reccões*. Para as outras flo-



Couvre-thière.

Figura 7: *Revista da Semana* n. 43, Anno XVI. Terceira página da seção *Jornal das Famílias* n. 66 de 02 de dezembro de 1916.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

A última página (Figura 8) dividia o espaço com uma variedade de assuntos: Receitas e conselhos práticos, A vida no lar, Economia doméstica, Higiene da beleza e Alimentação. Abaixo, reproduz-se o texto de uma dessas reportagens, intitulada *A mulher da moda – A elegante de hoje e de hontem* (REVISTA DA SEMANA n. 40, 1915- AHR-UPF), que narra a vida diária de uma “mulher da moda” moderna em 1915:

A maneira como uma senhora distinta emprega hoje o seu tempo, é, absolutamente diverso do que era ha cincoenta e tantos annos. O orçamento elevado d'uma fashionable d'então, mal serviria agora para a compra de tres vestidos e quatro chapéus! Ao levantar-se, ella punha a sua touca, mais ou menos arrendada, e ia ter

com os filhos, vigiando os seus estudos, porque se devia ser uma boa mãe. Hoje, as complicações da toilette de manhã tornaram difíceis as efusões maternas e mesmo as crianças educam-se de maneira diversa. Quando ella tomou o seu banho, e passou pelas mãos habéis da massagista, da manicura, da cabelleira, da sua creada, é a hora do footing e precisa dar a sua volta pelas Avenidas [...] (REVISTA DA SEMANA n. 40, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Conforme se pode observar no trecho acima, a revista dirigia seus discursos para uma mulher das camadas mais abastadas da sociedade, que dispunha de maior disponibilidade de tempo, capital econômico e social para dedicar-se às atividades voltadas para a busca de “emblemas sociais”, práticas “designadas” para as elites de caráter marcadamente simbólicos.



*Revista da Semana*



**COZINHA**

**GELEIA D'ESPECIES**

Para a fazer necessita-se de gelatina em pó e deitam-se tres colheres de sopa n'uma vasilha com tres colheres d'agua, cem grammas d'assucar, seis cravos, canella em pau, nos moscada, semente de coentro, a casca de duas laranjas e de dois limões e dois ovos. Bat-se ao lume até ferver, depois tira-se, e estira durante cinco minutos. Então deita-se na fôrma e serve-se com creme batido. Enfeitem com folhas d'hortelã pimenta crystallizada.

**LIMAS COM GELEIA**

Corta-se uma lima ao meio, limpa-se e enche-se de geleia de groselha, bem fêlura, constituindo um lindo



prato para enfeitar a mesa e em extremo apreciado pelos verdadeiros gourmets.

**«CHAMPIGNONS SAUTÉS»**

Tomem 200 grammas de champignons e misturem com 60 grammas de manteiga, adicionando-lhe sal, pimenta, sumo de limão, salsa picada



e uma chicara de creme. Tapem e deitem cozinhar a fogo brando até que diminua um tanto. Cortem uma grande fatia de pão em redondo,

amontõem 'alli os cogumellos, deitando-lhe o fmoelho por cima, pondo-lhe uma tampa de vidro, e mettam no forno com lume moderado durante uma quarto d'hora. E serve-se sem tirar a campanula para lhe conservar o delicioso aroma.

**GELEIA DE MARMELLO**

Embora um tanto vulgar ha uma maneira de a apresentar lindamente. Deem-lhe a fôrma d'uma pera ou



da maçã e guarneçam-na no topo com folhas bem recortadas e fructos pequenitos.

\*\*\*\*\*

**As mãos e os pés no verão**

O cuidado das mãos e dos pés durante o verão tem muito mais importancia que no resto do anno, porque se, sob o ponto de vista esthetico, são muito mais as froturas, não molestan tanto como as mãos humidas e lentas, especialmente quando se escreve á machina, ou se borda ou a pessoa se entrega a trabalhos delicados.

A maioria das que soffrem este incommodo são creaturas fracas no anemias, e ás vezes basta um touco para se curarem dentro de poucos mezes.

Como medida preventiva banhem as mãos em agua quente com umas gottas de vinagre ou agua de Colonia e depois de secas polvilhem-as com acido boiço e amido, na proporção de dois para quatro.

Outro remedio simples é untar as palmas das mãos com uma pasta de farinha d'arrendoas e estrejar bem a pelle. Depois mettem-se na agua e deita-se o pó acima indicado.

A senhorinha que trabalha em atelier tendo esse padecimento deve levar consigo um frasquinho com uma solução fraca d'acido borico (duas colheres pequenas d'acido borico por 300 grammas d'agua) com uma d'agua de Colonia por cada 60. Com este liquido humedece-se a palma da mão quando se lhe nota calor e viscosidade, e põe-se depois o pó com um pompon. E assim terão os mãos frescas todo o dia.

Os pés, em extremo delicados, devem ser metidos em agua quente com sal todos os dias, ou uma vez pela manhã e outra á tarde, se se anda em passeio mais do que o habitual. Depois seccam-se muito bem e esfregam-se com vaselina, creme ou sebo clarificado á falta de melhor.

Suavia-se assim e abranda a pelle impedindo o apparecimento de callos e previne a formação de feridas nos calcanhars ou na planta do pé. E depois de tirada a gordura recorre-se tambem ao pó.

As unhas dos pés podem occasionar graves complicações se não se tratam, sobre tudo se haem tendencia a enravarem-se. N'esse caso corta-se no centro d' unha um bocadinho em fôr-

ma de V. levanta-se suavemente a parte que penetra na carne e põe-se debaixo um pedacinho d'algodão em rama embebido em peroxydo d'hydrogenio. Muda-se pela manhã e pela noite, e ecorre em V vae-se errando e a unha cresce na posição que deve ter.

\*\*\*\*\*

**A Vida no Lar**

\*\*\*\*\*

Dá sempre uma excellente impressão o ver um serviço de mesa em linho d'uma deslumbrante alvura e muito bem bordado.

Indica desde logo os cuidados intelligentes da dona da casa, e quanto



mais fino fôr o linho e a sua simplicidade maior será o realce.

O que vae n'esta columna é elegantissimo, tem a bamba aberta e aos cantos medalhões em Richefeu.

Um lindo serviço d'almoço em porcelana é o do modelo aqui apresentado. A mesa onde se pôe essa variedade



preciosidade é em bambú, mas a bandeja onde o trazem pôde ser d'esmalte branco, usando-se tambem para sorvetes, etc.

O serviço é todo em pinturas chinezas, e é uma delicia beber chá n'essas chavenes tão finas que sem-lham a cerca d'ovo.

\*\*\*\*\*

N'um café

— Que refresco tem ?  
— Orçata, groselle, limão...  
— Basta, basta... traga um copo com agua  
— Sô ?  
— Não, com um prato por baixo.

X

Examinador e examinado.

— O que é cação ?  
— Uma cousa que garante...  
— Exemplique.  
— Exemplo... sim... ou tenho de saber e para me garantir da humidade, levo um guarda-chuva.

Figura 8: *Revista da Semana* n. 49. Quarta página da seção *Jornal das Famílias* n. 20 de 15 de janeiro de 1916.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Entre ilustrações, fotografias e textos da seção emergiam, por vezes, ensinamentos de regras de comportamento em sociedade, o chamado *savoir-vivre*<sup>8</sup>. Princípios de boas maneiras, de civilidade, que procuravam, como uma tendência da época, formar jovens e incentivar senhoras no cultivo da boa educação nas teias sociais.

Esses princípios tinham como base os manuais de boas maneiras e de “regras” de vestir, que entre tantos exemplares da época, dos séculos XIX e o século XX, pode-se citar a obra da “Baronesa Staffe – *Règles du Savoir-Vivre dans la Société Moderne*”, que, em 1891, atingiu

<sup>8</sup> Termo designado na seção *Jornal das Famílias* para “boas maneiras”.



cinquenta e nove edições (STAFFE, 1891). Assim, a moda mostra-se como norteadora de um costume, guiando os sentidos da mulher: “A moda que guia o gosto da sociedade, que procura tornar gracioso o traje das mulheres [...]” (REVISTA DA SEMANA n. 9, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Um bom panorama dos significados encontrados no estudo do *Jornal das Famílias* pode ser extraído da análise de seu logotipo de apresentação, situado na parte inicial da primeira página da seção. O logotipo foi sofrendo algumas alterações ao longo do período estudado, incorporando novos elementos simbólicos ao significado da mensagem por ele veiculada. Em seus vinte e quatro anos de trajetória, essa parte superior alterou-se oito vezes. Porém, comentar-se-á apenas as modificações que ocorreram durante o recorte investigado (1915-1918).

Na sua primeira aparição, ela surge com ilustrações de oito mulheres em diferentes posições, contornando o título da seção que pode ser verificado na Figura 9. Esse primeiro modelo que iniciou com o nascimento da seção em 04 de setembro de 1915 (REVISTA DA SEMANA n. 30, 1915 - AHR-UPF), permaneceu até 09 de dezembro de 1916 (REVISTA DA SEMANA n. 44, 1916 - AHR-UPF). Esse logotipo anuncia, em primeiro lugar, que se trata de uma seção destinada a um público feminino variado, mas distinto e instruído, basta observar a postura, acessórios, penteados e vestimentas das figuras femininas. A diversidade fica por conta da idade e do estilo.



Figura 9: *Revista da Semana* n. 51, Anno XVI – 29 de Janeiro de 1916. Primeiro modelo de cabeçalho da seção *Jornal das Famílias*.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

O segundo modelo iniciou no exemplar de n. 45 da *Revista da Semana* de 1916 e continuou até o exemplar de n. 13 da *Revista da Semana* de 1918. A imagem que ilustra a mesma parte superior da seção *Jornal das Famílias* mostra uma mulher no centro da imagem rodeada por pessoas, joias, baús, ornamentos, artigos para decoração, dentre outros, ao mesmo tempo em que é servida, aparentemente por empregados, o que pode ser observado na Figura 10.

Na composição da ilustração (Figura 10), apresentam-se várias referências de moda do século XVIII, XIX e do início do século XX, dentre as quais se podem citar as perucas e apliques (enchimentos e cabelos falsos muito utilizados na segunda metade do século XIX com os coques altos e cacheados e que se prosseguiu com o uso até início do século XX), silhueta espartilhada, o traje feminino com ampla saia, o que sugere o uso das “anquinhas” e o orientalismo. A cena remete às cortes europeias, com a presença de mercadores e mercadorias orientais, típicos do século XVIII e XIX. O orientalismo, associado à moda em fins do século XIX, está presente como elemento simbólico nesse cenário.

Na figura feminina ao centro, a vestimenta e os ornamentos são semelhantes aos do século XVIII, com cabelos presos ao alto, o uso do espartilho, vestido com mangas que medem até os cotovelos, saias amplas com o uso das “anquinhas” que, segundo Köhler, começaram a decair em 1780, cedendo lugar aos “*coxins*” “[...] ou almofadas chamados *poches* que ficavam nos quadris” (2001, p. 451). Porém, eles também não duraram muito tempo “[...] sendo substituídos por uma grande almofada, *lecul*, cujo nome provinha do material (*cul de crin*) com a qual era feita” (2001, p. 451). O orientalismo é representado pela imagem de dois indivíduos, um em cada lado da ilustração e também pelo turbante (*turban aigrette*) inserido no mundo da moda europeia por Paul Poiret.

Nesta imagem, estão presentes também figuras masculinas. Os trajes masculinos que compõem a imagem remetem ao século XVIII, pois o vestuário desses encontra-se com os punhos do casaco, de modelo “*fraque*”, virados e os babados na gola são uma referência desse período. Esse vestuário masculino era conhecido como “*traje da corte*” em 1780 (KÖHLER, 2001).

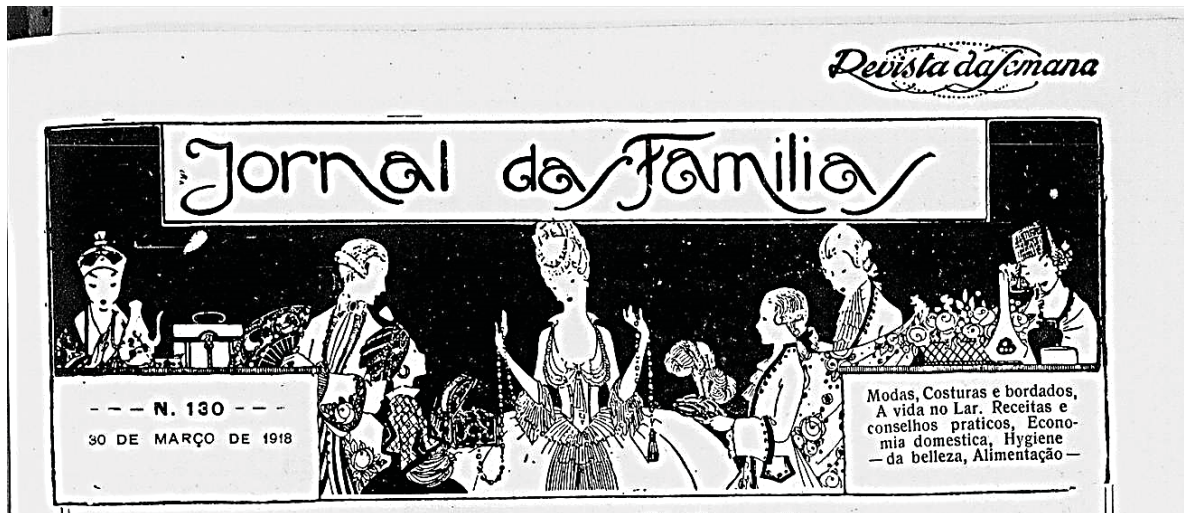


Figura 10: *Revista da Semana* n. 08, Anno XIX – 30 de março de 1918. Segundo modelo de cabeçalho da seção *Jornal das Famílias*.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

A terceira modificação principiou no exemplar de n. 14 da *Revista da Semana* de 1918 e seu término não pôde ser constatado, pois não se teve acesso a nenhum exemplar do ano de 1919. Nos exemplares de 1920, verificou-se que essa modificação permaneceu até 25 de setembro de 1920, e não se verificou se esse cabeçalho continuou por mais tempo, pois no Museu da Comunicação Hipólito José da Costa em Porto Alegre/RS, o periódico estava incompleto.

Nessa ilustração, há uma mulher no eixo central e uma de cada lado da página, que estão rodeadas por objetos pessoais, como leques, baús, abajures e almofadas, traduzindo a ideia de um “certo luxo”. Interessante observar que a mensagem desta imagem apela muito mais para o consumo dos objetos de luxo, uma vez que eles é que predominam no espaço da imagem, mesmo que controlados pela figura central feminina. Analisando a vestimenta das mulheres, o traje se assemelha à moda feminina dos fins do século XIX e primeiros anos do século XX da silhueta em “S”, pelo porte do chapéu, pelas mangas bufantes com punhos afunilados e pela saia com considerável metragem de panos (ver Figura 11).

Pode-se dizer que os três logotipos, aqui apresentados, contêm elementos simbólicos de distinção social e de gênero, sempre atrelados à moda, orientando, dessa forma, o sentido pretendido nas matérias textuais e imagéticas do periódico em questão, conforme se poderá conferir nos capítulos a seguir.



Figura 11: *Revistada Semana* n. 45, Anno XIX – 14 de Dezembro de 1918. Terceiro modelo de cabeçalho da seção *Jornal das Famílias*.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Quanto ao término da seção *Jornal das Famílias*, da mesma forma em que ocorreram várias reformulações desde seu início em 04 de setembro de 1915, acredita-se que a seção não tenha chegado ao fim, mas, sim, trocado de nome e/ou sofrido reformulações, pois, nos últimos exemplares da revista, identificou-se uma seção intitulada *O que esta na moda*, localizada após uma sequência de seções de moda como o *Jornal das Famílias* e *Chronica de Paris*, que muitas vezes pareciam fazer parte do mesmo “grupo” de seções.

É provável que, depois de “seu término”, a seção intitulada *O que está na moda* (ver Figura 13) assumiu a posição do *Jornal das Famílias* (ver Figura 12), mudando-se apenas o título, uma vez que o conteúdo permaneceu o mesmo. Reportagens como *Nossa Alimentação*, *Do Lar*, *Modelos para Creações* (Moda infantil); *Ornamentação* (decoração para o lar); *Conselhos Praticos*, *Preceitos de Hygiene*; Trabalhos manuais como *tricot* e *crochet*, dentre outros, continuavam a ter espaço na “nova” seção que se apresentava no fim de 1939 e início de 1940. Essas mudanças são visíveis nas Figuras 12 e 13 a seguir.





Figura 12: *Revista da Semana* n. 45, Anno XL – 14 de outubro de 1939. Um dos últimos exemplares da seção *Jornal das Famílias* de 1939.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.



Figura 13: *Revista da Semana* n. 01, Anno XLI – 06 de Janeiro de 1940. Seção *O que está na moda* de 1940 da *Revista da Semana*.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Se se observarem as semelhanças entre as duas figuras acima (Figuras 12 e 13), que ilustram o antes e o depois dessa reestruturação na seção, pode-se perceber que ambas apresentam características análogas, contendo fotografias e ilustrações de trajes e de ornamentos femininos, sendo apresentados muitos modelos do desenho do traje de costas, descrição dos modelos e acessórios. Além disso, ambos contêm reportagens de *Nossa Alimentação*, *Preceitos de Higiene*, matérias sobre bordados e trabalhos manuais, moda infantil, decoração para o lar, dentre outros.

As propagandas também eram uma característica em comum nas duas versões que, ao longo dos anos de circulação, se intensificaram na seção com um maior número de publicidade de produtos de beleza, higiene, saúde da mulher e da família, alimentícios e vestuário.



## 2 A MODA E OS PAPÉIS SOCIAIS DE GÊNERO NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX

A relação entre moda, gênero e identidade social, questão norteadora deste trabalho, é um tema que atualmente vem ganhando destaque, em especial entre os sociólogos que se dedicam à temática da moda. A dimensão que o consumo da moda assumiu nos dias atuais, acentuado pelo papel da mídia, contribuiu para que as discussões acerca do tema ganhassem um caráter mais científico e acadêmico. Isso levou à revisão dos estudos já consagrados, enfatizando, cada vez mais, as transformações dos significados da moda numa perspectiva histórico-cultural.

Entretanto, para a compreensão de tais mudanças, com relação ao significado da moda, faz-se necessário o conhecimento dos processos históricos nos quais a moda surgiu e se desenvolveu. Partindo desse entendimento, busca-se identificar, no período em estudo, os papéis sociais e de gênero, quais as influências da cultura predominante do período e de que forma influenciam a forma de vestir.

Crane faz uma reflexão sobre as modas em evidência na segunda metade do século XIX e início do século XX, pois “as roupas da moda são usadas para fazer uma declaração sobre classe e identidade sociais, mas suas mensagens principais referem-se às maneiras pelas quais mulheres e homens consideram seus papéis de gênero, ou a como se espera que eles percebam” (2013, p. 47).

As percepções da moda com relação aos papéis sociais clarificam os variados códigos que ela difunde como, por exemplo, informando a filiação de determinada família ou casta, o *status*, informando também a sexualidade e os valores culturais relevantes de determinada época ou sociedade. Para Crane, as “roupas da moda” no século XIX identificavam “[...] os papéis das mulheres da classe alta” (2013, p. 47), ideia que pode ser aplicada às mulheres das classes mais abastadas nas primeiras décadas do século XX, que usufruíam da moda em voga para se distinguir socialmente.

No Brasil, esse significado da moda pode ser percebido ao se estudar a sociedade do Rio de Janeiro no início do século XX, atrelada às alterações sucedidas na cidade no período. Os papéis feminino e masculino, a silhueta, os costumes dos trajes, bem como a percepção de “elegância”, acompanharam as alterações do modo de pensar e sentir da sociedade carioca.

A modernização<sup>9</sup> das cidades, ocorrida no fim do século XIX e no início do XX, tomou por base o modelo parisiense, com a tentativa de se espelhar nos moldes franceses de urbanização. Na época, a cidade do Rio de Janeiro era considerada a capital mais desenvolvida do Brasil e “um polo radiador de cultura para as outras cidades do país, pois era aonde as novidades europeias chegavam primeiro” (MALLMANN, 2010, p. 105). Esse, no entanto, era um eixo que crescia sem planejamento e tornava-se necessária uma remodelação para o ideal de modernização.

Na capital Republicana,

[...] no início do século XX a população do Rio de Janeiro era pouco inferior a 1 milhão de habitantes. Desses, a maioria era de negros remanescentes dos escravos, ex-escravos, libertos e seus descendentes, acrescidos dos contingentes que haviam chegado mais recentemente, quando, após a abolição da escravidão, grandes levas de ex-escravos migraram das decadentes fazendas de café do Vale do Paraíba, em busca de novas oportunidades nas funções ligadas sobretudo às atividades portuárias da capital (SEVCENKO, 1998, p. 20-21).

Houve o crescimento da população pobre e negra na cidade, e, com ela, as moradias dessa população começaram a se concentrar no centro da capital, em casarões, em cubículos alugados com excesso de pessoas, em condições precárias e sem infraestrutura. Isso causou, para as autoridades, um risco à saúde pública, com a proliferação de doenças como varíola, febre amarela, malária, lepra, difteria e tifo. Entretanto, não era somente a falta de higiene e saneamento que se tornara censurada; também a cultura e as crenças da comunidade negra o eram

[...] para as autoridades, eles significavam uma ameaça permanente à ordem, à segurança e à moralidade pública. Por essa razão, foram proibidos os rituais religiosos, cantorias e danças, associadas pelas manifestações rítmicas com as tradições negras e, portanto, com a feitiçaria e a imoralidade (SEVCENKO, 1998, p. 21).

Os viajantes que observavam o mercado e suas possibilidades deparavam-se com a exposição dos corpos, a sensualidade das mulheres negras, as manifestações religiosas, enfim,

---

<sup>9</sup> Conforme LE GOFF, essa ideia de “modernização” faz uma relação com o “antigo/moderno” que “está ligado à história do Ocidente, embora possamos encontrar equivalentes para ele em outras civilizações e em outras historiografias. Durante o período pré-industrial, do século V ao XIX, marcou o ritmo de uma oposição cultural que, no fim da Idade Média e durante as Luzes, irrompeu na ribalta da cena intelectual. Na metade do século XIX transforma-se, com o aparecimento do conceito de ‘modernidade’, que constitui uma reação ambígua da cultura à agressão do mundo industrial. Na segunda metade do século XX generalizasse no Ocidente, ao mesmo tempo que é introduzido em outros locais, principalmente no Terceiro Mundo, privilegiando a ideia de ‘modernização’, nascida do contato com o Ocidente” (1990, p. 149). Essa expressão ‘moderno’ que o historiador faz referência “[...] assinala a tomada de consciência de uma ruptura com o passado [...]” (1990, p. 153).

com a liberdade que as classes menos favorecidas continha em seus costumes e, convencidos da preeminente distinção de sua cultura, os estrangeiros, diante de tal conduta, construíram uma imagem de um “povo selvagem”, de comportamentos impróprios e demasiado expressivo, já que “nas classes médias e alta se ostenta extremo puritanismo” (SOIHET, 2000, p. 5) entre as moças.

A cidade do Rio de Janeiro era vista como uma das capitais mais desenvolvidas do Brasil, uma vez que apresentava “o principal porto de exportação e importação do país e o terceiro em importância no continente americano, depois de *Nova York* e *Buenos Aires*” (SEVCENKO, 1998, p. 22). Porém, ao invés de desempenhar o papel de uma capital atrativa para estrangeiros e de um centro propício para negócios, difundia a reputação de “túmulo do estrangeiro” (SEVCENKO, 1998, p. 22).

No despertar do século XX, com a República recém-instaurada, a capital federal estava longe dos ideais de modernização, civilização<sup>10</sup> e progresso<sup>11</sup> presente no imaginário das elites cariocas. Em vista dessas situações e de outras não menos importantes, as autoridades constataram a necessidade de uma reestruturação e de remodelação urbana, sanitária e portuária na capital do Rio de Janeiro, todas simultaneamente.

Foram, então, nomeados “pelo presidente Rodrigues Alves: o engenheiro Lauro Muller para a reforma do porto, o médico sanitário Oswaldo Cruz para o saneamento e o engenheiro urbanista Pereira Passos” (SEVCENKO, 1998, p. 22-23). Com os executores do projeto já designados e com “poderes ilimitados para executarem suas tarefas, tornando-se imunes a qualquer ação judicial” (SEVCENKO, 1998, p. 23), o “bota-abaixo” inicia com a derrubada dos casarões, dos cortiços e dos barracos que se concentravam no centro da cidade, desalojando multidões sem direito à indenização. As classes menos favorecidas, em decorrência desse processo de reformulação dos padrões urbanísticos, foram-se concentrando nos morros íngremes da capital Republicana, onde surgiram as *favelas*<sup>12</sup> do Rio de Janeiro.

---

<sup>10</sup> ELIAS (1998), sobre o termo “civilização” diz que “[...] este conceito expressa a consciência que o ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas ‘mais primitivas’. Com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de *sua* tecnologia, a natureza de *suas* maneiras, o desenvolvimento de *sua* cultura científica ou visão de mundo, e muito mais” (p. 23).

<sup>11</sup> LE GOFF (1990) explicita a questão do progresso que “[...] o século XIX foi o grande século da ideia de progresso, a linha dos dados adquiridos e das ideias da Revolução Francesa. Como sempre, o que mantém esta concepção e a faz desenvolver são os progressos científicos e técnicos, os sucessos da revolução industrial, a melhoria, pelo menos para as elites ocidentais, do conforto, do bem-estar e da segurança, mas também os progressos do liberalismo, da alfabetização, da instrução e da democracia” (p. 257). Mas no Brasil essas melhorias chegaram no início do século XX, com o ideário republicano.

<sup>12</sup> O termo “Favelas” foi usado por Sevcenko (1998, p. 23), com base em G. Cruls, *Aparência do Rio de Janeiro*, p. 783-91.

A cidade também passaria por uma transformação de comportamentos sociais, na medida em que pretendia construir uma sociedade civilizada a exemplo da europeia, como a França. Portanto, após a reformulação do espaço urbano, normas foram estabelecidas para a sociedade, e apenas os indivíduos que soubessem se comportar dentro dos “padrões de civilidade” poderiam-se beneficiar desse espaço. As classes menos favorecidas não se beneficiariam desse espaço, pois não eram consideradas “civilizadas”.

A medicina, o código penal, o complexo judiciário, a imprensa e a ação policial constituir-se-ão nos principais recursos utilizados pelo sistema vigente, objetivando disciplinar, controlar e estabelecer normas sobre as mulheres dos segmentos populares. Buscava-se-lhes infundir um padrão de moralidade pautado nos parâmetros do comportamento burguês, desrespeitando-se suas especificidades e condenando-se sua cultura. Cabe acentuar que tal estado de coisas resulta do vulto assumido, na aurora do Brasil Republicano, por uma corrente marcada pelo evolucionismo, que em nome da razão e da ciência postula um destino comum a ser alcançado por todos os povos (SOIHET, 2000, p. 05).

No livro *Crônicas efêmeras: João do Rio na Revista da Semana*, o autor define a ideia de “civilização” no Brasil nas primeiras décadas do século XX que seria “[...] valorizar idiomas, manifestações artísticas, comportamentos e costumes europeus” (BARRETO, 2001, p. 11-12). Esses ideais de civilização encontram respaldo nos estudos de Norbert Elias quando define o “processo civilizador”, relacionando-o as boas maneiras, que segundo o sociólogo, estariam diretamente relacionadas às regras de comportamento social.

O autor não apenas menciona a questão da etiqueta, mas também faz menção à moral, a valia interior dos indivíduos, à ética e aos aspectos externos que se manifestam nas relações com as pessoas. Ao longo da história, as sociedades estabeleceram normas, regras e princípios para orientar o relacionamento entre os sujeitos e os grupos existentes no período. Porém, nem sempre a aplicação dessas normas era aceita por todos, e embora esses princípios, por vezes, não partissem do Estado, as sociedades fixavam regras que acarretariam penalidades caso fossem infringidas.

As práticas e as crenças populares para as elites dominantes eram consideradas um retardo ao desenvolvimento e à modernização, que deveriam ser deixadas de fora da corrente do evolucionismo. A ideia da lapidação dos costumes e da reestruturação da capital seguia a ideologia de esquecer o passado colonial e atrasado arraigada nas vertentes da cidade, para assumir, mesmo que de “fachada”, uma cultura que se pautasse no modelo parisiense, que, na época, era o modelo do avanço e da modernização.

Os resultados da reformulação da capital republicana poderiam ser vistos na pavimentação das ruas, construção de calçadas, asfaltos e estradas, túneis, no embelezamento das praças, aperfeiçoamento das instalações portuárias e mercados, etc. A Reforma Pereira Passos ocorrida no Rio de Janeiro fez-se completa em 1904 com a inauguração da Avenida Central (Figura 14), na contemporaneidade a atual Avenida Rio Branco,

[...] eixo do novo projeto urbanístico da cidade, contemplada com um concurso de fachadas que a cercou de um decór arquitetônico art nouveau, em mármore e cristal, combinando com os elegantes lampiões da moderna iluminação elétrica e as luzes das vitrines das lojas de artigos finos importados. As revistas mundanas e os colunistas sociais da grande imprensa incitavam a população afluyente para o desfile de modas na grande passarela da Avenida, os rapazes no rigor *smart* dos trajes ingleses, as damas exibindo as últimas extravagâncias dos tecidos, cortes e chapéus franceses. A atmosfera cosmopolita que desceu sobre a cidade renovada era tal que, às vésperas da Primeira Guerra Mundial, as pessoas ao se cruzarem no grande bulevar não se cumprimentavam mais à brasileira, mas repetiam uns aos outros: ‘Vive la France!’” (SEVCENKO, 1998, p. 26).



Figura 14: Avenida Central, 1906. Foto de Augusto Malta.

Fonte: Av. Rio Branco é símbolo do Rio Moderno.

A reestruturação da capital modificou o uso do espaço público e mudou muitos hábitos da população, tanto das classes populares quanto das mais abastadas, levando a circulação em tais espaços ser privilégio das elites. As elites, sob os moldes franceses, “[...] passaram a frequentar intensamente as ruas do centro da cidade. Suas lojas de artigos importados, seus modernos restaurantes, seu *glamour* traria a Europa ainda mais para dentro do país” (KOK, 2005, p. 83).

A Avenida tornou-se um ambiente de comércio de artigos luxuosos e elegantes lojas. Os “[...] magazines de luxo vendiam artigos masculinos e femininos, geralmente importados,



nos padrões da alta moda europeia, que garantissem a beleza e a elegância, tais como a Casa Colombo e o Parc Royal” (KOK, 2005, p. 86).

Esse espaço urbano, construído e planejado ao espelho de *Paris*, transforma-se em uma “passarela” das elites e das classes médias que emergem nesse momento e se representam enquanto tal, ou seja, um espaço destinado para o reconhecimento de elementos de distinção social, como por exemplo, o vestuário, os detalhes, os adornos e os comportamentos em sociedade.

A moda no Brasil, nesse mesmo período, era influenciada pela moda europeia. Conforme Prado e Braga, a França era um país exportador mundial da moda, uma vez que “[...] Paris já tinha se consolidado como principal polo de criação de moda internacional – uma moda feita sob medida (apesar de já existirem roupas de confecção) em peças exclusivas para a elite, que as grandes massas copiavam como podiam” (2011, p. 27).

Em respaldo à afirmação acima, pode-se citar a reportagem *A Moda* de 1915 da seção *Jornal das Famílias*, “[...] nenhuma nação disputou à França a palma da elegância” (REVISTA DA SEMANA n. 41, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF), pois os profissionais envolvidos na construção dos modelos eram “artistas” e não meros industriais.

As transformações ocorridas no fim do século XIX e no início do século XX alicerçaram as relações entre os sexos, assim, as mulheres passaram a ter mais acesso à esfera pública que era, na sua maioria, ocupada pelo sexo masculino. No livro *A Mulher e a Vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*, Christopher Lasch afirma que “[...] o feminismo e a controvérsia que ele suscita são ‘eternos’” (1999, p. 29) e reitera que esse é um assunto que surge de maneira “cíclica”, que aparece e desaparece nas civilizações.

Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo* (1949), reflete que “a sociedade sempre foi masculina” e que “o poder político sempre esteve nas mãos de homens”, e prossegue dizendo que esse confronto entre os sexos irá permanecer até que ambos se identifiquem “como iguais”. Talvez essa questão pareça um tanto rebuscada ao dizer que “ambos se tornem iguais”.

É interessante pensar nas diversas atribuições que se dá ao modelo feminino em concepções valorativas entre os dois sexos no final do século XIX e início do século XX, que refletem um panorama de desigualdades, tanto na vida privada quanto na vida pública. Essa imagem correspondia ao que era disseminado pelos médicos, juristas e pela igreja. Conforme as autoras Maluf e Mott, essas idealizações sociais com relação à mulher passaram para um “dever ser”.

Baseado na crença de uma natureza feminina, que dotaria a mulher biologicamente para desempenhar as funções da esfera da vida privada, o discurso é bastante conhecido: o lugar da mulher é o lar, e sua função consiste em casar, gerar filhos para a pátria e plasmar o caráter dos cidadãos de amanhã. Dentro dessa ótica, não existiria realização possível para as mulheres fora do lar; nem para os homens dentro da casa, já que a eles pertenceria a rua e o mundo do trabalho (1998, p. 373-374).

Conforme citado anteriormente, no início do século XX, o período republicano introduz-se nas cidades brasileiras com ideais de progresso e desenvolvimento. São muitas as novidades que chegaram depois de um passado colonial e imperial, “novas engrenagens internacionais transformaram a economia mundial, as grandes potências hegemônicas descobrem, nas áreas periféricas – inclusive o Brasil [...]” (NEVES, 2006, p. 20).

Tanto a vida social quanto a privada sofreram alterações com novos hábitos e valores, pois “o progresso técnico invade as casas, transforma os ritos, os costumes e os horários da rotina doméstica” (NEVES, 2006, p. 22), especialmente, com avançadas tecnologias.

Os anos finais do século XIX e o início do século XX foram períodos marcados, também, pela submissão do sexo feminino, na qual a imagem construída para a mulher destacava a sua fragilidade e a sua subordinação, remontando à questão da mulher no lar, como esposa e mãe dedicada. Da mesma maneira, essa ideia corroborava a representação simbólica do feminino com relação ao modelo de “Eva” e “Maria”, sendo tais figuras, entretanto, relevantes na medida em que são dependentes e subordinadas pelo sexo masculino, explicitando o conceito da “incapacidade” da mulher em guiar sua vida.

As particularidades desse modelo frágil e subjugado apresentavam caráter substancial para uma moça de família que aspirava (“necessitava”) por um futuro casamento e ditavam seu comportamento. Ela deveria ser constantemente dócil, gentil e submissa, além de ser uma boa mãe, uma vez que sua vida era fundamentada em torno do casamento. Esse era um meio de sobrevivência e atuação na sociedade e a partir do qual, segundo a concepção da época, ela desfrutaria da realização pessoal.

Entretanto, esse modelo era inacessível para a maioria das mulheres das classes baixas que precisavam trabalhar para o sustento da família. Essas mulheres trabalhavam em benefício de suas famílias, desempenhando inúmeras funções, como domésticas, cozinheiras e desempenhando até mesmo algumas funções tidas como “trabalho masculino”. Também poderiam “desfrutar” de uma liberdade inacessível pelas moças de boa família, que viviam sob atento resguardo dos olhares masculinos e confinadas em seus lares.

As mulheres da elite faziam parte de um pequeno segmento da população brasileira do século XIX diferenciado da grande maioria das pessoas por conta de sua condição econômica privilegiada e por sua ‘raça’ [...]. Como em qualquer outro lugar do mundo Ocidental à época, essas mulheres viviam em estruturas culturais, sociais e econômicas majoritariamente criadas por homens e para favorecê-los [...] (HAHNER, 2012, p. 43).

Embora a autora esteja se referindo ao século XIX, sabe-se que o modelo referido permanecia dominante na sociedade brasileira de inícios do século XX. Uma das explicações pode ser buscada no atraso na educação feminina no país. No início do século XIX, muitas mulheres das elites brasileiras não tinham acesso à educação, não sabendo ler ou escrever, situação que em muito se diferenciava da realidade europeia.

Todavia, no decorrer do século, essa “visão” de que o “sexo frágil” não poderia informar-se foi perdendo sentido e a mulher foi tendo acesso à instrução, traduzida por ensinamentos de dança, piano, pela escrita e pela leitura, todos ministrados em seus lares. Tal ensino baseava-se na educação e não na instrução, pois

a mulher deveria cultivar-se para viver em sociedade e ser agradável ao homem, porém não poderia concorrer com ele profissional e intelectualmente, pois isso seria ultrapassar os limites da segurança social e ela representaria um risco se lhe fosse dado libertar-se economicamente do marido ou dos pais e tornar-se-lhe igual no intelecto (ALMEIDA, 1998, p. 119).

Ainda no século XIX, um grupo de mulheres passou a reivindicar seus direitos à educação, mesmo que esse aprimoramento da educação estivesse voltado para o contexto de tornar-se uma melhor mãe e esposa. Somente em 1879, o ensino superior foi permitido para as mulheres no Brasil, porém no exterior, o ensino superior para o sexo feminino já existia, assim as brasileiras das classes mais abastadas poderiam desfrutar deste ensino nas universidades estrangeiras.

Ao que concerne à educação nas primeiras décadas do século XX, a educação informal direcionada à mulher visava à persuasão e ao convencimento do seu dever de participar da sociedade como ser submisso ao sexo dominante, representado ou pela figura paterna ou pela do marido. Assim, os propósitos educacionais voltavam-se a conformar as mulheres de sua posição na sociedade, marcada pela imagem de sujeito frágil e delicado pela sua essência, carecendo de proteção e a quem competia o exercício das obrigações familiares de cuidar dos filhos e do marido, postura que reforçava a concepção do sexo feminino como gerador e conservador do lar, com direitos e deveres.

No início do século XIX, diferentemente das mulheres das classes menos favorecidas que estavam expostas e tinham acesso à rua para trabalhar, as das elites viviam reclusas nos casarões supervisionando as produções e as tarefas domésticas, como a alimentação, as roupas<sup>13</sup> e também a instrução religiosa dos seus dependentes. O convívio em sociedade se dava em missas e na caridade, prática incentivada pela Igreja Católica. Entretanto, já no final do século XIX, Hahner relata novos posicionamentos do público feminino destacando que

[...] assim como a caridade, o caráter do consumismo burguês ajudou a tirar de casa algumas mulheres da elite, introduzindo-as em seus novos papéis de consumidoras [...] As senhoras não tinham mais que mandar suas criadas às compras ou esperar que um vendedor ambulante as visitasse. As compras, assim como agradáveis passeios à tarde ou o chá em cafés elegantes, passaram a fazer parte do lazer das mulheres privilegiadas nos meios urbanos (2012, p. 57).

Mesmo com a mudança, no início do século XX a superioridade masculina permanecia e as mulheres das elites, em geral, não tinham autonomia. Em via pública, as moças e senhoras “de família” deveriam seguir as normas de conduta atribuídas pela sociedade, pois eram responsáveis pela honra familiar. Em compensação ao sustento recebido, as mulheres casadas, por exemplo, deveriam distinguir-se socialmente, respeitando os ditames da moral e dos bons costumes, evitando, assim, incorrer em injúria grave, definida como o procedimento que “consiste em ofensa à honra, respeitabilidade ou dignidade do cônjuge” (REVISTA DOS TRIBUNAIS, 1921, apud MALUF; MOTT, 1998, p. 382).

Nessa concepção, a mulher era responsabilizada pelo comportamento do marido frente à sociedade. Logo, o casamento tinha uma acuidade social determinante na vida do “sexo frágil”, ou seja, a mulher adquiria um novo papel social após a união.

As opções de vida disponíveis às mulheres da elite estavam intimamente ligadas aos interesses de sua família. Com as uniões conjugais isso era bem nítido, pois, na época, do mesmo modo que no compadrio, o casamento (ou melhor, o casamento legalizado) era uma forma de consolidar laços familiares existentes entre os membros da alta sociedade (HAHNER, 2012, p. 48).

Conforme Maluf e Mott, com relação ao Código Civil Brasileiro de 1916, criado para regradar os papéis entre homens e mulheres dentro do matrimônio, o sexo masculino, pela lei, tem

---

<sup>13</sup> Todas as roupas da família eram confeccionadas nas “casas-grandes” (era a casa do senhorio nas grandes propriedades rurais do Brasil colonial), inclusive alimentos e produtos de limpeza, tornando-se autossustentáveis.

sua natureza predestinada para a identidade pública e o sexo feminino para a vida privada. O “público” e o “privado” eram definidos como dois norteadores e destacam que

O Código Civil Brasileiro de 1916 interpretou o modo como cada um dos cônjuges deveria ser apresentado socialmente. Um conjunto de normas, deveres e obrigações, com seu correlato inibidor e corretivo, foi formalmente estabelecido para reger o vínculo conjugal, a fim de assegurar a ordem familiar. A cada representante da sociedade matrimonial conferiu-se um atributo essencial. Assim, se ao marido cabia prover a manutenção da família, à mulher restava a identidade social como esposa e mãe (1998, p. 379).

Tal regramento legal colocava as mulheres casadas sob proteção de um tutor, como um menor de idade na contemporaneidade que necessita de um responsável legal até completar a maioridade, por exemplo, e, nesse papel, após o casamento, assumia o marido, tornando-as “incapazes” relativamente de certos atos perante a lei. O Código ainda

[...] atribuía ao marido a chefia da ‘sociedade conjugal’ (artigo 233), conferindo-lhe a representação legal da família, a administração dos bens comuns (e dos particulares da mulher, conforme o regime matrimonial adotado ou o pacto antenupcial), o direito de fixar e mudar o domicílio da família. O direito de autorizar a profissão da mulher e sua residência fora do teto conjugal. Cabia-lhe manutenção da família e à mulher a contribuição nas despesas familiares de forma a não atrapalhar suas obrigações de guardiã do lar (REMER, 2010, p. 22).

E, nessa ótica, Maluf e Mott analisam um *Manual da vida doméstica*, que estabelece os papéis do homem e da mulher na sociedade. Conforme *O lar feliz*, o compêndio era direcionado “[...] às jovens mães e ‘a todos quantos amam seu lar’, publicado em 1916, [...] o autor [...] sintetiza, utilizando a ideia do ‘lar feliz’, a estilização do espaço ideologicamente estabelecido como privado” (1998, p. 374).

Ainda, no que concerne ao manual, o emprego do tempo de uma dona de casa compreendia que ela colocasse a casa em “ordem”, sendo responsável pela limpeza da casa, pelo vestuário da família, dentre outros, e, após os afazeres da casa, “[...] a boa dona de casa deveria fazer a sua toalete e, com aspecto sempre jovial, dar início ao jantar, de modo que ficasse tudo pronto para receber ‘o chefe’ e as crianças” (MALUF; MOTT, 1998, p. 407).

Normas de conduta eram criadas por uma sociedade governada por homens e atribuídas às mulheres, estabelecendo que a realização delas se encontrava na felicidade doméstica sob a autoridade do marido, afinal, após o casamento, elas não “pertenceriam” mais ao pai, e sim ao esposo. Em conformidade com o Código, o manual atribuía ao homem a função de chefe, colocando-o como o centro da família, e à esposa a responsabilidade de conservar *o lar feliz*.



Na descrição a seguir, o manual estabelecia os papéis entre homens e mulheres, mas não se referia à “igualdade de direitos”, porém, defendia a ideia do “respeito mútuo” que vai ao encontro dos “limites do domínio do outro” (MALUF; MOTT, 1998).

Entretanto à mulher incumbe sempre fazer do lar – modestíssimo que seja ele – um templo em que se cultue a Felicidade; à mulher compete encaminhar para casa o raio de luz que dissipa o tédio, assim como os raios de sol dão cabo dos maus micróbios [...] Quando há o que prenda a atenção em casa, ninguém vai procurar fora divertimentos dispendiosos ou prejudiciais; o pai, ao deixar o trabalho de cada dia, só tem uma ideia: voltar para casa, a fim de introduzir ali algum melhoramento ou de cultivar o jardim. Mas se o lar tem por administrador uma mulher, mulher dedicada e com amor à ordem, isso então é a saúde para todos, é a união dos corações, a felicidade perfeita no pequeno Estado, cujo ministro da Fazenda é o pai, cabendo à companheira de sua vida a pasta política, os negócios do Interior (*O lar feliz*, 1916 apud MALUF; MOTT, 1998, p. 374).

Mesmo assim, entre o início do século XIX e seu final, modificações significativas são constatadas. Conforme destaca Hahner (2012), no início do século XIX, as moças que não casavam eram alvo de chacota e causavam vergonha para suas famílias. Então, os conventos serviam como retiros temporários onde as mulheres poderiam recolher-se sem tomar os votos religiosos.

Em contrapartida, os conventos serviam ainda para abrigar uma pequena parcela das mulheres das classes mais abastadas, por permanecerem solteiras, seja por “evitar um casamento desigual” ou até mesmo pelo fato de os esposos confinarem as “esposas rebeldes” (HAHNER, 2012, p. 49-50) em conventos. Já no final do século XIX, Hahner relata que a questão do casamento sofreu modificações e que, nesse período,

[...] poucas mulheres de classe alta pareciam admitir que seus pais pudessem ‘arranjar’ casamentos sem consultar a noiva. Havia, então, espaço para o amor romântico e o sentimento no matrimônio, e as convenções do namoro e do casamento arranjado podiam misturar-se (2012, p. 56).

No que diz respeito à vida pública e ao trabalho, as mulheres das classes menos favorecidas, pelo alto custo do casamento, não podiam formalizar a união e, por conseguinte, viviam, muitas vezes, em regime de concubinato. Não bastando isso, por serem desprovidas de recursos financeiros, tinham que contribuir com o sustento da família, deixando à mercê a criação condicional dos filhos – que era valorizada socialmente pelas classes abastadas – sendo, portanto, consideradas mães negligentes.

Os trabalhos femininos eram aceitos apenas como apoio à renda do marido e para as camadas inferiores. Com relação ao trabalho doméstico e ao cuidado com os filhos, além dessas

tarefas, as mulheres acrescentavam outras obrigações ao seu cotidiano. Atividades que eram permitidas a elas fora do lar, como por exemplo, a “[...] organização de atividades beneficentes, sociedades femininas de reforma e missões estrangeiras [...]. Criavam instituições filantrópicas e de caridade” (LASCH, 1999, p. 115). Ainda o autor reflete com relação aos trabalhos voluntários, que, no exterior,

[...] as reformas sociais eram as mais visíveis entre as importantes contribuições das mulheres à vida pública, porém não as únicas nem as mais importantes. O trabalho como voluntárias sustentou uma vasta gama de serviços públicos – bibliotecas, hospitais, creches, centros sociais, parques, pracinhas, salas de concerto e museus. A era progressista foi o auge da ‘cidade bonita’, quando as cidades americanas construíram estabelecimentos públicos e coletivos para levar cultura às massas e incentivar uma maior participação na vida cívica (LASCH, 1999, p. 116-117).

O feminismo no Brasil sofreu influências dos movimentos feministas, norte-americanos e europeus que, da mesma forma, escoaram para outras partes do mundo, passando por fases específicas conhecidas como “ondas feministas”, como algumas autoras as definem. A primeira onda compreende o início do século XX e segue até o começo de 1970. Já a segunda onda do movimento iniciou em 1975 e desenvolveu-se em 1980, seguindo até meados de 1990.

O *Movimento dos Direitos da Mulher* transformou sociedades pelo mundo e adquiriu várias conquistas. Esse percurso foi construído aos poucos com a união das mulheres. Apesar de ter a mesma jornada de trabalho nas indústrias, elas ganhavam menos que os homens e não podiam herdar os bens do esposo, também não tinham o direito ao voto.

Porém, as pretensões das mulheres brasileiras modificaram-se no fim do século XIX e no início do século XX com a chegada do período republicano. As mulheres das classes menos favorecidas já estavam inseridas no mercado de trabalho, e foi a vez, então, de as mulheres das classes médias e até mesmo das mais elevadas passarem a buscar seu espaço no mercado, tendo como um dos motivos a industrialização (SOIHET, 2012).

Em decorrência da industrialização, os produtos consumidos pelas famílias, após o advento da Primeira República, passaram a ser comercializados em mercados, “[...] dando lugar à crescente necessidade de contribuição financeira por parte também das mulheres” (SOIHET, 2012, p. 218).

Dentre as lutas, estão as “[...] reivindicações pelo aumento das possibilidades de capacitação profissional e da supressão das barreiras impostas ao trabalho feminino remunerado” (SOIHET, 2012, p. 218) que foram apoiadas pelas mulheres das elites, pois, assim como as das classes menos favorecidas e médias, essas também compartilhavam do mesmo

“desejo” de realização profissional e da autossuficiência financeira. Segundo Soihet, o “acesso pleno à educação de qualidade, direito de voto e de elegibilidade foram, então, considerados instrumentos essenciais ao alcance desses objetivos” (2012, p. 218).

As conquistas político-sociais insufladas pelos movimentos feministas do início do século, porém, pouco avançaram na ordem daqueles valores considerados fundamentais, aqueles tidos como inerentes à “natureza feminina”. Ao longo da história das mulheres no Ocidente, a questão da maternidade foi consideravelmente marcada pela valorização social, como uma propensão natural do ser feminino, postura que se estendeu até o começo do século XX.

Assim, ser mãe seria reportar-se a uma posição de prestígio, pertencer a uma classe específica na sociedade. Após essa “nobre” função, que fazia parte da natureza feminina, mais do que prover filhos ao marido, o conceito da maternidade dava seguimento passando às mães o “dever” de criar os filhos aos moldes da pátria. Trata-se de uma “missão” patriótica para as mulheres, e os filhos deveriam ser criados sob crenças e conselhos que superassem os considerados ultrapassados e superassem, também, o senso comum.

Entretanto, nesse panorama, é formado um “elo” entre a Medicina e o Estado, em que o padre, aos poucos, é substituído pela figura do médico para as questões de família. O ideal da maternidade moderna propiciou mais autoridade do corpo médico para com a sociedade quanto aos comportamentos e hábitos. No entanto, com relação à amamentação natural, elaborou-se um discurso da mulher moderna e higiênica direcionado para as classes mais abastadas, visto que, nos fins do século XIX e nos primeiros anos do século XX, as amas de leite e as empregadas eram constantemente utilizadas para a amamentação e na criação dos filhos.

Segundo Jurandir Freire Costa, em seu livro *Ordem Médica e Norma Familiar*, o sentimento de “culpa” para as mulheres passou a ser um instrumento relevante nesse processo, pois os cuidados com o corpo vinham antes do “ser mãe”.

A mulher que não amamentava, dizia-se, rompia duplamente os cânones naturais. Em primeiro lugar, porque se conduzia de modo contrário a todas as fêmeas da classe dos mamíferos; em segundo lugar, porque contrariava sua outra vocação ‘natural’, a de ser mãe, conforme o figurino higiênico. A mãe que não amamentava era uma mãe desnaturada comparável às feras (COSTA, 1979, p. 256).

Higiene e beleza feminina eram outros componentes atribuídos à identidade feminina impregnados na cultura da época, na qual vaidade e “formosura” eram sinônimo de aparência natural, diferente da artificial. Sant’Anna, referindo-se à maquiagem, aborda a temática:

[...] a pintura no rosto não rimava com jovens decentes, de bons costumes. Havia uma forte oposição entre corpo natural e aparência artificial. [...] a beleza física tendia a ser vista como uma dádiva divina. A mulher cabia conservá-la, com recato e comedimento. Segundo um cronista carioca, se uma jovem aparecesse ‘de lábio rubro ou de tez colorida’, já se sabia, era estrangeira. Dizia-se que Nossa Senhora não se pintava, e as jovens de boa família deviam seguir esse santo exemplo (2012, p. 105-106).

Os cosméticos, no início do século XX, eram tratados como medicamentos para a beleza. A *Revista da Semana* divulgava muitos anúncios de produtos para a beleza da mulher, tais como loções para os cabelos, mãos e “cútis”. Além disso, na seção *Jornal das Famílias*, havia muitas receitas para a confecção de cremes e loções para o embelezamento feminino.

Essa retórica publicitária do período, antes de tudo, procurava educar e disciplinar as classes com poder aquisitivo mais elevado, uma vez que a revista tinha um público elitista. Segundo Lipovetsky e Roux (2005), o uso de produtos de beleza tornou-se mais frequente a partir do século XX, em razão da divulgação de produtos e de práticas nas revistas ilustradas, informação à qual, até então, somente tinha acesso quem viajava para o exterior.

A magreza excessiva ou a barriga saliente eram atributos indesejáveis, considerados pela sociedade como características “deselegantes” para uma mulher da elite e também

[...] uma vasta e proeminente barriga, rebelde ao espartilho, podia ser malvista. Pior ainda eram os corpos magricelas. Os regimes aconselhados pela imprensa destinavam-se, sobretudo, a ganhar volume corporal. Magreza acentuada era sinônimo de doença e pobreza, assemelhava-se ao raquitismo e à neurastenia. Mulher muito magra corria o risco de ficar solteira para sempre. Por isso ela era aconselhada a comer grande quantidade de alimentos suculentos. Feiura, palavra usada com naturalidade pela imprensa, associava-se facilmente à silhueta chamada popularmente de ‘vara pau’, ‘espantalho’, ‘palito esturricado’ e ‘bacalhau’ (SANT’ANNA, 2012, p. 106).

A partir de pressupostos alicerçados em estruturas culturais, econômicas e sociais, as mulheres da alta sociedade submetiam-se às hierarquias, fortalecendo a preeminência do sexo masculino e a submissão feminina. Sua riqueza e *status* – fossem filhas ou esposas de banqueiros, homens de negócios, mercadores, fazendeiros, etc. – dependia do grau ao qual a família se situava na sociedade, visto que, na imprensa do período, certas famílias obtinham mais destaque do que outras.

Nos jornais que circulavam na época, as mulheres frequentemente apareciam em segundo plano, sendo adjetivadas como filhas, irmãs, sobrinhas, por exemplo, de algum homem de *status* na sociedade, ou como esposa/viúva de um sujeito dominante. Os homens eram conhecidos pelo seu sobrenome e as mulheres, quando solteiras, pelo sobrenome do pai, e

ocupavam lugar de “destaque” por ter parentesco com alguém importante na sociedade. Após o casamento, a mulher era conhecida pelo sobrenome do marido.

A mulher, com o passar dos anos, foi conquistando seu espaço a passos pequenos e discretos, mas que, somados, fizeram diferença no século XX. Um dos eventos desencadeadores desse processo de libertação em que elas ganharam mais expressão no aspecto público foi a eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Os homens foram chamados para as frentes de batalha e as mulheres tiveram que assumir os trabalhos que antes eram ocupados pelos homens.

Nesse contexto, elas tiveram que assumir funções consideradas “masculinas”. As mulheres das classes menos favorecidas assumiram o lugar de seus maridos nas indústrias e as das classes médias e as das classes mais abastadas poderiam ajudar em enfermarias, orfanatos e outros setores. Com a escassez de matéria-prima e de suprimentos, a renda familiar diminuiu consideravelmente. Esse panorama transformou a maneira de viver da sociedade baseados na ostentação, já que a palavra de “ordem” do momento era economia.

Com o advento da Primeira Guerra Mundial, as mulheres tiveram a oportunidade de mostrar que poderiam trabalhar, serem “úteis” e responsáveis, inclusive, muitas foram mobilizadas para o esforço de guerra:

A ausência da figura masculina no campo de trabalho, uma vez estando no campo de batalha, fez com que a mulher ocupasse outra posição, atuando em diversos setores, fossem de quaisquer classes sociais. As mulheres ocuparam espaços masculinos da área da saúde aos transportes e da agricultura à indústria, inclusive a bélica. Foi o começo da emancipação feminina, uma necessidade durante a guerra e, depois dela, um hábito (BRAGA, 2009, p. 69-70).

Essa questão é especialmente relevante para este trabalho, na medida em que a maior participação das mulheres no mercado de trabalho levou à necessidade de um remodelamento no vestuário feminino. Os trajes de trabalho tornaram-se mais práticos, dando às mulheres um ar “independente”, diferentemente do estereótipo pregado anteriormente de mulher “frágil”.

Um dos objetivos era a construção de uma imagem mais “séria”. Por isso, as mulheres cortaram os cabelos, mantendo-os curtos, e começaram a usar roupas que não valorizavam as formas do corpo. Algumas mulheres passaram a usar calças como uma espécie de uniforme e jaquetas com estilo militar. Porém, essa moda não atingiu as classes mais altas, afinal, essa classe tem vários empregados e possui condições financeiras, não precisando trabalhar para seu sustento. Entretanto, sofreu outras influências como a dos tons escuros e da escassez de tecidos.



Na medida em que mais homens alistavam-se para a guerra, houve a necessidade de que mais mulheres entrassem para o mercado de trabalho, nos mais variados tipos de tarefas, das mais árduas às mais leves. Contudo, tornava-se necessário uniformizá-las para cada tipo de função, seguindo a linha das confecções dos uniformes padronizados dos militares. Então, ao longo da guerra, as fábricas e as oficinas de roupas empenharam-se para produzir tais vestuários, o que influenciou a produção de roupas femininas, sendo esse setor voltado para a guerra.

A referência à limitação do uso de calças às mulheres, voltadas para o mercado de trabalho, e a permanência dos modelos mais clássicos entre a elite feminina, pode ser auferida pela análise da seção *Jornal das Famílias*, uma vez que a revista tinha como público almejado a elite feminina carioca. No recorte analisado de 1915 a 1918, não foi detectada nenhuma ilustração ou imagem de moda de calças. A revista mostrava uma “moda” em vestidos e conjuntos de saias e blusas, enfatizando a ideia de simplicidade, elegância e praticidade.

A “Grande Guerra” resultou na escassez de matéria-prima, o que transformou a moda. O carência de recursos levou as mulheres a economizarem com tecidos, aviamentos e ornamentos, além de o contexto da Guerra trazer mais sobriedade aos estilos, pois é um evento que trouxe muita tristeza para a sociedade, afinal o luto era predominante nas famílias que perderam seus amigos e parentes. Portanto, o vestuário em tons neutros e negros passou a prevalecer nas páginas das revistas femininas do período.

Ao se referir a essa tendência de uma moda mais austera no período da guerra, alguns trabalhos acadêmicos enfatizam que as golas altas “desapareceram” com o uso dos decotes junto ao pescoço. Porém, durante a investigação na seção *Jornal das Famílias*, percebeu-se que essa afirmativa não reflete a moda aqui estudada para o período. No exemplar de 23 de outubro de 1915 (REVISTA DA SEMANA n. 37, 1915 - AHR-UPF), na primeira página, podem ser vistos modelos de vestidos em golas altas e em decotes rentes ao pescoço.

Da mesma forma, em vários outros exemplares, no recorte analisado, verifica-se que a gola alta na verdade não foi “banida” do guarda-roupa feminino, e sim outros modelos de golas foram acrescentados ao longo dos anos.

No exemplar de 27 de novembro de 1915 da *Revista da Semana*, a seção de moda feminina divulga que, em Paris, desde que se iniciou a guerra, as cores escuras são as que predominam no vestuário feminino, visto que metade da população feminina europeia está de luto (REVISTA DA SEMANA n. 42, 1915 - AHR-UPF). Logo se criou o conhecido “chapéu

de noiva da guerra”<sup>14</sup> e a seção afirma que as matérias-primas e os confeccionados tornaram-se mais caros, porém “[...] compensa-se com a qualidade superior e o bom gosto inexecedível, sabendo reunir este difícil: o útil e o agradável, o pratico e o bonito” (REVISTA DA SEMANA n. 42, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Algumas características da moda feminina do período da Primeira Guerra podem ser resumidas da seguinte forma: em meados de 1915, o comprimento das saias encontrava-se um pouco acima dos tornozelos e podiam ser ajustadas ou rodadas, entretanto, marcavam a cintura e colocavam em evidência as formas femininas. Já quanto aos calçados, usavam-se botas e sapatos abertos e as meias de algodão complementavam a *toilette*<sup>15</sup>. Os trajes de duas peças eram muito usados, “[...] com a blusa para fora da saia, e cinto” (PRADO; BRAGA, 2011, p. 89-90) marcando a cintura. Conforme Prado e Braga,

[...] os vestidos perderam mais volume e as anáguas excessivas; as saias subiram, deixando a silhueta da canela aparente; os espartilhos – que tanto ajustavam-se ao corpo, afinando a cintura feminina – deixaram de ser usados. Como substituto, para prender os seios, surgiu o sutiã, que teve sua primeira patente datada de 1914, nos Estados Unidos, concedida a Mary Phelps Jacob (2011, p. 89).

Em 1915, diversos estilistas aderiram às notas militares em suas coleções, geralmente no vestuário para o dia, como as jaquetas alongadas e levemente acinturadas, as quais se tornaram uma peça indispensável no guarda-roupa feminino, tendo em evidência a cor cáqui.

Entre os costureiros que se destacaram no período, pode-se citar Paul Poiret, considerado um “simplificador” do guarda-roupa feminino por propor uma silhueta mais solta sem espartilhos, inspirada na *Art déco*, reduzindo a quantidade de roupas íntimas. O estilista inovou ao incluir peças no estilo oriental (ver Figura 15) em suas coleções, como “[...] quimonos, calças em estilo turco e estampas com característica oriental” (PRADO; BRAGA, 2011, p. 90) e por propor decotes em “v” mais acentuados, deixando à mostra um pouco mais o colo, decote que ficou conhecido como “decote pneumonia” por representar possíveis riscos à saúde (PRADO; BRAGA, 2011).

Ele criou a saia conhecida como *entravée*, que deixava o andar feminino a passos pequenos. Outra característica em algumas das coleções do costureiro era o uso do turbante. Conforme Stevenson,

<sup>14</sup> “Chapéu de *crepon* preto com um vivo de *crepon* branco e elegante *drapé*” (REVISTA DA SEMANA n. 42, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

<sup>15</sup> Termo muito usado na seção *Jornal das Famílias* para designar um traje, conjunto, vestimenta.

[...] os modelos inovadores de Poiret no início do século XX contribuíram para o estado de espírito da moda na época. Inspirado pelos desenhos orientalistas do figurinista Léon Bakst, baseados nos trajes das escravas de harém, Poiret produziu em 1913 uma coleção exótica que incluía turbantes, calças de odalisca e a túnica-abajur, com arame na borda para se destacar em torno do corpo. Os figurinos muito ornamentados do russo Barkst também popularizaram o onipresente remate de pele (2012, p. 78).



Figura 15: Modelo de traje feminino de Paul Poiret – casaco Kimono.

Fonte: Glamour Daze. *A short history of human's fashion. 1900-1969.*

O costureiro desejava transformar a moda feminina da época para valorizar a silhueta da mulher naturalmente, sem a intervenção do uso do espartilho. Assim, o *soutien* moderno, a calcinha (*caleçons*) e uma cinta faziam parte de suas criações.

Outra estilista de destaque da época foi Gabrielle Coco Chanel, conhecida por ter inserido o jérsei<sup>16</sup> à moda, pelo uso de pérolas “falsas”, e por seus chapéus diferenciados como o chapéu de palha, criando um novo estilo para as mulheres. Na verdade, Gabrielle “reinventou” o *tailleur* com uma proposta inovadora em jérsei (Figura 16), “[...] tecido leve, prático e que não amassava, até então usado para o fabrico de roupas de baixo [...]. A saia, que compunha o

<sup>16</sup> Tecido elástico de malha macia.

casaco, era longa, até as canelas, e ganhou apelido de ‘crinolina de guerra’” (PRADO; BRAGA, 2011, p. 91).

Chanel transformou as tendências de moda da guerra por modelos de vestuários mais simplificados, esportivos e informais com conjuntos de duas peças, capas e paletós de jérsei confortáveis e versáteis, que logo conquistaram as mulheres e os fabricantes pelo potencial de comércio.



Figura 16: Trajes em jérsei de Gabrielle Coco Chanel

Fonte: *Costumes de Jersey. Illustration of Art.*

Jeane Lanvin foi uma estilista bem conceituada do século XX, com uma concepção romântica. Seu trabalho era identificado pelo uso de bordados e pelos finos acabamentos. Lanvin começou como chapeleira e, logo após o nascimento de sua filha, começou a costurar vestidos infantis. Os vestidos fizeram tanto sucesso que chamou a atenção de suas clientes.

Então, além de confeccionar chapéus, passou a desenvolver coleções infantis. Não demorou muito para que a estilista viesse a desenvolver trajes para as mães também. Devido ao sucesso que fez sua moda infantil, as mães queriam usar vestidos diferenciados tanto como suas filhas (ver Figura 17). Segundo Stevenson, Lanvin criou o “vestido de style”, um modelo inspirado nas linhas da moda do século XVIII, que “correspondia [...] ao retorno à feminilidade romântica que atraía as mulheres na atmosfera sentimental inspirada pela ausência dos maridos e amantes decorrentes da I Guerra Mundial” (2012, p. 90). O modelo fez tanto sucesso que permaneceu até os anos de 1920.



Figura 17: Trajes femininos e infantis desenvolvidos por Jeanne Lanvin em 1916

Fonte: Spring Fashion.

Jeanne Beckers, mais conhecida como Madame Paquin, foi uma estilista bem influente do século XX e suas criações eram influenciadas pela *Art déco*. A estilista ficou conhecida pelos seus vestidos em tons pastéis com inspiração no século XVIII e também pela capacidade de promover seus vestidos, organizando desfiles de moda, e por enviar modelos vestidas com suas roupas em eventos das elites (Figura 18).

Madame Paquin “[...] foi a primeira mulher em seu tempo a ser premiada pela Legion d'Honneur, associação de elite que promovia trabalhos de artistas franceses. Ela se aposentou em 1920 e faleceu em 1936. Sua casa fechou em 1956” (ARAÚJO, 2008).





Figura 18: *Revista da Semana* n. 2, Anno XVII, 19 de fevereiro de 1916. Primeira página da seção *Jornal das Famílias* apresenta um modelo de traje feminino com “a ultima criação da casa Paquin de Paris”

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Como descrito acima, muitas transformações ocorreram na moda feminina durante a Grande Guerra. Com relação ao recorte analisado (1915-1918) na seção *Jornal das Famílias*, pode ser percebido que, nos primeiros exemplares de 1915, a seção apresentava ilustração de trajes femininos com saias mais amplas do que as dos últimos exemplares do ano de 1918.

Verifica-se, na revista analisada, que as linhas da moda feminina foram-se transformando, as barras das saias foram afunilando, provavelmente em função da escassez da matéria-prima e dos materiais para a confecção dos modelos. Mas também sofreram influências dos estilistas em ascensão no momento, como Paul Poiret, com o afunilamento das barras das saias (saia-funil<sup>17</sup>) e com os decotes mais “ousados”; Gabrielle Coco Chanel, com os *tailleus* e chapéus “exóticos”, e Jeanne Lanvin, com suas criações delicadas, com bordados e detalhes diferenciados.

Abaixo, se podem verificar as transformações das linhas da moda com as possíveis influências citadas anteriormente. Na Figura 19, por exemplo, pode-se ver os trajes femininos

<sup>17</sup> “As saias vinham se estreitando desde a virada do século, mas a interpretação que Poiret deu à tendência foi extraordinária. [...] A silhueta drapeada caía de uma linha do busto suave e estreitava-se muito entre os joelhos e os tornozelos, restringindo a mulher a passinhos de gueixa” (STEVENSON, 2012, p. 82).

de 1915 com saias mais amplas. Os vestidos apresentam semelhanças com o estilo de Jeanne Lanvin, com inúmeros detalhes e a delicadeza dos enfeites.



Figura 19: *Revista da Semana* n. 46, Anno XVI, 18 de dezembro de 1915. Primeira página da seção *Jornal das Famílias* com modelos de trajes femininos

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

A moda feminina com relação à silhueta na seção *Jornal das Famílias* em 1916 não sofreu grandes transformações. Porém, em 1917, os trajes ficaram mais sóbrios em comparação aos anos anteriores, mas permanecendo com “riqueza” de detalhes. As saias passaram a ter menos volume e, no fim desse mesmo ano, as barras começaram a afunilar, ficando parecidas com o estilo de Paul Poiret. Tal semelhança pode ser verificada na Figura 20.



Figura 20: *Revista da Semana* n. 39, Anno XVIII, 3 de novembro de 1917. Modelos de trajes femininos na seção *Jornal das Famílias* com uma silhueta mais afunilada na barra das saias

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Do início ao final do ano de 1918, a moda feminina passou por transformações mais significativas, de uma moda que seguia o conceito de simplicidade, mas com riqueza de detalhes e com saias mais amplas e rodadas em 1915, a uma moda que aos poucos foi remodelando suas linhas e deixando o corpo feminino “ovalado” com o afunilamento da barra das saias em 1917.

Entretanto, em 1918, os trajes ficaram cada vez mais simplificados (Figura 21) quanto aos detalhes e aos aviamentos utilizados, em comparação com os dos anos de 1915 e de 1916, que eram considerados de “extrema elegância e primor”. Outro detalhe relevante é com relação à quantidade de tecidos para a confecção das roupas, que, em 1918, é bem menor do que a dos modelos de 1915.



Figura 21: *Revista da Semana* n. 47, Anno XIX, 28 de dezembro de 1918. Modelos de trajés femininos na seção *Jornal das Famílias*

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Ao tratar de moda em tempos de guerra, a seção *Jornal das Famílias* na *Revista da Semana*, preocupa-se em enfatizar sua relevância mesmo em tempos tão difíceis. A moda poderia ser encarada como motivo de distração para o público feminino e resistência ao sofrimento e destruição da época. No exemplar de 25 de setembro de 1915 da *Revista da Semana*, a seção descreve na reportagem uma moda “necessária” apesar da guerra.

[...] decididamente a elegancia em Paris continua apesar da guerra. E assim ella resiste a essa terrivel rajada que leva, como pobres folhas secas, os sentimentos mais fortes e humanos da alma. Esquecem-se mesmo, n'esta hora tragica, alegrias, dôres, desdens, paixões e tudo o que parece mesquinho, menos o afan das senhoras em trajarem no rigor da moda (REVISTA DA SEMANA n. 33, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Na seção *Jornal das Famílias* de 08 de abril de 1916, a revista propõe que o consumo da moda em tempos de guerra é um “dever patriótico” (REVISTA DA SEMANA n. 9, 1916 - AHR-UPF), pois esse campo compreende vários profissionais que necessitam sustentar suas famílias, desde o fabricante de tecidos às costureiras.

Ainda na seção, com base em análises da revista, ela divulga que, quando estourou a guerra, a sociedade percebeu a necessidade de deixar as frivolidades de lado, fechar os *ateliers* para pensar na pátria, pois Paris, como o “centro” da moda naquele momento, deixava de existir

(REVISTA DA SEMANA n. 41, 1915- AHR-UPF). Já que a moda perecera, os que a usavam como sustento de suas famílias como, por exemplo, as *grisettes*,<sup>18</sup> tiveram de deixar de trabalhar. No entanto, surgira uma “nova” necessidade para movimentar a moda:

[...] a Cruz Vermelha e o Comitê de caridade necessitavam uniformes, e os estabelecimentos mais afamados da elegancia mundial, com fundos seus, ocuparam as suas empregadas n'esse mister.

A Casa Callot Soeurs pôz nas mãos das suas habéis costureiras a roupa grosseira da tropa; *Mad.* Paquin dirigiu a confecção dos agasalhos dos soldados; os Worths fundaram uma ambulancia; *Mad.* Cheruit occupou-se da confecção dos trajés para as senhoras que assistem aos feridos; Doucet, que pela sua idade não pôde ir para as fileiras, creou um hospital, e as suas costureiras cosem para os militares; Redfern poz os seus *ateliers* á disposição da Cruz Vermelha, Poiret produz *bonnets* e capotes (REVISTA DA SEMANA n. 41, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Percebe-se que a Primeira Guerra Mundial foi um “marco” em inovação para a moda, pois foi um período que revelou estilistas que marcaram a história da moda pela sua criatividade e inovação. A moda no período da guerra empregou 22 mil pessoas (REVISTA DA SEMANA n. 41, 1915 - AHR-UPF), conforme dados da seção. Devido às necessidades da guerra, várias pessoas encontraram uma oportunidade de trabalho, e o setor da moda que, aparentemente, nos anos iniciais da guerra, parecia não ter espaço, “reinventou-se”. Esse processo de se reinventar ocorreu em um período que demandava criatividade na indumentária pela escassez de materiais e também pela necessidade de uniformes tanto femininos como masculinos.

Com a moda na Grande Guerra, “[...] dá-se de comer aos que não teem meios para viver, trata-se dos feridos, proporcionam-se roupas, e tudo isso devido aos creadores da moda, d'essa moda que tantas vezes tem sido denominada de frívola, phantasticam, excêntrica e louca” (REVISTA DA SEMANA n. 41, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Após a guerra, em 1918, os órgãos de representação feminina<sup>19</sup>, aos poucos foram sendo desmobilizados, uma vez que os homens voltaram do conflito. Os desligamentos não foram totais, mas expressivos, afinal a maioria das mulheres voltou para o lar.

O contexto da Primeira Guerra foi descrito aqui, pois, como vimos, ele é fundamental para as transformações no mundo da moda, não somente com relação às necessidades práticas exigidas pela guerra, mas, sobretudo, aos questionamentos sociais e culturais que suscitou na sociedade, em especial no que diz respeito aos valores e aos comportamentos femininos<sup>20</sup>.

<sup>18</sup> Mulheres da classe trabalhadora.

<sup>19</sup> Associações que regulavam a trabalho feminino durante a Primeira Guerra Mundial.

<sup>20</sup> Refere-se, aqui, ao comportamento social, enquanto um fato comunicador dirigido a outras pessoas, da qual demandam ações. Estas, muitas vezes, atuam como marcadores (sociais, de gênero, étnicos etc.). Nesse sentido,



O período apresenta-se como um prelúdio de transformações que se consolida somente mais tarde, fundamentando, também, a segunda onda feminista, tema que foge ao recorte deste trabalho. Prelúdio, ainda, de modificações em relação ao consumo da moda, cuja explosão redefine seu próprio significado, uma vez que o caráter distintivo passa a não mais centrar-se apenas no social.

Entretanto, como citado, essas transformações são, em parte, efeitos, posteriores à Guerra. No período escolhido para o estudo – 1915-1918 –, os fatores de identidade social e de gênero aparecem como componentes fundamentais, naturalizados, da moda. Se homens e mulheres, das classes mais elevadas e das classes menos favorecidas, tinham seus papéis definidos, a estes correspondia, também, um vestuário específico, que a *Revista da Semana*, na seção *Jornal das famílias*, vai orientar.

---

esperava-se que as mulheres se comportassem de acordo com os manuais de boas maneiras do período e também conforme as “regras” da “boa educação” das classes mais abastadas da sociedade.

### **3 MODA, DISTINÇÃO SOCIAL E DE GÊNERO NA SEÇÃO *JORNAL DAS FAMÍLIAS – REVISTA DA SEMANA (1915-1918)***

A moda é um fenômeno social, não meramente concebido como objeto e seu estudo não permite que ela seja desmembrada da compreensão dinâmica da vida cotidiana. Dessa forma, é necessário vinculá-la com uma força que paira na atmosfera social, que reflete, que cria, dinamiza distinções sociais consistentes entre grupos de indivíduos e entre gêneros.

Torna-se relevante destacar a relação da moda que Mattos exprime como “exibir-se ao olhar do outro” (2011, p. 163), na condição de ver e no prazer de ser visto. Afinal, nesse ritual de contemplação estética da distinção social as invenções mais aprimoradas do vestuário poderiam ser influenciadas por essa corrente,

[...] porque na esfera do parecer, o domínio das aparências se tornou central na história da moda e da arte, na época, e razão do mimetismo do desejo de se assemelhar-se às classes superiores, que na cidade irá se reproduzir como instrumento de representação e afirmação social por meio da cópia dos modelos exibidos na nobreza. Essa situação, no final do século XIX e início do XX, novamente esteve aplicada à sociedade industrial, ao refinamento das classes envolvidas com as novas mercadorias e com o otimismo do progresso (MATTOS, 2011, p. 163).

Para Lipovetsky, “só a partir do final da Idade Média é possível reconhecer a ordem própria da moda, a moda como um sistema” (1989, p. 23). O autor atribui esse evento ao “nascimento da moda”, pelas suas transformações e seus movimentos, pois o ciclo de renovação das formas da moda passou a ter valor para a sociedade (LIPOVETSKY, 1989).

Segundo Calanca (2008), a moda é um fenômeno social que compreende transformações de hábitos, costumes e gostos de uma determinada sociedade ocorrendo em forma de ciclos. A autora ainda faz uma abordagem sobre o termo “costume”, que com relação à moda, assume o sentido de uma prática constante que determinaria a conduta de um grupo social, sendo que essa definição corresponde à ideia de sistema. Assim, a autora quer dizer que a moda como um sistema é uma estrutura, ou seja, um grupo com diversos elementos que se relacionam entre si.

A moda no início do século XX não abrange apenas o vestuário, mas sim adiciona objetos e conceitos que compõem a aparência, pois os componentes que fazem parte desse conjunto, como adornos, a própria roupa, a conduta e os gestos, atuam entre si. As “formas ou posturas” corporais de um indivíduo, segundo Feijão, além de sofrer influências do vestuário,

“[...] podem também ser fruto do estilo de vida, da ocupação ou do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade” (2011, p. 85).

A autora reflete ainda sobre as diversidades do vestuário masculino e feminino, que sofriam influências com relação à classe e à “[...] divisão de tarefas e das possibilidades destinadas a cada gênero [...]” (2011, p. 86). Ela exprime sua ideia sobre a distinção social através da indumentária, que, com o desenvolvimento das cidades e do espaço urbano, tornou inevitável a convivência entre as várias classes sociais, mesmo que tal situação não fosse desejada (FEIJÃO, 2011).

E inevitável tornou-se a valorização de todos os itens de vestuário que pudessem ostentar as distinções de classe, status ou nível social, codificando desde a decoração dos chapéus até a cor das ceroulas [...]. Os ínfimos detalhes eram explorados e cultuados por uma elite urbana ainda em formação, que buscava com avidez construir modelos de prestígio de forma a distinguir-se das outras camadas da sociedade (FEIJÃO, 2011, p. 86-87).

A moda, se analisada sob vários ângulos e aspectos, assume perspectivas diferenciadas, como trabalhar em prol da identidade, sinônimo de linguagem e comunicação, bem como *status*, comportamento e distinção social. Considerando-se que essas são algumas das facetas da moda, é pertinente referenciar a reflexão de Barnard acerca dessa questão do *status* social e de críticas da sociedade, uma vez que, segundo o autor, “indumentária e moda são frequentemente usadas para indicar importância ou status, e as pessoas emitem comumente julgamentos a respeito da importância e do status das outras com base no que estão vestindo” (2003, p. 94).

Em vista disso, as classes sociais usam do artifício da diferenciação do vestuário como um meio de distinguirem-se das classes menos favorecidas, que, por conseguinte, veem as elites como um ideal de “moda”. Já para Bourdieu, a moda integra o que ele chama de sistemas simbólicos de dominação que

[...] cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a <<domesticação dos dominados>> (1989, p. 11).

Para Bourdieu, esse poder de dominação, de uma classe sobre outra, é “[...] invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem” (1989, p. 7-8). Ainda, o autor destaca a temática das “lutas simbólicas em busca da distinção”, afirmando que as batalhas travadas para conquistar bens de

“valor” como culturais ou econômicos são indissociáveis das lutas simbólicas pela “posse” de signos de distinção que consistem em bens ou as práticas cristalizadas e cristalizantes (BOURDIEU, 2007).

Dessa forma, Bourdieu enfatiza que as inúmeras formas de diferenciação entre classes sociais em determinada sociedade, nada mais é do que uma avaliação em certo momento das lutas simbólicas que são investidas do que o autor considera “estilo de vida legítimo” e que “[...] encontra uma realização exemplar nas lutas pelo monopólio dos emblemas da “classe”, ou seja, bens de luxo, bens de cultura legítima ou modo de apropriação legítimo desses bens” (BOURDIEU, 2013, p. 233).

Na visão de Simmel, a moda cumpriria adequadamente seu papel de suprir a necessidade da imitação e distinção entre classes, pois o autor trabalha “sempre de modo binário” (CIDREIRA, 2006, p. 102), usando as duas temáticas, já que, com a imitação, a moda estaria obedecendo aos anseios de uma parcela da sociedade, e

[...] ela leva o singular à via seguida por todos, ela indica uma universalidade que reduz o comportamento de cada um a mero exemplo. Ela também satisfaz, no entanto, a necessidade de distinção, a tendência à diferenciação, à variação, ao destaque. E ela consegue isso, por um lado, através da mudança de conteúdos que imprime à moda de hoje sua marca individual em relação à moda de ontem e de amanhã, mas por outro lado, ainda mais energicamente, pelo fato de as modas serem modas de classe, de as modas das camadas mais altas se distinguirem daquelas das mais baixas e serem abandonadas no momento em que essas começam a se apropriar daquelas (SIMMEL, 2008, p. 165).

Lars Svendsen, em *Moda: uma filosofia*, compara as vertentes do “consumo simbólico” entre Veblen e Bourdieu, enfatiza que ambos seguem a mesma ideia e que, o que impulsiona o consumo simbólico, não se baseia somente na imitação das classes mais altas com relação às mais baixas, e sim nas táticas utilizadas pelas elites para com as classes menos favorecidas (SVENDSEN, 2010).

Para o autor, a distinção não estaria de acordo com a teoria da *conspicuous consumption* (o consumo conspícuo<sup>21</sup>) e nem nas trilhas de Veblen. Entretanto, o que for consumido e o ato de consumir, “é *conspicuous*, visível, quer tenha sido ou não realizado a fim de ser visto; ele é distintivo, quer tenha sido ou não inspirado pela intenção de dar nas vistas, de se singularizar [...], de se distinguir ou de agir com distinção” (BOURDIEU, 1989, p. 144).

---

<sup>21</sup> O consumo conspícuo relaciona os gostos dos sujeitos, ou seja, das classes mais abastadas na medida em que tentam diferenciar-se dos demais, e das classes menos favorecidas ao tentar imitar o padrão das elites. As relações sociais no âmbito do consumo são designadas pelo sentimento que incita a imitar, estímulo, num raciocínio ordenado que se realimenta continuamente impedindo que se chegue ao equilíbrio.

Outra categoria utilizada por Bourdieu ao estudar as lutas simbólicas pelo poder na sociedade, é a de “espaço social”. Segundo o autor, falar dele é dizer que não se pode unir duas pessoas quaisquer deixando de lado as diferenças relevantes como as culturais e as econômicas (BOURDIEU, 1989). Contudo, pode-se

[...] organizar os agentes segundo outros princípios de divisão – étnicos, nacionais, etc. É preciso, de resto, notar que estes estão geralmente ligados aos princípios fundamentais, estando os conjuntos étnicos, eles próprios pelo menos grosseiramente, hierarquizados no espaço social (BOURDIEU, 1989, p. 138).

Ainda, com relação ao espaço social, Bourdieu relaciona algumas das formas de o indivíduo afirmar-se em sociedade relacionadas à estética, como, por exemplo, “[...] a cosmética corporal, o vestuário ou a decoração de uma casa – constituem outras tantas oportunidades de experimentar ou afirmar a posição ocupada no espaço social como lugar a assegurar ou distanciamento a manter” (2007, p. 57). O autor salienta que as diversas escolhas feitas pelos indivíduos são todas elas distinções, ou seja, escolhas que estão em oposição às feitas pelos indivíduos das outras classes.

Essas referências ao poder simbólico do vestuário afastam-se daquelas características tradicionais a ele atribuídas, como ornamentação e proteção. Esse entendimento permite entender o vestir-se como um ato de significação, demarcador de identidades sociais, de gênero, étnicas, religiosas, sendo essas, muitas vezes, carregadas de ideologias.

Essas questões teóricas podem ser exemplificadas ao se estudarem os fatores que permeiam as relações culturais entre as mulheres das classes mais abastadas de meados do século XIX. Hahner destaca que, quando havia recepções mais formais, as mulheres das classes mais elevadas tinham que demonstrar suas aptidões, condutas refinadas em sociedade e

[...] talentos que promovessem o nome da família - como entreter os convidados, conversar polidamente, tocar instrumentos, cantar de modo agradável, demonstrar maneiras refinadas, falar línguas. Até mesmo exibir joias e vestidos elaborados e decotados, cheios de laçarotes e babados, nos bailes e festas, assinalava a posição de suas famílias (2012, p. 54-55).

Nesse sentido, a característica distintiva estaria atribuída nas aptidões e nos talentos construídos desde a infância nas *senhorinhas*<sup>22</sup> e senhoras das elites, nos trajes, ornamentos e detalhes da composição do conjunto. Além disso, eram consideradas muito apropriadas às

---

<sup>22</sup> Termo para denominar as moças que ainda não casaram.



senhoras as inclinações para organizar recepções, tanto no lar quanto em sociedade, participando da escolha e da preparação dos *menus*, desde toalhas, cobertas de mesa à decoração do lar, por exemplo – na *Revista da Semana* na seção *Jornal das Famílias* de 11 de setembro de 1915, a matéria *A Vida no Lar* diz-se que: “A dona de casa prova o seu gosto artístico na escolha da toalha” (REVISTA DA SEMANA n. 31, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

No início do século XX, no Rio de Janeiro, verifica-se um costume, um comportamento consolidado pela moda vigente que propunha trajes para mulheres –manhã, tarde e noite – para bailes, passeios, visitas, chás, teatro, interior (para o lar), campo, recepções, e cada qual com seus respectivos ornamentos e detalhes. Ainda para o público feminino elitista, consideravam-se certas maneiras de convívio em sociedade como regras de etiqueta, cordialidade, saber conversar com as pessoas e ser agradável. O bom gosto da escolha da vestimenta era critério para ser, ou não, considerada distinta.

No Rio de Janeiro, a Rua do Ouvidor exibia o que havia de mais luxuoso para a elegância e a vaidade. As lojas vendiam pentes de tartaruga, água-de-colônia, tinturas, carmim para as faces, além de tecidos finos, aviamentos, leques, joias, luvas de pelica e sapatos de cetim. Modistas e cabelereiros famosos atendiam a mulheres ansiosas em acompanhar as modas parisienses e mostrar bom gosto nos saraus, espetáculos teatrais e outros eventos organizados pela elite carioca (SANT’ANNA, 2012, p. 105).

A ideia que a seção *Jornal das Famílias* disseminava, visto que a moda parisiense era uma referência de bom gosto e distinção, era de uma moda simples e elegante, na qual a riqueza consistia nos pequenos detalhes. Em conformidade com Lipovetsky, o autor menciona a expressão “pequenos nada”, fazendo referência à questão distintiva dessas minúcias na composição da imagem:

Torrentes de ‘pequenos nada’ e pequenas diferenças que fazem toda a moda, que desclassificam ou classificam imediatamente a pessoa que os adota ou que deles se mantém afastada, que tornam imediatamente obsoleto aquilo que os precede. Com a moda, começa o poder social dos signos ínfimos, o espantoso dispositivo de distinção social conferido ao porte das novidades sutis (1989, p. 32).

Todavia, a combinação dos adornos, dos tecidos requintados, ter bom gosto na escolha do vestuário seguindo as tendências da moda etc., não bastava para as mulheres das elites cariocas, pois, para ser considerada “*chic*”, distinta e elegante, era necessário ter os “trejeitos” apropriados, saber se comportar em sociedade, frequentar bailes, teatros, os chás de caridade e ter o conhecimento das “prendas domésticas”.

A imagem de mulher elegante não estaria ligada somente à vestimenta e aos acessórios, mas também aos comportamentos e aos valores morais. Oliveira corrobora essa ideia com relação à distinção entre classes sociais, uma vez que

[...] para um burguês ‘bem-nascido’, a distinção de classe social tinha que ser expressa em detalhes: o corte de sua casaca, na qualidade de suas roupas, na alvura de seus tecidos. Chapéus, cartolas e luvas, para-sóis e leques, guarda-chuvas e bengalas eram acessórios essenciais na construção da imagem de uma ‘dama’ e de um ‘cavalheiro’ (2010, p. 185).

Assim como na contemporaneidade, a alta costura no início do século XX fornecia emblema de distinção à classe dominante, pois, segundo Bourdieu e Delsaut, “[...] as marcas simbólicas da ‘classe’ que são, [...] *de rigor* em todas as cerimônias exclusivas do culto que a classe burguesa se presta a si mesma, através da celebração da sua própria distinção” (2001, p. 53).

A moda feminina do século XIX, de acordo com Feijão, restringia os movimentos em função dos pesados ornamentos e da quantidade de tecidos e saias que as mulheres usavam para se distinguirem. A autora ainda articula sobre essa tônica que era refletida na indumentária, logo,

[...] a fragilidade e a dependência das mulheres desse tempo transpareciam em trajes complicados e fartamente ornamentados que sacrificavam o conforto em prol de signos de distinção. As peças que enclausuravam o corpo, dificultando a liberdade de movimentos, refletiam simbolicamente de autonomia das mulheres. Na maior parte do tempo elas deveriam se dedicar à condução da vida doméstica, quando já possuísssem uma casa para cuidar. Se jovens e solteiras, ocupavam-se da preparação do objetivo primordial de sua vida: o casamento (2011, p. 108).

Na medida em que se discute distinção social e de gênero dentro da moda, percebe-se que estes se fundem em certos momentos, principalmente nas matérias que estão no interior da seção *Jornal das Famílias* vinculadas à *Revista da Semana*. Esse entrelaçamento é evidente e é nessa perspectiva que esta análise torna-se relevante, no sentido de que as mulheres das elites do período investigado (1915-1918) propagavam, dentro do contexto social da época, tanto valores de distinção social quanto fatores comportamentais relativos ao gênero feminino, relacionando-os com a moda.

Os atributos distintivos de gênero, assim como os atributos sociais, também são social e historicamente construídos e reforçados através de elementos simbólicos constantemente reelaborados. As civilizações e as suas sociedades apresentam seus valores, suas crenças e as

constituições em que os seres humanos estão “divididos” entre “homens” e “mulheres”, sendo ambos relacionados de forma diversa.

A história da civilização ocidental, da mesma maneira que em outras culturas, fundamentou-se em sistemas sociais, políticos e filosóficos nos quais os homens estabeleciam os papéis que as mulheres deveriam ou não desempenhar. Conforme Colling, “são as sociedades, as civilizações, que conferem significado à diferença. Portanto, não há verdade na diferença entre os sexos, mas um esforço interminável para dar-lhe sentido, interpretá-la e cultivá-la” (2004, p. 17).

É nesse sentido que a sociedade judaico-cristã-ocidental historicamente reforçou a ideia de uma “natureza feminina”, à qual corresponderiam determinadas condutas. Para esclarecer-se o conceito de “natureza feminina” citado anteriormente, pela filosofia de Aristóteles e de Platão, o conceito de “natural” interliga-se ao contexto de “natureza”, e, em uma concepção moderna, a “natureza é o princípio produtor de um ser, que realiza a sua essência” (LENOBLE, 1990, p. 184).

Na contemporaneidade, bem como em outras épocas da história, as sociedades “determinam” como deve ser o comportamento “adequado” em certas situações, ou supõe-se que é de “natureza” da mulher ou do homem comportar-se de determinada forma: o sexo feminino “deveria” ter um instinto maternal e desejar ter filhos, já a “natureza” do sexo masculino é ter comportamentos “machistas”, sendo obrigação do homem ser o “único” provedor financeiro no lar, por exemplo.

Talvez essa “natureza” esteja impregnada de conceitos que a sociedade atribui à mulher ao longo da história. Portanto, os conceitos de “natural” e de “natureza” da ciência moderna seguem a mesma ideia do conceito aristotélico-tomista<sup>23</sup>, pois, na ciência moderna, o

[...] sentido de ‘natureza’ conserva a ideia de que tal objeto tem uma essência que lhe é própria, que o distingue de outros objetos, e que deve realizar-se para que ele permaneça nos trilhos da natureza. Ora, o conceito de ‘natural’, tanto na linguagem corrente, como em sua utilização por diversos ramos científicos modernos, está ancorado nesta noção de uma essência que deve realizar-se (ALMEIDA, 1995, p. 118).

<sup>23</sup> Segundo Lenoble, esse conceito de “natureza” (associada à ordem) se firmou com a ciência de Platão e Aristóteles na Grécia clássica, sendo que, nessa situação, trata-se de um rompimento com relação ao período anterior, dos povos arcaicos, em que a natureza era ligada aos deuses. Assim, os homens estavam vivendo sob a “dominação” de uma Natureza cujas leis não desfrutavam. Entretanto, da mesma maneira que a Mãe-Natureza era temida, era venerada quando concedia frutos. O entendimento da Natureza como algo que é norteado por leis e que essas leis poderiam ser aprendidas pelos homens, permitiu o esclarecimento das forças cegas do acaso. A ordem, neste caso, tornou possível a liberdade, a capacidade do conhecimento das leis e formar alicerces com relação ao seu comportamento (LENOBLE, 1990).

Nesses dois campos, há em comum a ideia de um dispositivo predestinado a seguir determinadas leis, que, na sua constituição, poderá ser uma ideia ou uma ordem, por exemplo, “[...] cujo subproduto é a convicção de que cada objeto, ou ser, tem uma essência própria que deve concretizar em seu desenvolvimento, sob pena de tornar-se antinatural e patológico” (ALMEIDA, 1995, p. 118).

Colling (2004) articula com relação à diferença entre os sexos baseados nos conceitos de John Stuart Mill<sup>24</sup>. Tal relação aparece hierarquizada sob diversos discursos. Desse modo, conforme a autora, a questão da “natureza feminina” na verdade nada mais é do que uma construção social sobre um corpo. Entretanto, segundo a autora, não se poderia dizer que há uma “natureza feminina”, visto que é um “trabalho” feito sobre um “corpo”, e acima de tudo

[...] ‘sobre a alma que transparece no corpo que a contém’, [...] é fruto de um contexto social, onde se cria, esquadrinha ou exclui. Por este motivo não podemos falar que exista *uma* natureza feminina, mas uma construção cultural em que durante séculos as mulheres foram designadas como seres incapazes de abstrair, e pensar. ‘A mulher não tem que pensar, só tem que amar’ diz Rousseau, ou, como mais tarde em Freud, a ‘anatomia é o seu destino’, argumentação que nunca é usada em relação ‘natureza’ masculina. A ‘natureza’, a ‘humanidade’, não são unas, são plurais, são várias, são históricas (COLLING, 2004, p. 19-20).

A relação da moda com a distinção social associada a um modelo de comportamento feminino, tanto na *Revista da Semana* quanto na própria seção *Jornal das Famílias*, mostra-se perceptível, sendo essa relação o “fio condutor” das regras sociais para as mulheres da época, especialmente para as das camadas sociais mais abastadas. Em muitas reportagens da seção investigada, identifica-se esse paradigma cultural das classes mais abastadas como se verá a seguir.

A análise busca compreender como a moda publicada na seção *Jornal das Famílias* reproduziu e reforçou elementos simbólicos de distinção social e de gênero. Metodologicamente, o trabalho compreende cinco etapas de análise. Em primeira instância, fez-se um levantamento das fontes para a definição do *corpus* documental para a investigação, que podem ser vistos na Tabela 1.

O recorte de 1915 a 1918 abrange 174 exemplares da *Revista da Semana*<sup>25</sup> e 173 para a seção *Jornal das Famílias*<sup>26</sup>. Um periódico está faltando e a ele não se obteve acesso. A seção

<sup>24</sup> Porta-voz do movimento feminista, conhecido e respeitado como “filósofo da liberdade” denunciou que ela não era igual para todos, principalmente para homens e mulheres (COLLING, 2004).

<sup>25</sup> Este número compreende sua totalidade, sem interrupções (não está faltando nenhum exemplar).

<sup>26</sup> Muitas seções da *Revista da Semana* neste período apresentavam “falhas” de continuidade. Entretanto, acredita-se que essa informação não se aplica à seção *Jornal das Famílias*, pois existe uma numeração do periódico e

apresenta em torno de três a quatro páginas por periódico, iniciando em 4 de setembro de 1915 e estendendo-se até o final de 1918. Para esta análise, foram feitas as leituras e anotações de cada exemplar, a fim de relacionar os números tanto da *Revista da Semana* quanto da seção *Jornal das Famílias* (ver Tabela 1).

Tabela 1: Relação dos exemplares da *Revista da Semana* e da seção *Jornal das Famílias* com relação ao recorte de 1915 a 1918.

Ano de codificação	Número de exemplares da <i>Revista da Semana</i>	Número de exemplares da seção <i>Jornal das Famílias</i>
1915	17	17
1916	53	53
1917	52	52
1918	52	51
Total de revistas:	174	173

\*O período de 1915 compreende menor número de periódico pelo fato de ser levado em consideração o surgimento da seção *Jornal das Famílias* em 04 de set. de 1915. FONTE: Elaboração da autora.

Na segunda etapa, foram lidas todas as reportagens da seção e anotados seus títulos, a partir do recorte estabelecido (1915-1918), iniciando com o exemplar de 04 de setembro de 1915 e terminando com o exemplar de 28 de dezembro de 1918. A partir das leituras, definiu-se a problemática central da pesquisa, ou seja, a relação entre moda, distinção social e de gênero, no periódico.

Em um terceiro momento da investigação das fontes, relacionaram-se as reportagens que apareciam com maior frequência nos exemplares, com a mesma titulação, pois, a partir dessa observação mais apurada, poderiam ser observados os assuntos que mais se destacavam na seção. Frisa-se que, apesar de as reportagens com o título de *Modas/A moda/Ultimos modelos* apresentarem 165 matérias com esse nome, por exemplo, foram publicadas muitas outras, com outros nomes, que não foram acrescentadas aos resultados apresentados na Tabela 2.

---

do n. 159 vai para o n. 161. Isso significa que o n. 160 (REVISTA DA SEMANA n. 38, 1918 – ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL), que é o que está faltando, existe, porém a ele não se obteve acesso.



Tabela 2: Relação das reportagens que são predominantes na seção *Jornal das Famílias* entre 1915 a 1918 com o seu percentual.

Reportagens que aparecem com maior frequência na seção <i>Jornal das Famílias</i> :		Percentual (%)
<i>A Moda/ Modas/ Ultimos Modelos:</i>	165	13,2%
<i>Moda – Infantil:</i>	163	13%
<i>Costuras e Bordados:</i>	34	2,70%
<i>A Vida no Lar:</i>	22	1,75%
<i>Nossa Alimentação/ A Nossa Alimentação:</i>	145	11,54%
<i>Conselhos Sociaes:</i>	60	4,75%
<i>Conselhos Praticos:</i>	63	5%
<i>Conselhos de Hygiene/ Preceitos de Hygiene:</i>	40	3,16%
Outros <sup>27</sup> :	564	44,90%
Total de matérias:	1256	100%

Fonte: Elaboração da autora.

Nesta etapa da investigação, foram analisados um total de 1256 reportagens da seção, sendo 564 (44,90%) matérias de títulos diferentes. Ao se observarem os resultados obtidos, pode-se verificar que a moda era um dos assuntos mais abordados na seção, o que permite caracterizar o *Jornal das Famílias* também como um “suplemento” de moda, além de feminino, conforme definição da própria *Revista da Semana*. Sendo a moda o tema de maior abrangência numa publicação dedicada a um público feminino específico, está clara a íntima relação que o tema tem com os demais aspectos formativos e informativos dedicados a este público almejado.

Na quarta etapa, a partir da leitura das matérias que compõem o *corpus* documental (Tabela 2), fundamentados metodologicamente na análise de conteúdo<sup>28</sup> procedeu-se à categorização das fontes. As categorias foram definidas tendo como critério sua expressividade na totalidade dos textos lidos<sup>29</sup> e a possibilidade de articular a moda à distinção social e de gênero, enfoque central da pesquisa. A partir dessa definição, elencaram-se cinco categorias: Tecidos; Indumentária e Ornamentos; Detalhes; Corpo e Beleza; e Sociabilidade, educação e comportamento social.

<sup>27</sup> Correspondem às reportagens que aparecem com menor frequência na seção em comparação aos outros títulos relacionados na Tabela 2.

<sup>28</sup> Conforme Moraes, “A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum. Essa metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias” (1999, p. 7-32).

<sup>29</sup> A análise baseia-se em textos escritos e imagens.

Tabela 3: Resultados da análise baseados nas categorias de investigação.

	<b>Quais categorias que se encaixam?</b>	<b>Quantidade de reportagens que se encaixam em uma ou mais categorias</b>	<b>Percentual (%)</b>
<i>A Moda/Modas/Ultimos Modelos/Moda Infantil e matérias relacionadas ao vestuário e ornamentação</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tecidos;</li> <li>• Indumentária e Ornamentos;</li> <li>• Detalhes;</li> <li>• Corpo e Beleza,</li> <li>• Sociabilidade, Educação e comportamento social.</li> </ul>	406 reportagens	65,49%
<i>Costuras e Bordados e matérias relacionadas a trabalhos manuais</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tecidos;</li> <li>• Indumentária e Ornamentos,</li> <li>• Detalhes.</li> </ul>	58 reportagens	9,35%
<i>Conselhos Sociaes e matérias relacionadas às “regras” de etiqueta e comportamentos em sociedade</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tecidos;</li> <li>• Indumentária e Ornamentos;</li> <li>• Detalhes;</li> <li>• Sociabilidade, Educação e comportamento social,</li> <li>• Corpo e Beleza.</li> </ul>	90 reportagens	14,51%
<i>Conselhos de Hygiene e matérias relacionadas às práticas de cuidados do corpo e da beleza</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Indumentária e Ornamentos;</li> <li>• Sociabilidade, Educação e comportamento social,</li> <li>• Corpo e Beleza.</li> </ul>	66 reportagens	10,65%
<b>TOTAL DE REPORTAGENS</b>		620 reportagens	100%

Fonte: Elaboração da autora.

Na quinta etapa, as matérias são classificadas conforme as categorias definidoras. Então, na Tabela 3, apresentam-se os resultados obtidos no decorrer da análise, baseadas nas cinco categorias de investigação. Das 1256 reportagens encontradas, 620 se enquadram em uma ou mais categorias estabelecidas.

Importante observar que as matérias analisadas (Tabela 2) não se enquadram somente em uma ou outra categoria, mas se entrecruzam nas matérias. Assim, as divisões servem apenas como recurso metodológico, não correspondendo a compartimentações exatas e definitivas.

### 3.1 Definição das categorias

O início do século XX, conforme Garb (1998), foi um período caracterizado por diferenças entre gêneros, evidenciando que a mulher seria o oposto da figura masculina,

[...] corpos modulados, ornados e adornados eram associados ao universo feminino e se apresentavam de modo absolutamente distinto do masculino, reforçando as construções contemporâneas de feminilidade. Já os corpos masculinos deveriam se diferenciar por completo de tudo que pudesse ser percebido como pertencente ao universo feminino (GARB, 1998, p. 38).

Do público masculino, era cobrado que se vestisse com discrição, e as mulheres pareciam ter o compromisso de embelezarem-se e ornamentarem-se, “era papel da mulher apresentar-se como um ‘espetáculo maravilhoso’, impecavelmente vestida e perfumada” (BAUDELAIRE, 1964, p. 73). Já Oliveira cita que a mulher era o reflexo da fortuna que o marido possuía, ou seja, ela

[...] simbolizava para o seu companheiro, rico e burguês, seu sucesso e *status* social. A extravagância de seu traje, a qualidade de seu penteado, a largura de seu leque, todos esses elementos juntos pareciam testemunhar a importância social de seu companheiro [...] (2010, p. 189).

Assim, a partir da leitura dos exemplares da seção, percebeu-se que a moda no período estudado era um importante elemento simbólico definidor dos papéis sociais e de gênero. Partindo dessa premissa, passou-se a investigar quais eram os meios pelos quais as mulheres das classes mais abastadas da sociedade utilizavam para se distinguirem socialmente em conformidade com os papéis atribuídos ao seu gênero no âmbito social e cultural. Chegou-se, assim, às cinco categorias de análise aqui propostas.

#### 3.1.1 Tecidos

Os tecidos em todo o século XIX e no início do século XX, eram tratados como símbolo de riqueza e de distinção entre classes, mesmo depois que estourou a Primeira Guerra Mundial. O que se percebeu durante a investigação foi que a metragem de tecidos diminuiu em comparação à quantidade de tecidos com que eram confeccionados os trajes femininos do período de antes da guerra. Porém, a seção *Jornal das Famílias* dava ênfase à qualidade desses

tecidos, tanto para o vestuário quanto para a decoração do lar, categorizando os tecidos *chics*, elegantes e distintos e os mais simples.

Os tecidos agregavam nota de distinção à indumentária, no traje ou na confecção dos acessórios. Era o que se referenciava na seção, pois havia tecidos de “boa qualidade”. Os mais caros e luxuosos eram destinados às classes altas e os que eram considerados mais simples, de “baixa qualidade”, para as classes com menos condições financeiras.

As evidências em determinados tecidos variavam de estação para estação, da mesma maneira que na seção eram apresentadas as vogas da moda feminina em tecidos para cada ocasião, como, por exemplo, os tecidos indicados para a confecção de trajes de *soirées*: *Cachemire da Índia*, *tafetás*, *chiffon*, *georgette crepe*, sedas, rendas e cetim; *Toilette* de recepção: cetim, sedas, rendas; *Toilette* para jantar: *tafetá*, *linon*, sedas, rendas; Traje de passeio da tarde: rendas, *tafetás*, *foulard*, *lainage*, cetim, *georgette crepe*, sedas; Traje para recepção: rendas, *setim sublime*, sedas.

As variedades de sedas eram uma das qualidades que mais se apresentavam na confecção dos modelos femininos na seção *Jornal das Famílias*, seja pela confecção do traje como um todo, associado a outro tecido ou em forma de detalhe. Segundo Hawthorne (2009), em seu livro *Por de baixo do pano*, a seda, nesse período, era um produto que estava ao alcance apenas das mulheres das classes altas da sociedade, e relatou uma entrevista que fez com uma senhora idosa, sobre as sedas nos fins do século XIX e início do século XX: “Seda era algo que só estava ao alcance da nobreza... ou então das atrizes. Minha mãe dizia que nenhuma moça de classe média bem-criada no princípio do século XX deveria querer usar roupas íntimas de seda” (HAWTHORNE, 2009, p. 63).

A qualidade e o refinamento da matéria-prima era um dos meios de distinção social entre as mulheres da elite carioca, especialmente, no que concerne às características dos tecidos e materiais utilizados na confecção dos trajes femininos e também aos ornamentos como chapéus e luvas. Na seção de 1º de janeiro de 1916 do *Jornal das Famílias*, na primeira página, com o título de *A Moda*, a crônica denota que “[...] a elegância consiste na qualidade do tecido ou na originalidade directado enfeite” (REVISTA DA SEMANA n. 47, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF). Em outro exemplar, há a opinião de uma leitora da seção relatando o seu parecer com relação à elegância:

[...] acho que a verdadeira elegância reside na escolha dos tecidos e das côres. Gósto dos que são ricos e leves, os *crépins*, os setins, as ottomanas, os *tussores* – em geral todos os tecidos de Liberty – e nunca compreendi a admiração das mulheres pelas

fazendas que semelham as das religiosas e aquelas que usam os homens (REVISTA DA SEMANA n. 36, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Há uma variedade de tecidos mencionados para a decoração do lar e para a confecção dos trajes e dos ornamentos femininos. Dentre eles estão os veludos, as sedas (musselina de seda), os linhos<sup>30</sup>, cambraias<sup>31</sup>, lãs, tules, cetins, *batista*<sup>32</sup>, *fustão*, flanela, *linon*, crepes (crepe da china), *voile*, *gaze*, *foulard*, *crepón de algodão*, filó e demais tecidos empregados nas vestimentas (Figura 23) e para a fabricação dos acessórios.

Vestidos de linho ou de *voile* poderiam variar entre 48\$000 (quarenta e oito mil contos de réis) e 58\$000 (cinquenta e oito mil contos de réis), ou vestido com dois tons de *voile* 75\$000 (setenta e cinco mil contos réis). Já um *tailleur* de gabardine forrado em *seda superior* poderia custar em torno de 220\$000 (duzentos e vinte mil contos de réis).

Tecidos como as sedas (musseline, gaze), brocados, adamascados, *shantung*, tules, veludos, gabardine, tafetás e crepe da china, considerados matéria-prima nobre, eram reservados para uma pequena parcela de mulheres das elites, evidenciados na seção *Jornal das Famílias*. Já para os trajes infantis, a seção indicava tecidos como sarja, flanela, *voile*, veludo, *seda de lavar*, crepe da china, *panno resedá*, tafetá, linho, *faille*, musseline, *nanzouk*, cambraia e rendas.

Como visto anteriormente, com relação aos valores dos trajes femininos que poderiam custar aproximadamente 220\$000 mil contos de réis, faz-se uma comparação em termos de valores a respeito de outros produtos comercializados no período como, por exemplo, um modelo de mobília *Estylo Maiple* que custava 200\$000 mil contos de réis, propaganda divulgada na revista *Fon-Fon* de 1915 (ver Figura 22). Já um modelo de calçado feminino poderia custar aproximadamente 40\$000 mil contos de réis<sup>33</sup>.

Os coletes femininos variavam entre 18\$000 e 50\$000 mil contos de réis<sup>34</sup>, conforme modelo e material confeccionado. Em se tratando da alfaiataria masculina, um modelo de traje de *Casimira casaca* com forro em seda poderia custar em torno de 400\$000 mil contos de réis<sup>35</sup>.

<sup>30</sup> “Tecido das fibras de linhaça”. Também existia outra qualidade do linho conhecido como *Lawn*, “o nome deriva da cidade francesa de Laon, um polo importante de fabricação de linho. Tipo de linho fino semelhante à cambraia” (HAWTHORNE, 2009, p. 24).

<sup>31</sup> “Um tipo de linho branco e fino fabricado originalmente na cidade de Cambrai, em Flandes” (HAWTHORNE, 2009, p. 24).

<sup>32</sup> Batista ou Batiste, “o nome do primeiro fabricante da cambraia, nascido em Cambrai” (HAWTHORNE, 2009, p. 24).

<sup>33</sup> Propaganda da *Casa da Onça*, “a mais chic! [...] Bota de chromo amarello virado de preto, com duas carcelas [...]” (*FON-FON* n. 45, 04 de novembro, 1916).

<sup>34</sup> Publicidade da *Casa Sloper* (*FON-FON* n. 28, 14 de julho 1917).

<sup>35</sup> Publicidade *A Casa Reunier* (*FON-FON* n. 39, 29 de setembro 1917).





Figura 22: Semanário Ilustrado *Fon-Fon* n. 23, Anno IX – 05 de junho 1915. Mobília *Estylo Maiple*.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Na seção *Costuras e Bordados*, a reportagem comenta sobre a moda das “roupas brancas”, que nos primeiros anos do século XX, para a confecção desse tipo de peça utilizava-se “[...] em geral batistas d’algodão finas e sedosas, que são, ao mesmo tempo, solidas e d’um preço muito rezoavel, e deixam-se para as de luxo os tecidos de linho sob a fórmula de *linon* e de batista” (REVISTA DA SEMANA n. 03, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Conforme Prado e Braga, no início do século XX, os tecidos mais utilizados para confecção de produtos de moda (vestuário e acessórios) no Brasil para o verão foram “[...] seda, tafetá, gaze, *chiffon* de seda, crepe da Índia e linho; no inverno, *shantung*, veludo, lã, brocado e adamascado” (2011, p. 62). Ainda os autores elucidam que com a fibra de algodão produzida no Brasil eram confeccionadas as roupas de baixo e as de banho e ao longo dos anos passaram a ser feitas de malha de lã. Porém, o algodão era considerado um produto de segunda linha, pois “[...] sempre era associado à indumentária das classes mais pobres” (PRADO; BRAGA, 2011, p. 62).

Na primeira página, como de costume, a moda feminina tinha seu espaço, com as últimas tendências de *Paris* em modelos de roupas, acessórios e em tecidos. Com relação aos tecidos, observam-se na reportagem *Modas* as vogas do período, indicadas para os períodos da manhã, tarde ou noite.

A moda para a primavera e para o verão proximo como que constitui-rá uma legião – a das *damas brancas*. Que tecidos, porém, serão melhores a empregar para obedecer, nas *toilettes* do dia, a esse venerado e encantador costume, mais em voga do que nunca? De manhã, o *crépon* em quadradinhos, o linho liso riscado, o *natteé ponge*, o *tussor* e o *shantung*. Os vestidos d’interior fazem-se um *crépon* de seda, em crepe, em *voile* de seda, seda ondulada, seda *créponnée*, *cajolcuse*. Para a tarde, visitas, chás,

emprega-se *linon* de linho e d'algodão, o crepe enfeitado e bordado, o crepe com risquinhas, o *linon* com bordados inglês e *à jour*, os *voiles* de riscas assetinadas, o *tussor* crépe. Para a noite, o *tulle* fantasia também com pontos abertos, o *tulle* d'Alençon de seda, o *tulle point d'esprit*, o *tulle* Malines, a *gaze brochée* o crepe de seda *givrée*, a *nacrine*. Acrescentaremos ainda: os vestidos brancos serão acompanhados de cintos de *taffetas broché* Pompadour e de fitas de velludo em tons vivos – e esta nota colorida dará um realce á *toilette* branca! (REVISTA DA SEMANA n. 33, 1916, p. [s. p.] AHR-UPF).



Figura 23: *Revista da Semana* n. 40, *Jornal das Famílias* n. 11, *Modas*, 13 de novembro de 1915. Modelos de trajés femininos com combinações entre diversos tecidos representados na seção *Jornal das Famílias*.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

No exemplar de número 27 da *Revista da Semana*, datado de 12 de agosto de 1916, na seção *Modas do Jornal das Famílias*, a reportagem reflete sobre a relevância da qualidade dos tecidos na indumentária feminina, tanto para os trajés quanto para a confecção dos adornos, intensificando o viés da distinção nesse aspecto, pois, conforme a seção, em tempos que os recursos são escassos, a elegância e a distinção preside no

[...] excesso de simplicidade. O que se deve sempre procurar é que a qualidade do tecido e córte sejam bons. Nos accessorios há um excellent papel d'elegancia. Um vestido não produzirá o resultado que se deseja se não se combina com calçado e chapéo adequado. As meias, as luvas, a carteira teem importância. Para andar na rua eis um modelo tão simples quanto *chic*: vestido de sarja azul-marinho com *bolcro*

*basques*. Estas são enfeitadas com um galão de seda, o cinto adiante e atrás é feito também com galão, mas prateado, assim como os bolsos fingidos da saia. [...] Chapelinho azul-marinho, adornado com uma phantasia marfim. [...] E também as ruches *picots* e todos os minuciosos adornos que caracterizam essas modas. [...] O crepe, *taffetas*, batista *pongé*, a seda *damassée*, os enfeites com rendas musselinas de seda, ruches, etc., que surgem quando a saia fluctua ao caminhar estão em rigor da moda (REVISTA DA SEMANA n. 27, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

No exemplo seguinte, a seção apresenta alguns modelos de chapéus e de vestidos, descrevendo a relação dos tecidos, dos aviamentos e dos materiais utilizados na confecção de cada traje e ornamento que podem ser vistos na Figura 24. O exemplo da descrição abaixo, e a ilustração de modas, está presente em todos os exemplares de 1915 a 1918, conforme o recorte analisado.

No. 1 - Copa em palha preta, aba em seda branca, coberta com fitas pretas. No. 2 - Palha preta de tagal, pluma cinzenta. No. 3 - Toque em palha azul com borda em veludo azul ruchido. No. 4 - toque em palha grossa cinzenta escura e branca, guarnecida com duas azas cinzentas. No. 5 - Déshabillé: em setim preto, apertado na cintura por uma larga fita de ouro. Uma echarpe de filó preto, terminada por uma carreira de vidrilhos pretos, é colocada a direito na frente e sobe nas costas em caracol. No. 6 - Vestido em gaze preta, forrado de seda branca e nobreza preta, bordada com vidrilhos brancos e pretos. No. 7 - Vestido em gaze pompadour azul claro e rosinhas, forrado de seda branca (REVISTA DA SEMANA n. 21, 1918, p. [s. p.] – ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL).



Figura 24: *Revista da Semana* n.21, *Chapeus e Vestidos – Ultimos Modelos*, 29 de junho de 1918. Modelos de chapéus e trajés femininos na seção *Jornal das Famílias*.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Quando se fala em tecidos, deve-se pensar nos vários tipos de qualidades (opções) que cada tecido apresenta, isto é, a exemplo do linho, esse tipo de matéria-prima pode ser combinada a outras e formar uma variação com outro tipo de caimento, textura e aparência. Pezzolo explica essa questão, pois

[...] as variedades de tecidos são extremamente numerosas. Seus nomes correspondem, em princípio, à natureza da fibra têxtil utilizada (lã, seda, viscose, poliéster,...) e ao tipo de tecelagem, isto é, de ligamento (sistema de entrelaçamento dos fios do urdume e da trama) (2007, p. 22).

Essa informação com relação às “naturezas” dos tecidos torna-se relevante no processo de análise, pois, no decorrer da investigação na seção *Jornal das Famílias*, inúmeros tecidos eram mencionados para a confecção dos trajés e acessórios, podendo a mesma fibra apresentar

versões em tecidos mais caros, para trajes luxuosos, e mais em conta, para as classes com menos condições financeiras.

Em vista disso, a qualidade dos tecidos era relevante na construção de um modelo feminino das elites, uma vez que essa característica construir-se-ia tanto na indumentária, quanto nos acessórios utilizados pelas mulheres para a formação desse “ideal de requinte”, em se tratando da confecção desses produtos.

### 3.1.2 Indumentária e ornamentos

No decorrer da investigação, percebeu-se que a indumentária e os ornamentos eram difundidos pela seção *Jornal das Famílias* como instrumentos de distinção entre classes sociais, afinal, a seção alimentava a constante renovação da moda em se tratando do vestuário, acessórios, comportamentos, decoração para o lar, dentre outros, incentivando a preocupação das classes mais abastadas em consumir os últimos lançamentos da estação.

A moda não está delimitada apenas aos tecidos para cobrir o corpo, mas abrange ornamentos como bolsas, chapéus, calçados, formando um sistema de signos, aliando o prazer de ver e ser visto em sociedade. Segundo o dicionário de terminologia do vestuário, a definição de “indumentária” corresponde a “1- A arte do vestuário. 2- História do vestuário e o uso do traje em relação às épocas ou povos. 3- Traje, vestuário” (ANHESINI; QUEIROZ, 1996, p. 55). Já “ornamento” significa enfeite, adorno.

Sendo assim, a moda que norteava os usos e costumes do período, dizia respeito à utilização da vestimenta juntamente com os ornamentos, como um hábito, como um comportamento da época em que há normas de condutas sociais que determinam o *trajo* a ser usado em locais específicos e ocasiões como passeios, visitas, recepções, teatros, bailes, chás e para o lar. Por exemplo, “para estar em casa, nada mais distinto que a blusa d’uma só côr, mas por debaixo do casaco *tailleur é pschutt* a nota clara d’uma gola ou d’um collete de batista branca” (REVISTA DA SEMANA n. 47, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Com relação aos acessórios, as luvas complementavam o vestuário. A seção divulgava que esse era um complemento que não deveria faltar a uma mulher “considerada” elegante e *chic* em determinadas ocasiões.

Algumas senhoras – e não é caso para se lhes dar os parabens, parecem querer imitar as argentinas – intentam a abolição das luvas, e preferem apresentar-se nos theatros com as mãos e braços a descoberto, mostrando valiosas joias. Mas essa tentativa tem fatalmente de se mallograr, porque precisamente as luvas são o complemento



indispensável d'uma *toilette*. Não se concebe uma senhora elegante se não se calça bem e não tem luvas bonitas (REVISTA DA SEMANA n. 45, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Prado e Braga colocam em evidência os “rituais” da indumentária na perspectiva da Igreja Católica, pois o luto, nesse período, era regrado por meio de “regras e bons costumes” (2011, p. 36). Nesse sentido, livros de etiqueta como o de Carmen D’Ávila, reeditado inúmeras vezes no início do século XX, explicitam as normas a serem seguidas pela sociedade, que,

[...] em todas as eras da nossa história encontra-se, como prova de respeito religioso, o cuidado esmerado das *toilettes* com que se vai às igrejas [...] O vestuário de cor preta para as cerimônias da Semana Santa é uma bela tradição, mas para a Sexta-Feira de Paixão é de rigor para os católicos (PRADO; BRAGA, 2011, p. 37).

Já, com relação aos acessórios, conforme o manual, não se devia entrar no confessionário com luvas e nem comungar vestindo-as, porém elas eram “indispensáveis” como instrumento de distinção social usadas fora do lar, como, por exemplo, em teatros, igrejas, visitas e também em passeios (NABUCO, 2000). Quanto aos trajes, conforme o clássico manual de boas maneiras de Carmen D’Ávila, era proibido comungar com a vestimenta decotada com mais de “quatro dedos abaixo da garganta” (1956), e as senhoras só poderiam entrar na igreja com um véu sobre a cabeça. O livro de etiqueta informava ainda que a igreja condenava os trajes com decotes “ousados”<sup>36</sup>, as transparências, os comprimentos das saias e mangas.

Os acessórios como, por exemplo, os chapéus, as sombrinhas, as luvas, os calçados, dentre outros, seriam “essenciais” como o penteado na composição da aparência. Tais elementos eram combinados com a roupa, sendo definidos para serem usados pela manhã, tarde ou à noite.

De manhã usa-se, em geral, *canotiers* de palha *tilieul* ou de palha preta brilhante, aba pequena, copa alta, e uma rosa com o centro escuro, posta ao lado, ou então em setim e palha com penas brancas. À tarde, esse mesmo chapéu adquire maiores proporções, por ser de palha fina ou de veludo preto, com aba forrada de gaze branca. Para visitas pode-se usar um chapéu que tem um certo *cachet*: a *capeline* de Chantilly com um laço de côr viva, o *plateau roulé* de tulle com flôres ou um tricórnio muito pequeno (REVISTA DA SEMANA n. 51, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Prado e Braga reforçam que, além do vestuário, os acessórios femininos também eram considerados relevantes na construção do modelo feminino elitista, como “[...] os broches (o camafeu era muito apreciado), os colares e os brincos; o leque, a bolsa e, sempre, os

<sup>36</sup>Decotes que a Igreja católica e a sociedade consideravam inapropriados para o uso.

indefectíveis chapéus ostensivamente ornados, com arranjos florais, laços e plumas [...]” (2011, p. 63).

Outro exemplo sobre a questão das “normas” em relação ao vestuário e aos enfeites é percebido na reportagem de 05 de janeiro de 1918, na qual o cronista salienta a importância de as mulheres saberem quais os trajes e as combinações de ornamentos corretas para cada ocasião, o que seria pertinente antes mesmo de saber vestir-se, pois mesmo que uma mulher tenha “bom gosto” para a moda

se o seu vestuário não fôr apropriado á circunstancia ou ao meio em que se acha esse vestuário deoará e quem o usar não poderá ser considerado um verdadeiro elegante. É inútil lembrar que num enterro, por exemplo, é preciso estar vestido de preto ou pelo menos de côr de cinza bem escuro, em falta do preto; em geral faz-se isso, mas tem-se visto muitas vezes senhoras esquecerem se de tirar do chapeo uma flor vermelha ou uma pluma de côr viva dando assim uma nota de mau gosto. E’ tambem costume usar um vestido preto ou muito escuro quando se faz uma visita de pezames, mas quando se está de luto e que se é obrigado a assistir a um casamento deve-se, pelo contrario, para não pôr uma nota triste na festa, aliviar o luto o mais possivel, retomando-o no dia seguinte. E’ de muito máo effeito num dia de máo tempo usar uma toilette muito clara ou fóra da estação. E’ preferivel renunciar a pôr um vestido novo que se tenha preparado para uma determinada occasião, a usa-lo com um tempo em que elle se tornaria ridiculo. A oportunidade é essencial em todas as cousas e é necessário observá-la rigorosamente. Por exemplo, não se deve usar na rua um vestido que é destinado a passeio de carro; não será de bom gosto usar de manhã uma toilette propria para a noite. Não é de bom tom pôr uma toilette de cerimonia quando uma senhora tem para jantar apenas alguns amigos intimos de seu marido; e uma dona de casa, por mais elegante que seja, deve usar sempre uma toilette simples em casa quando recebe as suas amigas para não parecer que as quer offuscar. Se, pelo contrario, for convidada, manda a delicadeza que se use a toilette mais requintada possivel. E’ preciso ter sempre em conta o meio e as pessoas com quem se está em contracto. No campo deve haver mais simplicidade do que na cidade e no verão poderá abandonar-se toda a complicação de toilettes e, naturalmente, em familia, não houverá as mesmas exigencias que em sociedade. Deve se evitar sempre uma toilette muito vistosa ou muito rica quando se está na intimidade. Nunca se deve tornar saliente por uma toilette exagerada nem num sentido nem no outro; deve-se saber escolher o que convém ao nosso typo e á nossa idade e usar com arte dos mil recursos que a moda de hoje põe ao nosso pispor, mas não abusar. De resto, para não sahir da verdadeira elegancia convirá nada exagerar da moda e seguir os conselhos de uma boa modista (REVISTA DA SEMANA n. 48, 1918, p. [s. p.] – ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL).

Como se pode observar, os acessórios eram um componente essencial na composição da indumentária. Na matéria *Modas* da seção *Jornal das Famílias*, essa relação explicita-se, uma vez que é informando a maneira como a sombrinha faz parte dessa ligação. É um objeto “indispensável” para as senhoras, pois ela além de ser utilizada como proteção solar era “[...] uma companheira e além d’isso um objeto util e de luxo, o que aumenta extraordinariamente a sua importância” (REVISTA DA SEMANA n. 48, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF), complementando o vestuário feminino.

Pode-se citar também os leques, as bengalas, os calçados, os lenços, as bolsas, as peles, os véus e os chapéus (Figura 25). Esse último, um dos elementos que mais representa o meio de distinção social tanto na *Revista da Semana* quanto na seção *Jornal das Famílias*.

A's amáveis leitoras recommendamos uns modelos distinctísimos de chapéus, recentemente apparecidos, e que ficam bem – coisa rara – a quasi todas as physionomias. São os d'abas transparentes cobertas de tulle côr de carne, a copa de velludo preto e dois grandes laços tambem de velludo, tendo como guarnição rosas encarnadas de diferentes *nuances* (REVISTA DA SEMANA n. 01, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).



Figura 25: *Revista da Semana* n. 26, *Jornal das Famílias* n. 96, *Modas*, 04 de agosto 1917. Ilustração com modelos de trajes e acessórios para o público feminino.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Prado e Braga confirmam esses posicionamentos da seção afirmando que a sombrinha é como um acessório “indispensável” para a indumentária e que poderia ser de “luxo”. Segundo os autores, no início do século XX, as sombrinhas “[...] longas fizeram grande sucesso, com

cabos decorados [...] Confeccionadas em tecidos finos, como seda (branca, colorida ou preta), eram decoradas com pinturas [...] ou bordadas com motivos florais” (PRADO; BRAGA, 2011, p. 65).

No exemplar de 23 de fevereiro de 1918 a seção divulgava uma reportagem em que discutia em quê consistia a verdadeira elegância feminina, pois, apesar de a moda se desenvolver “lentamente”, o seu processo era contínuo, então,

[...] o segredo da verdadeira elegância consiste em saber o vestido e o chapeo que poderão ainda parecer bonitos seis mezes mais tarde, porque são harmoniosos. Algumas senhoras, muito bem vestidas, parecem estar sempre vestidas da mesma maneira, porque, tendo escolhido o genero que lhes fica bem, ellas adaptam a Moda ao se physico, em logar de experimentarem modificar este segundo as exigencias da Moda (REVISTA DA SEMANA n. 03, 1918, p. [s. p.] – ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL).

Já na reportagem *Modas*, o cronista reflete quanto ao uso da moda pelas elites como forma de se distinguir socialmente. A preocupação com as criações às quais a seção se refere é o cuidado que se tem com as modas que são lançadas, pois se trata da beleza feminina e da elegância. Logo, como se pode ver na reportagem de 11 de novembro de 1916, as tendências de moda lançadas na revista são recebidas com entusiasmo, e os que criam as Modas,

[...] cada qual preocupa-se bastante com ella porque se trata nada menos que distinguir, através as tentativas e as indecisões insuperaveis d’uma criação tão capital, qual o delineamento da elegancia futura, o desenho d’essa belleza feminina a que os homens, e mesmo as mulheres, ligam tanta importância (REVISTA DA SEMANA n. 40, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Oliveira esclarece que as fotografias tiradas em eventos que agrupam as elites, como os “instantâneos” da sociedade, apontam que o vestuário e os acessórios utilizados na rua estariam envoltos por “símbolos expressivos”, que pela ocasião “[...] subvertiam o anonimato. Pois, por mais que sugerissem não querer ser notados, era fundamental para os retratados revelarem aos demais sua condição social” (2010, p. 182-183). Assim, em uma sociedade em que a cultura das aparências prevalecia, o processo de identificação na escala da sociedade encontrava-se no vestuário bem como nos ornamentos, já que a cidade do Rio de Janeiro era um desfile de modas e classes.

Da mesma forma em que os acessórios eram relevantes no processo de construção da imagem de uma mulher da elite, os penteados também faziam parte desse “conjunto”, como complemento de uma *toilette*. Como as tendências de vestuário eram lançadas para cada

estação, os penteados nas primeiras décadas do século XX foram adquirindo cada vez mais espaço nas tendências de moda. Portanto, a seção divulgava as últimas modas em penteados para cada estação.

A maneira que se observa nas *toilettes* femininas uma evolução para a sua maior simplicidade, o penteado vai adquirindo mais importância e despertando entre as elegantes o máximo interesse. D'ahí o apresentar-se *bien coifée*, nunca desprezando o lado artístico, é hoje mais necessário do que nunca e o aspecto de uma dama *chic* ganhará mais pelo cuidadoso e inteligente arranjo do cabelo que pelo luxo ou pela confecção do traje. E é d'um efeito surpreendente uma cabeça bem penteada contrastando com a simplicidade dos vestidos (REVISTA DA SEMANA n. 01, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Nesse sentido, a avaliação que se faz a partir da análise da indumentária, é que ela reflete o comportamento do período, uma vez que, após a reestruturação das cidades, com a construção dos *Bulevares* e lojas luxuosas, a mulher passa a ter mais acesso à rua. Em decorrência disso, um dos hábitos que se intensificou foi o de que em determinados locais, lugares, ocasiões e eventos “exigiam-se” certos vestuários. Essa relação se clarifica na questão da indumentária no que diz respeito ao costume do traje, ou seja, a utilização do vestuário e dos ornamentos “adequados” para cada local e ocasião específica.

### 3.1.3 Detalhes

A escolha dos “Detalhes”, como parte das categorias de análise, explica-se pela relevância que a seção *Jornal das Famílias* dá aos pequenos detalhes como toques de distinção para o vestuário e os acessórios femininos. Um chapéu, por exemplo, com detalhes em certo tipo de pena, pois apresenta uma nota de distinção ao traje; a combinação entre dois tipos de tecidos com cinto em veludo com flores em fitas e chapéu combinados com os detalhes do cinto, ou então, vestidos enfeitados em *soutache*, fitas em cetim e botões em voga na época.

É essa a ideia que a seção destacava como sendo “notas de distinção” e bom gosto. Os detalhes tinham lugar de destaque no “conjunto da obra” sendo elementos de distinção social pelas minúcias que estavam em evidência no momento e pela originalidade desses na composição da imagem, que, via de regra, transparecia na hierarquia social. A seção *Costuras e Bordados* de 11 de dezembro de 1915 destacava a relevância do bordado nas roupas que podem ser verificados na Figura 26.



A arte de bordar está actualmente, [...], tomando um enorme desenvolvimento, isto é, a moda é toda a roupa de senhora, de quarto, de mesa, ser bordada, mas com o maximo primor.

Constitue um novo luxo e assim as que trabalham bem fazem-se pagar muito caro, e não teem tempo para attender as constantes encommendas que lhes chegam.

Enxovaes de noivas, de crianças, expõem-se nas vitrines dos mais afamados armazens de Paris, e com as riquissimas rendas que emmolduram, attingem preços que parecem fabulosos (REVISTA DA SEMANA n. 35, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).



Figura 26: Revista da Semana n. 44, Jornal das Famílias, n. 15, Costuras e Bordados, 11 de dezembro 1915. Trajes de dormir feminino bordados à mão.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Segundo Hawthorne, era de costume no início do século XX o contraste entre acabamentos e tecidos, pois era “[...] uma característica comum na maior parte das roupas [...] É frequente vermos peças de lã ou seda fina arrematadas com tranças e rendas volumosas ou bordados em alto-relevo” (2009, p. 64). Ainda no que diz respeito aos bordados, a seção

enfaticava que a distinção residia na delicadeza dos bordados a mão, desconsiderando e definindo como “não distintos” os bordados à máquina.

Enxovais completos, todos feitos á mão, porque se consideram não distintos os bordados á machina, véos de noiva, um vestido todo em renda para Sua Magestade a Rainha, emfim tudo o que essa arte tão linda inventou, alli se apresenta em deliciosa phantasia, n’um verdadeiro sonho... (REVISTA DA SEMANA n. 37, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Quando se fala na atenção que se confere aos detalhes, na composição da vestimenta, levando em consideração o período analisado, não são apenas os bordados que exerciam um toque de distinção à indumentária. Os aviamentos também possuíam esse papel, tais como as fitas em seda, em veludo, as rendas, plumas, penas, galões, lantejoulas, *soutache* de seda, botões, enfim, materiais considerados pela seção da mais “rica” matéria-prima para adornar o vestuário e os acessórios.

Estão actualmente muito em voga os laços elegantes e cintos largos e estreitos de variadas cores [...]  
Um bonito vestido de baile é o enfeitado a fitas com lantejoulas prateadas, podendo-as collocar nas costas e na cintura. Com fitas de *moirée*, *faille* e escocesas e tulle, de côres mui vivas, fazem-se vestidos inteiros, ou com as de velludo preto e outras côres sendo muito largas (REVISTA DA SEMANA n. 03, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

A seção dá atenção ainda aos diferentes tipos de golas e de decotes, punhos, mangas, babados, detalhes em tecidos, recortes, franzidos, drapeados, pregas, cintos, entre outros, pois “as gollas é uma das modas que d maior distincção a um vestido” (REVISTA DA SEMANA n. 04, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF). Na Figura 27, podem ser vistas as variações de modelos de golas e blusas que são detalhadas pela seção com relação aos aviamentos e tecidos utilizados.



Figura 27: Revista da Semana n. 34, Jornal das Famílias, n. 05, A Moda, 02 de outubro 1915. Ilustração com modelos de blusas e golas.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

A seção *Jornal das Famílias* expressa em seus exemplares a relevância dos detalhes na indumentária, demonstrando que esse item é um fator importante na composição do vestuário feminino das elites. Aviamentos e materiais diferenciados para o período, como, por exemplo, fitas, gregas, rendas finas, peles, penas, golas, mangas, podem contribuir para a nota da distinção.

A prática dos bordados era considerada como essencialmente feminina, muito embora existissem profissionais que executassem esse trabalho primoroso. Os bordados eram ensinados nas escolas elitistas para meninas, pois desde a infância elas deveriam aprender as habilidades da culinária, costuras e bordados.

A seção *Jornal das Famílias* dispunha não só de uma matéria sobre bordados, mas, muitas vezes, em um único exemplar, existiam duas ou três matérias, envolvendo desde vestuário até a decoração do lar. Os bordados estavam em quase toda a decoração da casa e muitas vezes no vestuário, como nos lenços, sacos de mão, almofadas, toalhas, cortinas, guardanapos, abajures, lençóis, tapetes, coberturas para piano, e muitos outros artefatos do lar,



trajes e ornamentos (ver Figura 28). Contudo, na análise, somente os artigos de vestuário e os acessórios femininos foram levados em consideração, não inserindo os artigos de decoração.

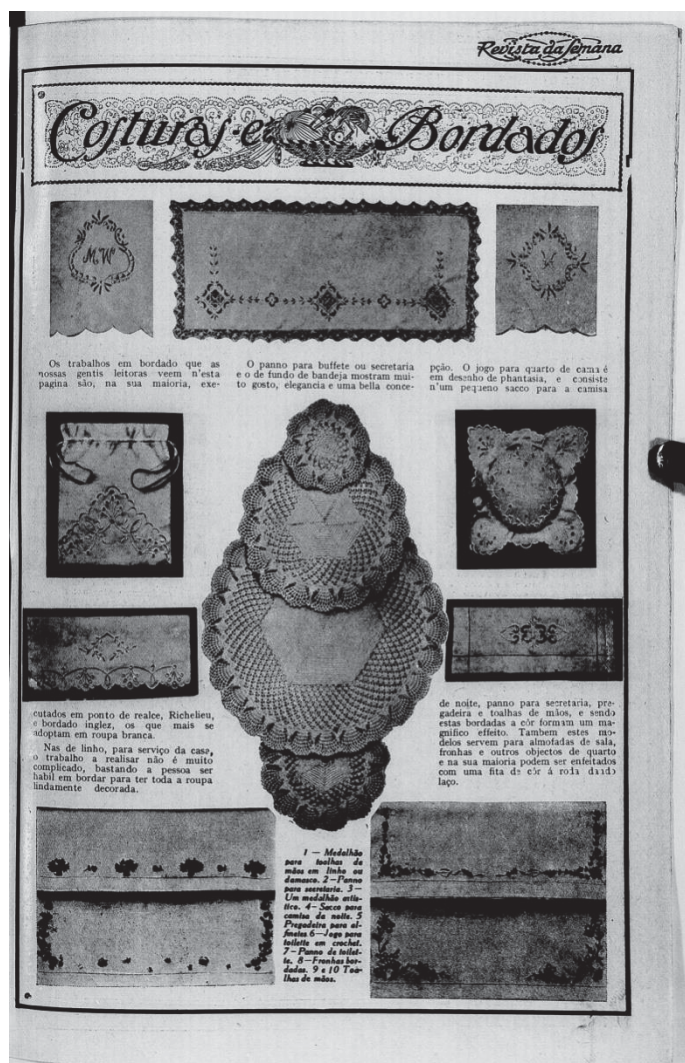


Figura 28: *Revista da Semana* n. 33, Anno XVI, seção *Jornal das Famílias, Costuras e Bordados*, 25 de setembro 1915. Acessórios e artigos de decoração para o lar bordados.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Na seção *Costuras e Bordados* e em outras reportagens divulgadas no *Jornal das Famílias*, ensinava-se uma variedade de pontos em bordados e rendas para serem aplicados em vestuários, em acessórios e nos artigos de decoração para o lar. Esse espaço também proporcionava dicas de moda utilizando os bordados. Na reportagem de 30 de outubro de 1915, a seção tratou sobre as rendas e a sua adequação a certos tipos de tecidos e um pouco da história que se refere a elas:

[...] as rendas parisienses, [...] as *malinês* teem por centro de produção na França, a região entre Malines, Anvers e Louvain. E' uma renda muito leve, flexível, em lindas malhinhas transparentes e regulares. Não ha nenhuma que se case tão bem como a gaze, a musselina, e são deliciosas ageitadas ao penteado, e nossas avós bem sabiam quanto ellas lhes realçavam o rosto, apesar dos seus cabellos brancos.

As de *Lille* e d'*Arras* são do mesmo genero.

As mais afamadas rendas de linho, as que mais se procuram, são as de *Bruxellas*, onde se empregava numeroso pessoal.

O *ponto d'Ingraterra* não passa d'uma imitação das rendas flamengas e do *ponto de Bruxellas*. [...]

A *Valenciennes* é uma malha muito regular, muito transparente. A maneira como o *ponto* é cruzado da-lhe um grande solidez.

O *ponto d'Alençon*, ou antes o *ponto de Veneza*, foi introduzido em França por uma dama Gilbert d'Alençon, a quem Colbert adiantou 150.000 francos afim d'esta montar na sua terra natal uma fabrica de rendas.

O fundo e o bordado d'esta renda são feitos á agulha (REVISTA DA SEMANA n. 38, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

O *Ponto Veneza*, conforme a seção *Jornal das Famílias*, constituía o “luxo” das rendas, “a Veneza das rendas” (REVISTA DA SEMANA n. 42, 1915 - AHR-UPF), existindo outras qualidades dessa mesma renda, porém com denominações diferenciadas, como, por exemplo, “[...] Alençon! Malines! Bruxellas! Bruges! Binche! Chantilly!...[...]” (REVISTA DA SEMANA n. 42, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF). O *Ponto Veneza* era considerado de “bom gosto”, um dos que mais se destacava, “um dos mais gloriosos” (REVISTA DA SEMANA n. 42, 1915 - AHR-UPF). A caracterização desse ponto

[...] é o ornamento cheio e o relevo, flores phantasticas, sahindo de folhagens elegantes, que as reteem por *brides*.

E' d'uma perfeita elegância, d'um estylo preciso, d'uma sumptuosidade d'alto gosto, e pode-se classificar ao lado dos marfins japonezes de baixo-relevo, porque é a mesma sensação de paciência artistica, de delicadeza, e d'extrenso efeito decorativo que sofremos ao vel-o.

O *ponto de Veneza* ainda se faz á agulha, e n'isso consiste todo o seu valor. Direitos consideraveis avolumavam outr'ora extraordinariamente o seu preço (REVISTA DA SEMANA n. 42, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Os “detalhes” evidenciados nos bordados, nas rendas, em tecidos e aviamentos, em outros tipos de adornos e componentes que “enriquecem” os trajés e os acessórios femininos das classes mais abastadas, agregam valor ao vestuário, visto que a seção incentivava uma moda “simples e elegante”, porém, composta de muitos detalhes que no início do século XX para a moda feminina era um aspecto de distinção. Em uma reportagem da seção, eram descritos em minúcias os detalhes de um *leque de tule* (ver Figura 29) que,



[...] este gracioso e elegante trabalho executa-se sobre uma musseline muito fina e transparente. As corôas são feitas com fitas de seda dos dois lados pondo-se em tom mais claro, sendo o tecido duplo e a parte de cima em tulle bordado em bolinhas. O resto do bordado é sobre tecido simples e a bordado inglês, e as bolinhas a ponto real (REVISTA DA SEMANA n. 42, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

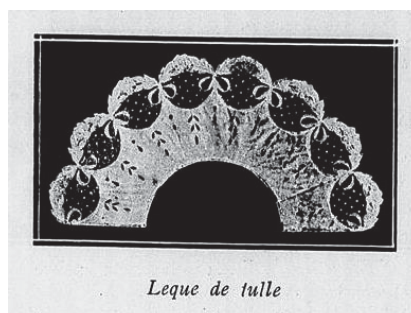


Figura 29: *Revista da Semana* n. 42, Anno XVI, seção *Jornal das Famílias* n. 13, *Costuras e Bordados*, 27 de novembro 1915. Leque de tulle.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

No que se refere à distinção de gênero, os enfeites reforçam o feminino, pois a indumentária masculina nesse período se apresentava em cores e modelagens mais sóbrias sem a adição de muitos detalhes. Nos trajes masculinos, o que prevalecia era a qualidade dos tecidos. Os modelos de trajes não eram tão variantes quanto as tendências da moda feminina. Além disso, o bordado era, como já visto, uma atividade essencialmente feminina. Mesmo as mulheres de elite tinham o bordado não como um trabalho, mas como lazer, ou mesmo usufruto do ócio. O tempo disponibilizado para a confecção de um “rico bordado” denunciava o “tempo livre” necessário para fazê-lo, sendo este [tempo] limitado às camadas mais abastadas da sociedade.

### 3.1.4 Corpo e beleza

Os cuidados com o corpo e beleza de modo geral estão definidos a partir da temática da higiene, correspondendo às preocupações da mulher para preservar a mocidade, que, na época, era uma cultura pregada pelas mães desde a infância às filhas. As senhoras acreditavam que, com o cuidado frequente, a começar na meninice, conservariam a juventude em seus traços por mais tempo recorrendo a alguns cuidados especiais.

Recommendamos especialmente esta maneira de limpar a pelle ás meninas, porque tem muita influencia na conservação da mocidade e beleza da cutis. E as que attenderem este conselho pratico durante anos apresentar-se-hão sem precisarem recorrer a artificios de ‘toilettes’. O avelludado da juventude, que é tão formoso, uma vez perdido, não mais se recupera (REVISTA DA SEMANA n. 52, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Os cuidados com o corpo e com a beleza desde a infância podem ser observados na seção em várias reportagens que ensinam às mães métodos de embelezamento e higienização que devem ser seguidos diariamente pelos filhos. Além disso, a seção *Jornal das Famílias* apresentava também inúmeras matérias de receitas para produtos de higiene e beleza e os cuidados para “aformosear” a pele, os cabelos, os dentes.

Esse comportamento qualificar-se-ia como um elemento de distinção entre as classes sociais, contribuindo na construção do arquétipo do *chic*, pois a beleza fazia parte do “conjunto” na construção da imagem das mulheres das classes mais abastadas, diferenciando-as daquelas que não tinham tempo nem capital para tal. Segundo a seção, esses cuidados com a aparência “declarariam” a condição social de uma mulher como, por exemplo, *Os cuidados com as mãos*, citados no trecho seguinte.

Uma mão bonita é um privilegio da natureza, e bastante raro, e não ha nenhuma senhora que não a deseje ter. A delicada, de dedos afilados e unhas rosadas, mostra a condição social, e vale a pena entregar-se durante o dia por algum tempo a essa tarefa afim de o conseguir (REVISTA DA SEMANA n. 06, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

No início do século XX, Meyrer e Gevehr relatam a preocupação constante com um corpo higiênico e saudável em que as internas dos colégios e internatos destinados para as classes mais abastadas eram influenciadas, uma vez que essa era uma prática essencialmente das elites:

[...] a aparência de um corpo higiênico e saudável era reforçada pelo cuidado com o vestuário, impecavelmente limpo e bem cuidado. A extensa lista de enxoval das internas, [...], mostra-nos a atenção dada pela escola a esse aspecto, principalmente em relação às peças íntimas, as quais eram exigidas em grande quantidade (MEYRER; GEVEHR, 2014, p. 91).

Os autores ainda aludem à “preocupação com o corpo e com a sexualidade sadia” (MEYRER; GEVEHR, 2014, p. 90), que passou a ser uma atividade que se desenvolveu na “[...] higienização da sociedade no mundo ocidental, o qual visava, [...], à produção de um corpo social sadio e disciplinado. Nesse sentido, os colégios, especialmente os internatos, tiveram um importante papel na transmissão desses ideais higiênicos” (MEYRER; GEVEHR, 2014, p. 90).

Segundo Prado e Braga, a brancura da pele era tão almejada que as moças e os rapazes das classes mais abastadas “[...] deveriam evitar sair em horários de sol forte, alguns chegavam a tomar vinagre pela manhã, acreditando que, com isso, poderiam conferir ‘um efeito esverdeado e musgoso à cútis’” (2011, p. 65). Tal aparência era sinônimo de distinção social, visto que as peles “tostadas” não eram admiradas (NABUCO, 2000). A “pele de leite” foi uma característica reconhecida como distinta durante o século XIX e, no início do século XX, a pele rosada era mais apreciada pelas mulheres (FEIJÃO, 2011).

A preocupação com a beleza para as mulheres das elites era um atributo de valor, visto que era uma prática seguida entre elas juntamente com o vestuário e adornos e que merecia destaque na sociedade. Essa dedicação iniciava-se na infância, principalmente com as meninas. As mães tinham a responsabilidade de ensinar as práticas que deveriam ser seguidas na sua vivência feminina.

Em nove casos de cada dez a fealdade dos traços physionomicos que priva da belleza o rosto d’algumas pessoas não é culpa da natureza, mas sim devido á falta de cuidado. Se todas as mães tivessem o sufficiente espirito de observação, tempo e paciencia para seguirem passo a passo o desenvolvimento do rosto dos filhos e para corrigirem as deformidades quando principiam a apparecer, no mundo haveria poucos feios e feias. Olhe-se para o nariz, que tanto influe na belleza e na expressão da mascara. E’ umas das partes mais plasticas do corpo e tem uma facilidade extraordinaria para se adaptar á fórma que lhe quizerem dar; e se tal acontece na idade adulta com muito mais razão se póde dar-lhe na infância aquella que se preferir (REVISTA DA SEMANA n. 16, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Os exercícios físicos também eram uma forma de trazer benefícios à saúde, contribuindo para o melhoramento e para a conservação da beleza, pois, segundo a seção, era uma prática que deveria ser seguida desde a infância, quando o corpo está em pleno desenvolvimento, até a idade adulta. Assim, a seção enfatiza na reportagem de título *Utilidade no exercicio físico* de 02 de junho de 1917 que,

[...] o exercicio physico é uma condição essencial da saúde, é ao mesmo tempo o estimulante e o reguladora vida organica. [...] Contribue [...] para a belleza dos individuos e das raças, dando-lhes uma estructura elegante, um andar firme, e graça aos movimentos e ás atitudes (REVISTA DA SEMANA n. 17, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

A seção oferecia ainda receitas de beleza para as suas leitoras, como na reportagem *Conselhos praticos* de 18 de agosto de 1917, que trazia receitas de produtos de beleza e

remédios caseiros como, *vinagre de toilette*, *vinagre de bully*<sup>37</sup>, *crème de beleza* e *brilhantina*<sup>38</sup> (REVISTA DA SEMANA n. 28, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Os cuidados com os cabelos também eram apreciados no período, o que pode se verificar no exemplar de 29 de dezembro de 1917 o qual apresenta uma reportagem de titulação *Maneira simples de tingir os cabelos*, para as senhoras que queriam disfarçar os fios brancos. A revista prescrevia então: “quando os cabellos castanhos começam a ficar grisalhos, molham-se com uma escova embebida em tintura de chá preto muito forte todas as manhãs e à noite [...]” (REVISTA DA SEMANA n. 47, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Na reportagem que se segue, há um relato sobre as transformações que o espartilho sofreu, devido aos inconvenientes causados por essa peça. Todavia, não foi “abolido” pelos inconvenientes que causava e sim reestruturado, com materiais mais maleáveis e formas mais confortáveis. Essas transformações da “nova estética” são explicitadas na crônica de 18 de dezembro de 1915, uma nova forma de beleza moldada pelos *corsets*.

Os novos espartilhos, como que acompanhando o enorme clamor que de ha muito os medicos levantaram contra elles em nome de hygiene e da belleza das linhas, como que entraram n'um leve accordo, e assim os actuaes teem a enorme vantagem de fazerem pouca pressão na cintura, embora sejam mais altos que os modelos anteriores. [...]

A actual mulher *chic* nunca se desprende do seu espartilho, embora o corpo ficasse mais á vontade, mas o que se serve é d'um que seja flexivel, que tenha bastante elasticidade (REVISTA DA SEMANA n. 45, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

As questões de higiene eram abordadas com intensidade, tanto no que diz respeito às questões da saúde, quanto como nos cuidados com a beleza, mas esse último era evidenciado no cultivado diário e “rigoroso” da aparência, que compreendia passeios ao ar livre, o uso de produtos de beleza, podendo fazê-los no lar para o tratamento da pele e dos cabelos, por exemplo. Assim, essa categoria reflete um hábito entre as mulheres das classes mais abastadas na cidade do Rio de Janeiro, que compreende a conservação da “formosura”, considerada uma qualidade relevante para conquistar um “bom partido” e ascensão social.

<sup>37</sup> Ele ajuda a reduzir a febre, alivia dores de cabeça, alivia dores musculares, ajuda a aliviar coceira de picadas, ideal para aliviar ondas de calor causadas pela menopausa, útil em lavagens íntimas (Tradução nossa (BOTICA DE LA NATURALEZA, s. d.).

<sup>38</sup> Cosmético utilizado para modelar o cabelo.

### 3.1.5 Sociabilidade, educação e comportamento social

Para explicar o porquê de esses três elementos “Sociabilidade, Educação<sup>39</sup> e Comportamento Social” terem sido reunidos em uma categoria, torna-se necessário saber-se a definição e a contextualização de cada um para se entender de que maneira eles se relacionam nesta análise. O termo “sociabilidade” é definido como o “caráter daquele que gosta de viver em sociedade com os outros, ou aptidão a viver em sociedade. Em filosofia, caráter próprio do homem, o que faz com que este viva naturalmente em sociedade [...]” (DUROZOI; ROUSSEL, 2005, p. 440).

As “vivências” e as relações sociais no início do século XX eram bastante consideradas, já que, com a reestruturação das cidades e do perímetro urbano, os passeios, bailes, chás, eventos de caridade, dentre outros, eram uma forma de socialização entre classes sociais. O aumento dos espaços e das redes de sociabilidade levaram à necessidade de um preparo específico para as novas atividades, passando, essa preparação, a integrar a educação formal e informal das “moças das boas famílias”.

Já a palavra “educação” consiste em civilidade, polidez, sendo que, para esta análise, se relaciona aos manuais de boas-maneiras, aos protocolos que “devem” ser seguidos conforme as regras da “boa educação”. Isso porque, para o período, além da educação letrada, as mulheres das elites se destacavam pela educação que recebiam e demonstravam na forma de andar, na maneira de conversar com as pessoas.

Essa polidez se refletia também na escolha do vestuário e da ornamentação, para que a educação, além de ser percebida através do “portar-se”, fosse demonstrada por meio das roupas. Aprender a se vestir adequadamente, assim como comportar-se em lugares públicos, fazia parte da educação feminina.

A expressão “comportamento social” significa a interação com outros indivíduos, uma forma de comunicação em sociedade, afinal essas condutas sociais fazem parte do que se relaciona com as formas de agir de um indivíduo ante a sociedade, pois se está sujeito a julgamentos baseados em padrões estabelecidos pela sociedade vigente.

Então, esse termo foi escolhido para explicitar quais comportamentos eram desejáveis às mulheres das classes abastadas. Elas deveriam evitar condutas consideradas “excêntricas” ou mal vistas pela sociedade, como comprimento da saia mais curto que o considerado padrão.

---

<sup>39</sup> O termo “educação” que se está referindo nesta categoria abrange as formas de se comportar em sociedade e não para o desenvolvimento intelectual, conforme as escolas femininas da época.



Um bom comportamento implicava na escolha do estilo adequado a seu tipo físico ou o uso do “novo espartilho”, seguindo as tendências da estação.

Esses itens foram reunidos nesta categoria, já que abrangem as condutas distintivas entre classes sociais e envolvem a moda, pois ela não é apenas o concreto, os tecidos, os trajes, mas também os comportamentos em uma sociedade guiada pela aparência, pelo prazer de ver e ser visto.

Tais elementos, expressos nas reportagens, podem ser exemplificados singularmente, ou então com a união de dois itens que se assemelham no contexto da matéria como pode ser visto no trecho seguinte.

As mulheres das elites, as *chics*, elegantes e *distintas*<sup>40</sup> frequentavam os salões, os bailes, os teatros, as cerimônias importantes. Nesses ambientes, o cumprimento às normas de conduta, designadas para o público feminino, era rigorosamente observado, como era o caso dos *footings*.<sup>41</sup>

Para a Parisiense, assim como para a Brasileira que começa a praticá-lo, é esse sport uma ocasião para apresentar uma nova toilette, para fazer gestos graciosos e frequentar familiarmente pessoas do outro sexo sem dar motivo á maledicencia.

Esse exercício encantador dá ensejo á exhibição de elegancias e ás pessoas espirituosas e maliciosas ocasião á esgrima das palavras. O Footing, ao contrario dos outros sports, não exige aprendizagem, nem penoso treinamento, não comporta inferioridades humilhantes, pois para fazer o Footing, basta saber caminhar com graça. [...]

O Footing é eminentemente propicio á conversa e se é avisado escolher com muito cuidado o vestido que se deve uzar, tanto mais empenho se deve ter na escolha do companheiro.

A moça bonita não deve escolher uma companheira feia e pouco elegante das que se chamam cruelmente *repoussoirs*. E' afflictivo o contraste da belleza com a fealdade. [...]

Tambem se deve fugir do amigo amável démais que não faz o Footing mas o *flirting*. Prefira-se o amigo animado, alegre e cortez, que sabe gozar das alegrias sãs da vida, companheiros perfeitos cuja presença dará mais graça aos prazeres da hora encantada do Footing (REVISTA DA SEMANA n. 05, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

As elegantes tinham uma vida social ativa, pois, além do *footing*, a hora do chá era um hábito que se seguia “nas sorveterias, leiterias, nos pontos que se aprouve chamar de reunião para o insipido *five o' clock tea*, sobre tudo aos sabbados, agglomera-se a gente” (REVISTA DA SEMANA n. 48, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

<sup>40</sup> Na *Revista da Semana*, bem como na seção *Jornal das Famílias*, esse termo aparece frequentemente, como indicativo de mulheres da elite, elegantes, com boa conduta e de destaque.

<sup>41</sup> O *footing* era considerado um “esporte elegante”, uma das formas de socialização entre as classes elevadas muito em moda na época. Era uma caminhada onde as mulheres punham um vestido novo para serem vistas. Na seção, o cronista dirige-se ao *footing* como um esporte (REVISTA DA SEMANA n. 05, 1917 - AHR-UPF).

Os passeios, as visitas, os jantares, os bailes, os eventos de caridade, os passeios de automóvel, os jogos, dentre outros, eram formas de relações sociais que, muito embora fossem eventos de “moda”, eram uma forma de as mulheres das classes mais abastadas distinguirem-se pelos trajes, ornamentos e modos. Segundo Oliveira, os trajes, os ornamentos e as maneiras de portar-se tornaram-se relevantes,

[...] nessa cultura de exposição de indivíduos. A indumentária de rua parecia conter um certo fetichismo, guardar segredos. Havia um estilo correto no vestir para ir às ruas. Um estilo discreto para o homem de negócios; e ‘de respeito’ para as mulheres – cobertas com chapéus, véus e luvas (2010, p. 182).

Quando se fala em educação e comportamentos sociais, na seção *Jornal das Famílias*, viu-se muitas vezes a expressão *savoir-vivre*, termo francês que na revista equivalia a “boas maneiras”. Simbolicamente, tais regras morais serviriam de guia para a sociedade, norteando o que é certo e o que não é.

Ha um ponto de *savoir-vivre* que certas pessoas – sobretudo as mulheres – esquecem muitas vezes, apesar de ser da mais alta importancia. O bom costume não permite fazer-se na conversação ao seu interlocutor uma serie de perguntas sem tacto e sem proposito, - e nada é mais descortes que fazer perguntas indiscretas (REVISTA DA SEMANA n. 15, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Na reportagem de 03 de março de 1917, a seção traz uma matéria que aborda os comportamentos das mulheres em público com relação aos gestos que são adequados para uma “boa educação”. Uma mulher elegante “deve” ter gestos graciosos e delicados, saber sentar-se e cruzar as pernas delicadamente, evitando movimentos bruscos e deselegantes. A maneira de portar-se e mover-se com graciosidade transmitiriam sinais de distinção.

Quantas vezes não ouvimos esta phrase – ‘Com effeito, ella é bonitinha, mas tem uma maneira de gesticular que a torna ridicula’.

A quantas meninas e moças não servirá esta phrase? Quantas devem tomar cuidado com os seus gestos!

Devem-se evitar os movimentos bruscos e desgraciosos levantando-se, andando, sentando-se, offerecendo uma chavena de chá, etc.; como se deve evitar uma porta bruscamente.

Não se deve também accentuar o que se diz com gestos muito exagerados, levantar os braços ou mexer com a cabeça a cada instante; as moças sobretudo devem evitar os gestos e posições que só convém aos homens; cruzarem por exemplo as pernas, pôrem-se muito a gosto n’uma cadeira, esticarem muito as pernas ou então balançarem com os pés.[...]

E’ absolutamente necessario para a mulher ter graça evitar os gestos nervosos e bruscos. – Com toda a facilidade se corrigem estes defeitos nas creanças; mais tarde

será muito difícil sendo o hábito uma segunda natureza (REVISTA DA SEMANA n. 04, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

A educação era uma forma de distinção, visto que, no meio social, além da aparência, saber comportar-se “aformoseava o exterior”. Na reportagem de 15 de setembro de 1917, a seção enfatiza que um dos “deveres” da mulher era, além de presentear as pessoas com a sua beleza natural, utilizar-se da educação para ser agradável para essas pessoas.

O principal papel das mulheres é agradarem, tanto pela graça física com que a natureza as dotou, como pela riqueza de espírito que a educação lhes tem proporcionado.

A educação também ensina a aformosar-nos exteriormente.

A mulher despendeada torna-se ridícula assim como um homem com a barba mal feita. Fica-se muitas vezes em dúvida se é mais excelente ter espírito, graça e recursos intelectuais ou boa roupa, bem talhada, e bonitas posições ou gestos.

Em sociedade tudo quanto moderadamente se fizer para parecer bem não é inútil: chega a ser até dever estrito; dever de educação (REVISTA DA SEMANA n. 32, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

No exemplar de 16 de março de 1918, intitulado *Conselhos Sociaes – A toilette das moças*, a reportagem expõe a influência que a indumentária e os comportamentos exerciam na vida social das mulheres, a ponto de influir na sua reputação, no círculo de amigas e na conquista de bons partidos.

Esta questão seria facilíssima de ser tratada se as moças fossem todas ajuizadas. Simplicidade! Modestia! Tal deveria ser a sua divisa se quisessem atrair a amizade das senhoras serias e o respeito dos homens, principalmente para não afastar os *partidos*.

É devido a isto que as moças modernas se casam tão dificilmente. Muitas toilettes, muitos passeios, muitas exigências e muitos desmazêlos afastam os rapazes os mais bem intencionados (REVISTA DA SEMANA n. 06, 1918, p. [s. p.] – ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL).

A reputação das mulheres é fundamental para o seu reconhecimento e sua aceitação social, afinal, a aparência, aliada ao comportamento social e moral, são os componentes do que se convencionou chamar de reputação. Segundo Bourdieu, a reputação constitui-se em uma forma de capital simbólico: “[...] o capital simbólico, geralmente chamado prestígio, reputação, fama, etc. que é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital” (1989, p. 134-135).

Outro ponto a ser levado em consideração a respeito dos comportamentos sociais do período refere-se às consequências das escolhas para a composição do estilo das mulheres, que podem ter êxito, e podem ser consideradas elegantes e *chics*, ou *cair no campo do ridículo*<sup>42</sup>.

Por isso, tornava-se necessário ter conhecimento de alguns critérios, visto que tais escolhas poderiam influenciar na reputação das senhoras, como, por exemplo, “dez centímetros a mais ou a menos no comprimento do vestido” (REVISTA DA SEMANA n. 12, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF). O comprimento das saias era uma questão relevante a ser considerada nas primeiras décadas do século XX, pois as senhoras poderiam ser consideradas “excêntricas” se não seguissem os padrões estabelecidos pela moda de *Paris*.

Segundo uma crônica da seção *Jornal das Famílias*, “a que cahe sobre o tornozelo é a que mais se aconselha e marca mesmo a exacta média do comprimento. Dá mais leveza, mais desembaraço ao andar” (REVISTA DA SEMANA n. 30, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Além da expressão “cair no campo do ridículo” e “excêntricas” para aquelas que “faziam mal uso da moda”, a revista divulga outros adjetivos como “burguesas endomingadas” para as que usam cores vivas e chamativas, ou “plebeia” com relação a certos cuidados que as mulheres devem ter em relação ao uso de determinados trajes que requerem “solenidade”<sup>43</sup> ou então “falta de gosto esthetic” que, conforme a crônica de 18 de março de 1916, “[...] a moda não desculpa, a senhora apresentar-se com braços nus, quando não são finos e torneados” (REVISTA DA SEMANA n. 06, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF). Enfatiza também, que as mulheres “deveriam” usufruir da moda para disfarçar os defeitos corporais e evidenciar o que elas apresentam de mais belo.

Nas crônicas da seção, anunciava-se uma moda com variações de nuances e tipos de tecidos, que pela sua variedade, poderiam ser classificados conforme a idade das mulheres, segundo o exemplar de 26 de agosto de 1916 (REVISTA DA SEMANA n. 29, 1916 - AHR-UPF). Porém, a classificação não se referia somente aos tecidos, mas também aos trajes e ornamentos, como, por exemplo, para as que tinham mais de 40 anos de idade, não era aconselhado o uso de determinado comprimento (mais curto) de saia (REVISTA DA SEMANA n. 42, 1915 - AHR-UPF).

O espartilho, como parte do vestuário, enquadra-se nesta análise na medida em que se refere aos usos e costumes do público feminino, uma vez que era utilizado como um

---

<sup>42</sup>Expressão muito usada na seção *Jornal das Famílias*, designadas para as mulheres que exageram, ou não têm bom gosto para a escolha das combinações da roupa e adereços.

<sup>43</sup> “A solenidade que há no kimono dá um aspecto régio à mulher, mas precisa revestir-se de uma certa garridice para não assumir um modo descuidado ou plebeu, e é com ele que triumphá ou se malogra a distincção” (REVISTA DA SEMANA n. 52, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

“modificador de formas” ou uma máquina que conduz para a silhueta ideal, para um modelo de beleza feminina. Na Figura 30, são apresentados três modelos de espartilhos da “nova silhueta” após os ajustes em função dos “danos” que causava, sendo o primeiro indicado para as meninas entre 16 e 18 anos de idade, pois o corpo nesse período, segundo a seção, já estaria desenvolvido o suficiente para o uso. Os outros dois modelos seriam indicados para senhoras mais magras e outro para as que são mais “robustas” (REVISTA DA SEMANA n. 44, 1916 – AHR-UPF).

O espartilho, mais do que o vestido, é uma machina propria para modificar as fôrmas e frequentemente para as crear artificiaes. O abuso chegou a tal ponto, que os medicos clamaram contra elle, e mostrando os seus inconvenientes conseguiu-se reduzir esse perigo a proporções mais modestas.

Tem o espartilho a pretensão de realizar quatro fins que, com ou sem razão, passam por outras tantas bellezas: levantar o peito, apertar a cintura, alargar as ancas e endireitar o corpo. E’ claro que as victimas do espartilho não deixam d’apresentar razões mais ou menos especiosas para se justificarem, taes como o ser necessario amparar a columna vertebral e o thorax, prestar apoio ás pessoas cheias, comprimir o ventre, etc (REVISTA DA SEMANA n. 13, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).



Figura 30: *Revista da Semana* n. 44, *Jornal das Famílias* n. 36, *Os novos espartilhos*, 09 de dezembro 1916. Ilustração de modelos de espartilhos.

Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional – Hemeroteca Digital Brasileira.

Nesse período, os espartilhos não eram mais tão utilizados como antes da Primeira Guerra Mundial, pois, como grande parte das mulheres teve de ingressar no mercado de trabalho, era necessário dispor de espartilhos, *corsets* e coletes mais confortáveis, que deixassem os movimentos femininos mais livres. Contudo, eles não deixaram de ser usados,



mas remodelados, como exposto anteriormente. Na seção *Jornal das Famílias*, apresentavam-se diversas reportagens e ilustrações dos “novos modelos de espartilhos”, *corsets* e coletes utilizados desde então e incentivava às moças e às senhoras o seu uso, como símbolo de distinção.

A silhoeta esbelta, a flexibilidade d’uma cintura não espartilhada, e que se impõe a toda mulher, parece estar em contradicção com a importancia que se dá ao *corset*.

– E’ a illogica feminina, de que o nosso sexo é tão contumaz! dir-se-ha.

Juizo temerario, porque o espartilho, tal como se comprehende hoje, não visa mais que essa linha, essa silhueta ideal.

Para a mulher magra, o *corset* pode-se substituir por uma simples faixa que abranja bem os rins e só suba alguns centímetros acima da cintura deixando o peito á vontade, completando-se com um *soutien-gorge*, caso não seja sufficiente então este toma a fôrma d’um *cache-corset* muito elegante.

A mulher cheia deve usar o collete que dissimule o peito, dando a linha direta que se quer, e sem a menor pressão sobre os órgãos. [...]

A pessoa cheia, porém; deve escolher sempre um espartilho que lhe assegure, quanto possivel, a linha exigida pela moda, e assim este modelo não se lhe pôde recomendar (REVISTA DA SEMANA n. 35, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Em uma reportagem da seção do início de 1917, a crônica discutia o uso dos coletes entre as mulheres, dizendo que as mais “robustas”, mesmo que a moda do período tenha deixado de ser das cinturas finas, insistiam em utilizar modelos que não eram adequados ao seu corpo, “[...] para parecerem menos gordas, se apertam em seus colletes” (REVISTA DA SEMANA n. 49, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF), não levando em consideração todos os inconvenientes que uma cintura muito apertada pode causar para a saúde.

A seção complementa, aconselhando o *colete* para moças a partir dos 17 anos de idade, pois conforme o texto é o “[...] momento em que a mulher está em seu pleno desenvolvimento” corporal (REVISTA DA SEMANA n. 49, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF), e ainda o *colete*, conforme as novas regras de higiene, desde que não causasse danos à saúde, ele deveria adaptar-se

[...] ás partes que elle tem que sustentar, sem as comprimir, deve ser macio e elastico para que os órgãos conservem a liberdade.

A conselho muito o colete composto de duas partes independentes e moveis uma sobre a outra, a primeira composta de um tecido elastico que envolva as cadeiras e o ventre e a segunda envolvendo a cintura sem a apertar e sustentar os seios. Esse systema assegura o bom funcionamento dos órgãos, e por conseguinte a saude, a elegancia e elasticidade do busto, muito mais attrahentes que a rigidez tão desgraciosa que faz da mulher uma martyr. E’ bom lembrar que o collete deve ser um apoio e não um instrumento de tortura (REVISTA DA SEMANA n. 49, 1917, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Ainda sobre os espartilhos, a seção *Jornal das Famílias* informa que eles estão divididos em três categorias, conforme as necessidades das mulheres: “preventivo, regulador e corretivo” (REVISTA DA SEMANA n. 44, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF). O *preventivo* seria aconselhado para as meninas, pois permite a liberdade de desenvolvimento do corpo, entretanto, declara que não seria recomendado o seu uso antes dos 14 ou 15 anos de idade. Caso a menina tivesse algum problema no desenvolvimento corporal, tenha tendência para engordar, seja magra demais e curva, então o espartilho seria aconselhado mesmo nesta idade como corretor. Já o *regulador*, seria indicado para as meninas entre 18 e 19 anos, quando o corpo já se apresenta desenvolvido, devendo ser utilizado até a idade madura. O corretivo seria apropriado

[...] para a senhora que perder as fôrmas por desleixo ou porque se serviu sempre d’um mau espartilho. Este deve ter as barbas fortes, o que auxilia a redução dos tecido superfluos, o estomago não fica comprimido nem as ancas, e não constrange, porque em certo pontos tem elastico o que permite a facilidade de movimentos. E recommenda-se que o ataquem na frente, para diminuir o abdomem (REVISTA DA SEMANA n. 44, 1916, p. [s. p.] - AHR-UPF).

Porém, o objetivo dos “novos espartilhos” além de proporcionar mais conforto para a mulher, continuava sendo o destaque e o reforço das formas culturalmente estabelecidas como idealmente femininas. Gênero e distinção social aí se agregam, uma vez que a utilização do espartilho era praticamente impossível às classes trabalhadoras.

Não só em público a mulher deveria seguir as regras de conduta e de aparência, mas também no lar. Sempre lembrando que *ela* era o modelo, exemplo para as filhas e guardiã da aparência da família. Na seção do exemplar de 09 de outubro de 1915, na última página do *Jornal das Famílias*, encontra-se a reportagem *A Vida no Lar: no que a mulher deve cuidar*.

A matéria oferece conselhos às senhoras em relação às cores dos trajes a serem usados no lar e incentiva os cuidados com a beleza para a manutenção do casamento e também para ser agradável com as pessoas que convivem ao seu redor.

Nada ha mais alegre para a vista e elegante que os trajes de casa em tons claros e mesmo com o seu tanto de vivos, e se na rua muita senhora não gosta de vestidos de côr, póde usa-los no lar.

A esposa causa sempre satisfação ao marido quando se lhe apresenta sob aspecto elegante, simples, sim, mas despertando o prazer dos olhos de todos que vivem a seu lado.

E’ conveniente adquirir esse costume desde os primeiros dias de casada e nunca se desviar dele nem mesmo quando a idade vae avançando. Mais uma razão para evitar que por esse lado provenha o aborrecimento (REVISTA DA SEMANA n. 35, 1915, p. [s. p.] - AHR-UPF).

As categorias aqui analisadas evidenciaram que os principais artigos da seção *Jornal das Famílias*, que compõe a maioria das matérias, eram dirigidos para um público feminino de uma camada social específica, aquelas mais abastadas da sociedade. A análise das categorias elencadas permitiu a identificação de variados componentes simbólicos de distinção social e de gênero, que de uma maneira geral, estavam atrelados à moda.

Oliveira descreve como uma mulher elegante do início do século XX deveria portar-se em meio à sociedade, pois deveria controlar seus gestos, fazer-se notar expressando a naturalidade dos seus encantos “[...] e sua beleza, seus passos eram firmes e retos, seu olhar se dirigia para frente. Era cobrado que a ‘senhora soubesse conservar um ar modesto e uma atitude séria, que a todos imponha o devido respeito’” (2010, p. 185).

A mulher que está em busca de ser *distinta*, elegante, *chic*, tem que seguir uma série de itens: o penteado, os adornos essenciais, a vestimenta com tecido e *fazenda*<sup>44</sup> de boa qualidade, as normas de conduta para cada ocasião, uma boa educação. Tudo isso era considerado o resultado do bom gosto dela e, partindo desse ponto, definir-se-á o ser, ou não ser, uma referência de distinção feminina.

---

<sup>44</sup> Termo usado na seção *Jornal das Famílias*, referindo-se aos tecidos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado teve como objetivo central compreender de que forma o tema *Moda*, veiculado na *Revista da Semana*, no período entre 1915 e 1918, em especial na Seção *Jornal das Famílias*, foi um instrumento de distinção social e de gênero. Em outras palavras, a análise buscou perceber como a revista, por meio das matérias sobre moda, ajudou a construir e a reforçar determinados valores, modelos de conduta e papéis sociais atribuídos às mulheres de um grupo social específico, entendido como o principal público-alvo da revista.

O início do século XX foi marcado por várias transformações, não somente no panorama político, com a instauração da Primeira República, mas também com o desenvolvimento industrial e urbano, processo que levou o capitalismo a solidificar-se no país. As cidades prosperavam, principalmente as capitais. Ocorreram modificações na vivência da sociedade, consolidando-se uma nova atmosfera definida como “urbana” e “moderna”.

Tais transformações podiam ser percebidas pela postura dos indivíduos em relação à moda, pois, com as reformas urbanas e os projetos de modernização das cidades, as pessoas também se remodelavam, dando maior atenção à aparência pessoal, o que levou a uma maior demanda por informações sobre moda.

Esse mesmo período foi um momento propício para o desenvolvimento da imprensa ilustrada, surgindo várias revistas, como a *Revista da Semana*, considerada a primeira publicação brasileira a utilizar a fotografia para ilustrar suas reportagens. Foi a mais duradoura publicação semanal na história da imprensa brasileira, circulando de 1900 até 1959.

O modelo adotado pela revista foi o de certo “elitismo cultural”, visto que seu público-alvo era justamente as senhoras e as moças das classes abastadas da sociedade, frequentadoras dos eventos sociais, passeios nas avenidas, *soirrés*, entre outros. Essa fusão do elitismo cultural com um consumidor majoritariamente feminino, levava a moda a ser um dos temas mais destacados, uma vez que, após a mudança de uma revista de “variedades” para “revista feminina”, a moda dava ênfase a um modelo de modernidade adquirido pelo país (comum nos periódicos daquela época), e atendia às aspirações desse consumidor que era idealizado pela revista.

Embora o tema *Moda*, perpassasse a revista de um modo geral, ela concentrou-se, sobretudo, na seção *Jornal das Famílias*, denominada, então, de *Pequeno Jornal*. Folheando a seção *Jornal das Famílias* da *Revista da Semana*, observa-se um verdadeiro “desfile” das

mulheres das classes abastadas, especialmente do Rio de Janeiro, principal local de circulação do periódico.

Essas mulheres frequentavam salões, teatros, dentre outros espaços de sociabilidade nos quais, como costume do período, apresentavam-se cuidadas e bem-vestidas, respeitando as tendências da moda e de comportamento ditadas pela sociedade, pelos meios de comunicação da época, tendo como principal meio as revistas.

Observou-se, ainda, que a seção *Jornal das Famílias* apresentava um eixo central, a *Moda*, em que se evidenciavam as últimas tendências da época, bem como os padrões de comportamento pelos quais as mulheres deveriam orientar-se, na sua forma de agir e na forma de vestir. A partir dessas observações, analisou-se a moda como fator de distinção social associada a um modelo de conduta feminino, levando a crer que essa relação era o “fio condutor” da maioria das matérias da seção *Jornal das Famílias*, inserido na *Revista da Semana*.

Ao ler as reportagens, percebeu-se a preocupação da seção em mostrar formas e valores de distinção social, além da preocupação de manter o leitor informado sobre as tendências de modas, comportamentos e inovações vindas do exterior. Essas “maneiras de distinguir-se” estavam no vestuário, nos acessórios, nos trejeitos e comportamentos, relações sociais, cuidados com o corpo e penteados da moda. A seção divulgava as tendências do momento, o que as mulheres elegantes e *chics* das classes abastadas da sociedade “deveriam” seguir e usar para permanecerem “distintas”.

Embora essas questões apareçam de forma clara na leitura da seção *Jornal das Famílias*, uma identificação mais específica dos temas citados acima, não é tão simples, uma vez que a *Revista da Semana*, assim como a seção estudada, caracteriza-se por ser de *variedades*, abordando diferentes temas numa mesma seção.

Porém, as temáticas tinham alguns pontos em comum, em geral, eram direcionadas para as mulheres. As formas de distinguir-se estavam em cada detalhe, como nas matérias que descreviam bordados, ou nas reportagens que ensinavam maneiras de aformosear-se, ou nos conselhos para se comportar em sociedade e demais matérias. De alguma maneira a distinção e a moda estavam presentes na maioria das reportagens.

Sendo assim, para uma organização metodológica do trabalho, definiu-se cinco categorias de análise, a partir do conteúdo da seção *Jornal das Famílias*. Tais categorias agrupam determinados componentes que atribuíam distinção social ao Gênero feminino, vinculados à moda.



Dividiu-se a análise em Tecidos; Indumentária e Ornamentos; Detalhes; Corpo e beleza; Sociabilidade, Educação e Comportamento Social. Essa organização permitiu identificar que das 1256 reportagens (100%), 620 (49,37%) enquadram-se nos parâmetros estabelecidos para a problemática central da pesquisa, isto é, quase a metade do número das reportagens da seção *Jornal das Famílias* difundem valores de moda e distinção social e as relações de identidade de gênero.

Quanto aos elementos agrupados na categoria *Tecidos*, conclui-se que esse elemento era evidenciado no início do século XX como divisor de classes sociais, existindo os tecidos finos e de qualidade com custo maior e os de menor qualidade e de valor mais baixo. Ainda que em tempos de guerra o custo dos tecidos tivesse aumentado e os trajes tivessem passado a ser confeccionados com menos metragem, a qualidade dos tecidos permanecia como um fator de diferenciação e sofisticação.

Na categoria *Indumentária e Ornamentos*, observou-se a relevância dada à adequação do traje e ornamentos conforme as situações e ambientes. Os manuais de etiqueta e “normas” seguidas pela sociedade definiam o vestuário e a ornamentação adequada para cada local específico como teatros, passeios de carro, visitas, trajes e acessórios para o lar, entre outros.

Para uma mulher considerada elegante e distinta da classe abastada da sociedade, seguir as tendências de cada estação era um “dever” para distinguir-se das demais, afinal com tantos eventos, uma das maneiras de distinguir-se, de acordo com a seção *Jornal das Famílias*, era através dos trajes e acessórios finos, além da sua combinação.

Os detalhes eram importantes, tanto no vestuário, quanto nos ornamentos. Os *Detalhes* constituíam-se em fator relevante para a distinção entre classes, pois, ao mesmo tempo em que se recomendava uma moda sem exageros, as matérias analisadas primavam pelos detalhes que, segundo os editores/autores, enriqueciam a indumentária e os acessórios como nos casos do uso de terminada renda ou o traje, sendo adornado com fitas em veludo.

Quanto à categoria *Corpo e Beleza*, percebe-se que os cuidados com a aparência e a preocupação com a mocidade eram uma prática cultivada desde a infância. A beleza fazia parte da construção da imagem do público feminino das classes mais abastadas da sociedade, distinguindo-as das demais que não tinham tempo nem condições financeiras para esses cuidados. Na seção *Jornal das Famílias*, encontram-se muitas referências nesse sentido, como a brancura da pele, o cuidado com as mãos ou a necessidade da prática de esportes.

Já com relação à categoria *Sociabilidade, educação e comportamento social*, que diz respeito ao comportamento em sociedade, as orientações encontradas nas matérias da seção pautavam-se pelos manuais de etiqueta, tendo em vista que, para ser considerada elegante e

*chic*, uma mulher deveria frequentar os locais da moda, saber portar-se de determinada maneira, além de seguir as tendências de moda do exterior. A educação, referida na seção, na maioria das vezes, dizia respeito a essas questões, ou seja, uma moça educada deveria saber portar-se socialmente.

Desse modo, afirma-se que as cinco categorias de análise utilizadas na pesquisa permitiram compreender de que maneira a moda era utilizada como distinção de classe e de gênero, podendo identificar os diferentes componentes simbólicos da distinção ligados à moda. Assim, juntas, as categorias de análise formaram um todo – a moda – identificador de classes, e gênero na seção *Jornal das Famílias*.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Angela Mendes de. *A “natureza” e seus múltiplos usos*. Estudos Sociedade e Agricultura, 4 jul. 1995. Disponível em: <<http://r1.ufrj.br/esa/V2/ojs/index.php/esa/article/viewFile/61/62>>. Acesso em: 23 out. 2014.
- ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. Campinas, UNICAMP, 1998. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/up000028.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2015.
- ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- ANHESINI, Célia M. J; QUEIROZ, Fernanda (pesquisa e elaboração). *Terminologia do vestuário: português; espanhol-português; inglês-português; francês-português*. Escola Senai “Eng. Adriano José Marchini”. São Paulo: Centro Nacional de Tecnologia em Vestuário, 1996.
- ARAÚJO, Luis. *Paquin*. 1º nov. 2008. Disponível em: <[http://luismoda.blogspot.com.br/2008\\_11\\_01\\_archive.html](http://luismoda.blogspot.com.br/2008_11_01_archive.html)>. Acesso em: 2015.
- Av. Rio Branco é símbolo do Rio Moderno. *R7 Notícias*. 30 maio 2010. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/cidades/fotos/av-rio-branco-e-simbolo-do-rio-moderno-20100530-3.html>>. Acesso em: 2015.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa Brasil: 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARDARD, Malcolm. *Moda e comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARRETO, Paulo. *João do Rio*. Crônicas Efêmeras: João do Rio na Revista da Semana. Pesquisa e apresentação de Níobe Abreu Peixoto. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- BAUDELAIRE, Charles. *The Painter of Modern Life and Other Essays*. Translated by Jonathan Mayne. London: Phaidons, 1964.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, [1949] 1980.
- BOTICA DE LA NATURALEZA, s. d. Vinagre de bully. Disponível em: <<http://lifeglobal.blogspot.com.br/2007/09/botica-de-la-natureza.html>>. Acesso em: 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A distinção: crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2013.
- \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro, 1989.
- BOURDIEU, Pierre; DELSAUT, Yvette. O costureiro e sua grife. *Educação em revista*, Belo Horizonte n. 34, dez., 2001.

BRAGA, João. *História da moda: uma narrativa*. 8. ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2009.

BUITONI, Dulcília. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_. *A mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.

CADENA, Nelson Varón. *Revista da Semana: a grande empreitada*. 2011. Disponível em: <<http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/revista-da-semana-a-grande-empreitada/>>. Acesso em: 22 nov. 2014.

CALANCA, Daniela. *História social da moda*. São Paulo: Senas São Paulo, 2008.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1991.

CIDREIRA, Renata Pitombo. *Os sentidos da moda*. São Paulo: Annablume, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

\_\_\_\_\_. *Defesa e Ilustração da noção de Representação*. *Fronteiras*, Dourados, MS, v. 13, n. 23, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/1598/955>>. Acesso em: 06 maio 2015.

COLLING, Ana. A construção histórica do feminino e do masculino. Gênero e cultura: questões contemporâneas. In: STREY, Marlene N; CABEDA, Sônia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Orgs). *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre/ RS: EDIPUCRS, 2004. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=W2NjdZYNTqIC&oi=fnd&pg=PA13&dq=natureza+feminina&ots=BZqZr-3DNS&sig=Qs72q0Z6OHGv3PoNhCzkLeI7c5U#v=onepage&q=natureza%20feminina&f=false>>. Acesso em: 10 dez. 2014.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Editora, 1979.

Costumes de Jersey. *Illustration of Art*. Fotografia. Disponível em: <<https://www.pinterest.com/pin/290271138454277721/>>. Acesso em: 2015

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. 2. ed. São Paulo: Senac, 2013.

D'ÁVILA, Carmen. *Boas maneiras*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

DIAZ BORDENAVE, Juan E. *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

DUROZOI, Gérard; ROUSSEL, André. Tradução Marina Appenzeller. *Dicionário de filosofia*. 5. ed. Campinas/SP: Papirus, 2005. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=Sh8bHlea2YIC&oi=fnd&pg=PA81&dq=dicion%C3%A1rio+de+sociologia&ots=pPHNhwQxY8&sig=KtmDnRTFHqE->>

B6Ua0YvAVgJm7DM#v=onepage&q=dicion%C3%A1rio%20de%20sociologia&f=false>. Acesso em: 04 maio 2015.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. V. I: uma História dos Costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FEIJÃO, Rosane. *Moda e modernidade na belle époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras, 2011.

FEYEL, Gilles. *Histoire de la presse écrite*. SFEZ, Lu-cien. *Dictionnaire de la Communication*, v. 2. Paris: Seuil, 1993.

GARB, Tamar. Gustave Caillebotte's Male Figures: Masculinity, Muscularity and Modernity. In: AUTORES *Bodies of Modernity: figure and flesh in Fin-de-Siècle France*. London: Thames & Hudson, 1998.

GLAMOUR DAZE. *A Short History of Women's Fashion – 1900-1969*. Disponível em: <<http://glamourdaze.com/history-of-womens-fashion>>. Acesso em: 2015.

HAHNER, June E. Mulheres da elite: honra e distinção das famílias. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

HAWTHORNE, Rosemary. *Por baixo dos panos: a história da calcinha*. São Paulo: Matrix, 2009.

HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2. ed. São Paulo: Cia da Letras, 1995, p. 198-199.

KÖHLER, Carl. *História do vestuário*. Edit. e atual. Emma Von Sichart; Trad. Jefferson Luiz Camargo; rev. trad. Silvana Vieira, 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da Av. Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005.

LASCH, Christopher. *A mulher e a vida cotidiana: amor, casamento e feminismo*. Elizabeth Lasch-Quinn (Org.) Trad. Heloísa Martins Costa, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas/ – SP: Unicamp, 1990.

\_\_\_\_\_. *História e memória*. Campinas/SP: Unicamp, 2003.

LENOBLE, Robert. *História da Idéia de Natureza*. Lisboa: Edições 70, 1990.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LIPOVETSKY, Gilles; ROUX, E. *O luxo eterno: da idade do sagrado ao tempo das marcas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.



LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2006.

MALLMANN, Marcela Cockell. Pelos becos e pela avenida da Belle Époque carioca. (UERJ). Departamento de Letras. *Soletras*, São Gonçalo, Ano X, nº 20, p. 105-118, jul./dez., 2010. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/soletras/20/09.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

MALTA, Marize. *O olhar decorativo: ambientes domésticos em fins do século XIX no Rio de Janeiro: Mauad X*, 2014. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=ipAQBAAAQBAJ&pg=RA1-PR3&lpg=RA1-PR3&dq=Revista+da+Semana++Jornal+das+Fam%C3%ADlias+1915&source=bl&ots=NGel9BtpUo&sig=hhgyoz5UTx7LYBt0y7IIItXbugsk&hl=pt-BR&sa=X&ei=p7pjVOPOCoWhNsGwhNgB&ved=0CC0Q6AEwAw#v=onepage&q=Revista%20da%20Semana%20%20Jornal%20das%20Fam%C3%ADlias%201915&f=false>>. Acesso em: 15 nov. 2014.

MALUF; Marina; MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: NOVAES, Fernando A. (Coord.); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil: República – da Belle Époque à era do rádio*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Comunicação e jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: imprensa e práticas culturais em tempos de república*. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

MATTOS, Maria de Fátima da S. Costa G. Moda, imagem e representação. p. 158-175. In: BONADIO, Maria Claudia; MATTOS, Maria de Fátima da S. Costa G. de. (Org.). *História e cultura de moda*. São Paulo: Estação das Letras, 2011.

MAUAD, Ana Maria. *Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social da classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, 1990. Disponível em: <<http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/dssam.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

MEYRER, Marlise; GEVERHR, Daniel Luciano. *Gênero, identidade étnica e poder: mulheres na imigração alemã no Rio Grande do Sul*. E-book. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo, 2014.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <[http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html)>. Acesso em: 20 fev. 2015.

NABUCO, Carolina. *Oito décadas*. 2. ed. Rio de Janeiro/RJ: Nova Fronteira, 2000.

NEVES, Margarida de Souza. Os Cenários da República. O Brasil na virada do século XIX para o século XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da república à revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

OLIVEIRA, Cláudia. A iconografia do moderno: a representação da vida urbana. In: OLIVEIRA, Cláudia de; VELLOSO, Monica Pimenta; LINS, Vera. *O moderno em revistas: representações do Rio de Janeiro de 1890 a 1930*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. SciELO-Centro Edelstein, 2010. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=k8mRBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT10&dq=Urbaniza%C3%A7%C3%A3o+e+mudan%C3%A7a+social+no+Brasil++Por+Ruben+George+Oliven&ots=K0vkkpMDm9&sig=BoAFN-uSzzJhqeM4HDukLW3C\\_ho#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=k8mRBAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT10&dq=Urbaniza%C3%A7%C3%A3o+e+mudan%C3%A7a+social+no+Brasil++Por+Ruben+George+Oliven&ots=K0vkkpMDm9&sig=BoAFN-uSzzJhqeM4HDukLW3C_ho#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em: 23 fev. 2015.

\_\_\_\_\_. Cultura e modernidade no Brasil. *São Paulo Perspectiva*, São Paulo, v. 15. n. 2, abr./jun., 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8571.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2015.

PEZZOLO, Dinah Bueno. *Tecidos: história, tramas, tipos e usos*. São Paulo: Senac, 2007.

PITOMBO, Renata. *A moda enquanto manifestação simbólica*. Grupo Comunicação e Cultura Contemporânea. UFBA. 1997. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/sentido/moda.html>>. Acesso em: 24 out. 2013.

PRADO, Luís André do; BRAGA, João. *História da moda no Brasil: das influências às autorreferências*. 2. ed. São Paulo: Disal 2011.

REMER, Maísa Milène Zarur. A participação da mulher na sociedade – de rainha do lar ao magistério. *Revista Uniandrade*, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 19-35, jan./jun., 2010. Disponível em: <<http://www.uniandrade.br/revistauniandrade/index.php/revistauniandrade/article/view/2/2>>. Acesso em: 27 jan. 2014.

ROCHA, Clara. *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo e beleza: “Sempre bela”. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

SCALZO, Marília. *Jornalismo de revista*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SEVCENKO, Nicolau. O Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAES, Fernando A. (Coord.). *História da vida privada no Brasil: República – da Belle Époque à era do rádio*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. Feminismo radical – pensamento e movimento. *Revista Travessias – Educação, Cultura, Linguagem e Arte*, Cascavel/PR, v. 2, n. 3, 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3107/2445>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

SILVA; Gisele Taboada da; NERY, João Elias. A literatura na Revista da Semana. *Thesis*, São Paulo, ano IV, vol. 7, 2007. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/designjohnson/thesis7-literatura>>. Acesso em: 23 out. 2013.

SIMMEL, George.. A moda. *Iara*, Revista de Moda, cultura e arte São Paulo, v. 1, n. 1, p. 163-188, abr./ago., 2008. Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/109259/mod\\_resource/content/2/Simmel%20-%20A%20moda.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/109259/mod_resource/content/2/Simmel%20-%20A%20moda.pdf)>. Acesso em: 23 abr. 2014.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. A cidade e a urbanização no ideário da modernidade republicana. In: MATA, Sérgio Ricardo da; MOLLO, Helena Miranda; VARELLA, Flávia Florentino Varella (Org.). Caderno de resumos & Anais do 2º Seminário Nacional de História da Historiografia. *A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas*. p. 1-11. Ouro Preto: EdUFOP, 2008. Disponível em: <<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/seminariodehistoria2008/t/sma.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2015.

SOIHET, Rachel. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro da virada dos séculos XIX a XX. *Diálogos Latinoamericanos*, n. 2, p. 92-114, 2000. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/162/16200208.pdf>>. Acesso em: 07 fev. 2014.

\_\_\_\_\_. Movimento de mulheres: a conquista do espaço público. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. *Nova história das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

*Spring Fashion by Jeanne Lanvin Paris 1916*. Fotografia. Disponível em: <<http://wwifashion.com/2014/01/09/spring-fashion-by-jeanne-lanvin-paris-1916/>>. Acesso em: 2015.

STAFFE, Baronesa de. *Règles du Savoir-Vivre dans la Société Moderne*. 59. ed. Paris: Victor-Havard, 1891.

STEVENSON, N. J. *Cronologia da moda: de Maria Antonieta a Alexander McQueen*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SVENDSEN, Lars. *Moda: uma filosofia*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

TABOADA, G.; NERY, J. E.; MARINHO, M. G. *A Revista da Semana em perspectiva*. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 4, *Anais...* São Paulo, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/66248782862929906730788619121886547386.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2013.

## REVISTAS:

ARQUIVO HISTÓRICO REGIONAL (AHR – UPF). Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, 2015.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Fundação Biblioteca Nacional (FBN). Portal de periódicos nacionais, Biblioteca Nacional Digital. Disponível em: <[hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br)>. Acesso em: 2013 a 2015.

REVISTA DA SEMANA – 1900 a 1918 – Ref. da coleção: PR\_SPR\_00666\_025909 (ACERVO DIGITAL DA BIBLIOTECA NACIONAL).

REVISTA DA SEMANA n. 01, Rio de Janeiro, ano I, 20 de maio 1900.

REVISTA DA SEMANA n. 669, Rio de Janeiro, ano XIII, 08 de março 1913.

REVISTA DA SEMANA n. 01, Rio de Janeiro, ano XV, 14 de fevereiro 1914.

REVISTA DA SEMANA n. 30, Rio de Janeiro, ano XVI, 04 de setembro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 31, Rio de Janeiro, ano XVI, 11 de setembro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 32, Rio de Janeiro, ano XVI, 18 de setembro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 33, Rio de Janeiro, ano XVI, 25 de setembro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 34, Rio de Janeiro, ano XVI, 02 de outubro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 35, Rio de Janeiro, ano XVI, 09 de outubro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 37, Rio de Janeiro, ano XVI, 23 de outubro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 38, Rio de Janeiro, ano XVI, 30 de outubro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 39, Rio de Janeiro, ano XVI, 06 de novembro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 40, Rio de Janeiro, ano XVI, 13 de novembro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 41, Rio de Janeiro, ano XVI, 20 de novembro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 42, Rio de Janeiro, ano XVI, 27 de novembro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 44, Rio de Janeiro, ano XVI, 11 de dezembro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 45, Rio de Janeiro, ano XVI, 18 de dezembro 1915.

REVISTA DA SEMANA n. 47, Rio de Janeiro, ano XVI, 01 de janeiro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 48, Rio de Janeiro, ano XVI, 08 de janeiro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 49, Rio de Janeiro, ano XVI, 15 de janeiro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 50, Rio de Janeiro, ano XVI, 22 de janeiro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 51, Rio de Janeiro, ano XVI, 29 de janeiro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 52, Rio de Janeiro, ano XVI, 05 de fevereiro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 01, Rio de Janeiro, ano XVII, 12 de fevereiro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 03, Rio de Janeiro, ano XVII, 26 de fevereiro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 04, Rio de Janeiro, ano XVII, 04 de março 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 06, Rio de Janeiro, ano XVII, 18 de março 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 09, Rio de Janeiro, ano XVII, 08 de abril 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 12, Rio de Janeiro, ano XVII, 29 de abril 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 13, Rio de Janeiro, ano XVII, 06 de maio 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 16, Rio de Janeiro, ano XVII, 27 de maio 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 27, Rio de Janeiro, ano XVII, 12 de agosto 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 29, Rio de Janeiro, ano XVII, 26 de agosto 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 30, Rio de Janeiro, ano XVII, 02 de setembro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 31, Rio de Janeiro, ano XVII, 09 de setembro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 32, Rio de Janeiro, ano XVII, 16 de setembro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 33, Rio de Janeiro, ano XVII, 23 de setembro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 36, Rio de Janeiro, ano XVII, 14 de outubro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 38, Rio de Janeiro, ano XVII, 28 de outubro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 40, Rio de Janeiro, ano XVII, 11 de novembro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 43, Rio de Janeiro, ano XVII, 02 de dezembro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 44, Rio de Janeiro, ano XVII, 09 de dezembro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 45, Rio de Janeiro, ano XVII, 16 de dezembro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 47, Rio de Janeiro, ano XVII, 30 de dezembro 1916.

REVISTA DA SEMANA n. 48, Rio de Janeiro, ano XVII, 06 de janeiro 1917.

REVISTA DA SEMANA n. 49, Rio de Janeiro, ano XVII, 13 de janeiro 1917.

REVISTA DA SEMANA n. 04, Rio de Janeiro, ano XVIII, 03 de março 1917.

REVISTA DA SEMANA n. 05, Rio de Janeiro, ano XVIII, 10 de março 1917.

REVISTA DA SEMANA n. 08, Rio de Janeiro, ano XVIII, 31 de março 1917.

REVISTA DA SEMANA n. 09, Rio de Janeiro, ano XVIII, 07 de abril 1917.

REVISTA DA SEMANA n. 15, Rio de Janeiro, ano XVIII, 19 de maio 1917.

REVISTA DA SEMANA n. 17, Rio de Janeiro, ano XVIII, 02 de junho 1917.

REVISTA DA SEMANA n. 26, Rio de Janeiro, ano XVIII, 04 de agosto 1917.



- REVISTA DA SEMANA n. 28, Rio de Janeiro, ano XVIII, 18 de agosto 1917.
- REVISTA DA SEMANA n. 32, Rio de Janeiro, ano XVIII, 15 de setembro 1917.
- REVISTA DA SEMANA n. 47, Rio de Janeiro, ano XVIII, 29 de dezembro 1917.
- REVISTA DA SEMANA n. 48, Rio de Janeiro, ano XVIII, 05 de janeiro 1918.
- REVISTA DA SEMANA n. 02, Rio de Janeiro, ano XIX, 16 de fevereiro 1918.
- REVISTA DA SEMANA n. 03, Rio de Janeiro, ano XIX, 23 de fevereiro 1918.
- REVISTA DA SEMANA n. 06, Rio de Janeiro, ano XIX, 16 de março 1918.
- REVISTA DA SEMANA n. 08, Rio de Janeiro, ano XIX, 30 de março 1918.
- REVISTA DA SEMANA n. 13, Rio de Janeiro, ano XIX, 04 de maio 1918.
- REVISTA DA SEMANA n. 14, Rio de Janeiro, ano XIX, 11 de maio 1918.
- REVISTA DA SEMANA n. 21, Rio de Janeiro, ano XIX, 29 de junho 1918.
- REVISTA DA SEMANA n. 26, Rio de Janeiro, ano XIX, 03 de agosto 1918.
- REVISTA DA SEMANA n. 27, Rio de Janeiro, ano XIX, 10 de agosto 1918.
- REVISTA DA SEMANA n. 45, Rio de Janeiro, ano XIX, 14 de dezembro 1918.
- REVISTA DA SEMANA n. 47, Rio de Janeiro, ano XIX, 28 de dezembro 1918.
- REVISTA DA SEMANA, n. 45, Rio de Janeiro, ano XL – 14 de outubro 1939.
- REVISTA DA SEMANA, n. 48, Rio de Janeiro, ano XL – 04 de novembro 1939.
- REVISTA DA SEMANA, n. 01, Rio de Janeiro, ano XLI – 06 de janeiro 1940.
- FON-FON n. 23, Rio de Janeiro, ano IX, 05 de junho 1915.
- FON-FON n. 45, Rio de Janeiro, ano X, 04 de novembro 1916.
- FON-FON n. 28, Rio de Janeiro, ano XI, 14 de julho 1917.
- FON-FON n. 39, Rio de Janeiro, ano XI, 29 de setembro 1917.